REVISTA DA SEMANA

N.º 49 ★ 9-12-50

CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL



NO TEXTO: NA MECA DO ESPIRITISMO – ENTREVISTA COM PITIGRILLI EM BUENOS AIRES – JULIO LOUZADA DIVULGA A "ORAÇÃO DE ANO BOM"



AO PÚBLICO DE TODO O BRASIL

COMPREM DO RIO DE JANEIRO PELO REEMBOLSO POSTAL — APROVEITEM ESTAS MARAVILHOSAS OFÉRTAS

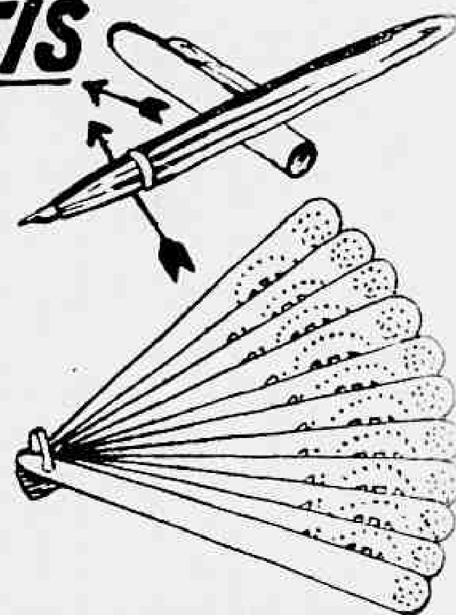
GRATIS

Para compras acima de Cr$ 150,00, enviaremos um colar com linda medalha de prata com gravação de um verso religioso

CASAS ROULIEN

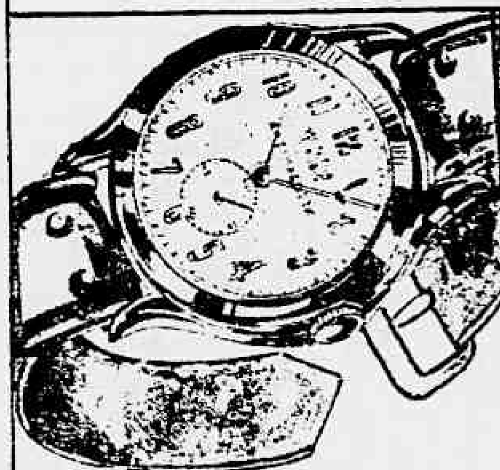
Comprem na mais antiga organisação de Reembolso, que lhe apresenta as suas maravilhosas e sensacionais ofertas para 1950. por precode reclame.

GRATIS



Para compras acima de Cr$ 250,00, enviaremos uma linda caneta-tinteiro Norte Americana, com pena e parte superior folheadas a ouro, ou, um lindo e artistico leque de celulóide maleável, resistente, lindas côres e excepcional brilho.

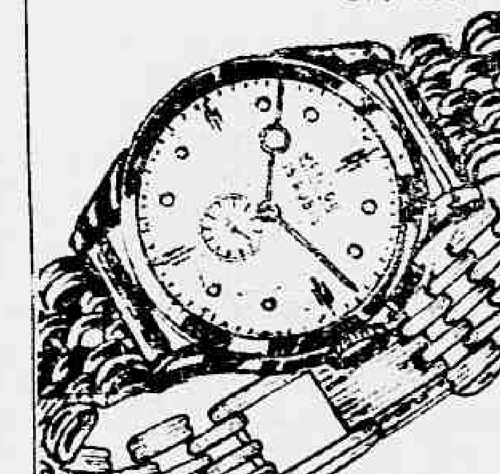
Compre para V.S., seus familiares e pessoas amigas, e ganhe um dos lindos brindes-ofertas.



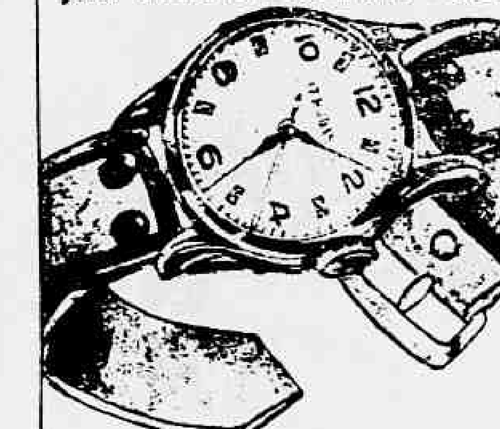
24188 MARAVILHOSO relógio de pulso para homem, 15 rubis, Suiço, folheado a ouro 18 quilates pulseira de matéria plástica, fundo de aço, anti-magnetico e caixa de fina espessura. Cr$ 365,00



24189 CRONOGRAFO, 17 RUBIS SUPER-ESPECIAL, ANCORA, para homem, máquina Suiça de absoluta precisão, folheado a ouro 18 quilates, marcando o tempo, velocidade e décimos de segundos — Cr$ 680,00



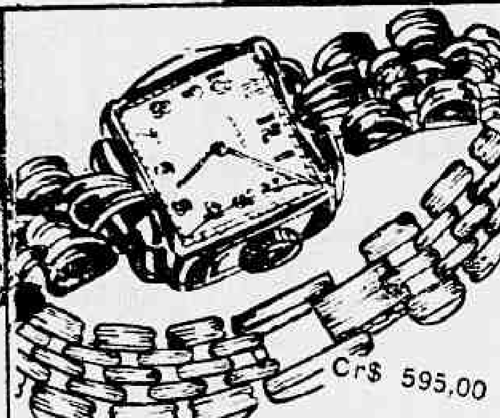
24187 SENSACIONAL!... Relógio de pulso para homem, 15 rubis, Suiço, folheado a ouro com linda pulseira também folheada a ouro com fecho de graduação. Linda jóia. APROVEITEM!..Cr$ 425,00



24161 EXCEPCIONAL relógio para homem, 17 rubis, ANCORA, ponteiro central de segundos, máquina Suiça de absoluta precisão, folheado a ouro 18 quilates. Enviamos certificado de garantia — Cr$ 348,00



24191 DESLUMBRANTE relógio THUSSI, ANCORA, 15 rubis, para homem, máquina mundialmente conhecida, caixa de fina espessura, todo folheado a ouro, com pulseira MANCHESTER também folheada a ouro e com certificado de garantia —Cr$ 575,00

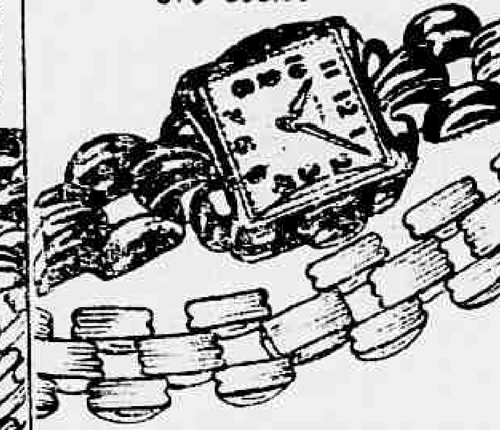


Cr$ 595,00

24186 SENSACIONAL!.. MARAVILHOSO relógio Suiço, ANCORA, 15 rubis, para senhora, folheado a ouro, com linda pulseira MANCHESTER também folheada Enviamos certificado de garantia Cr$ 595,00



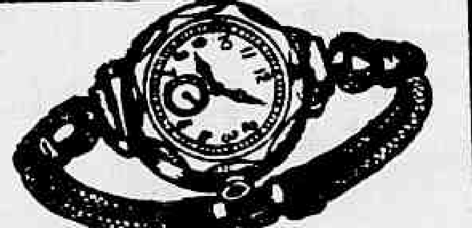
24185 DISTINTO relógio para senhora, Suiço, 15 rubis, folheado a ouro, vidro côncavo, cordonet de seda. — Cr$ 398,00



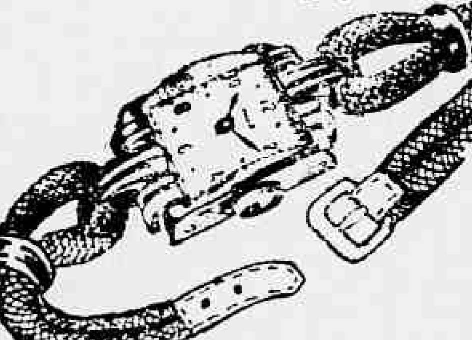
24111 LINDO relógio para senhora, 15 rubis, Suiço, com vidro côncavo, folheado a ouro, com linda pulseira também folheada. Enviênos medida do pulso. Cr$ 489,00



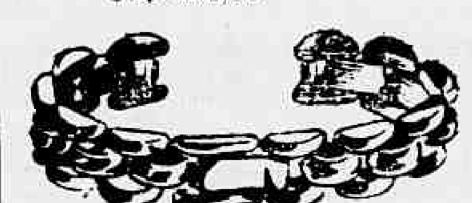
24184 DESLUMBRANTE!... Relógio para senhora, Suiço, ANCORA, 15 rubis, folheado a ouro, com valiosa pulseira BRISTAN também folheada a ouro, garantido, com cravação de lindos rubis. Enviamos certificado de garantia. Não confundir com imitações. Cr$ Cr$ 655,00



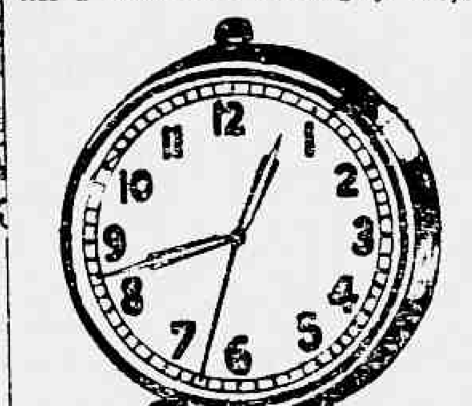
24139 Relógio Suiço, folheado, com rubis e cordonet de seda. Cr$ Cr$ 193,00



24183 — MARAVILHOSO, ANTI-MAGNETICO, para senhora, Suiço, ANCORA, 15 rubis, vidro lente côncavo, folheado a ouro, com cordoneto de seda, fundo de aço inoxidável, com certificado de garantia. Cr$ 448,00



24180 LINDA pulseira de relógio para senhora, folheada a ouro, com fecho de segurança. Envie-nos a medida do pulso. Cr$ 133,00



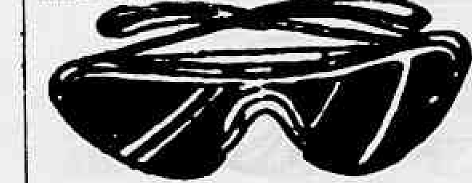
24144 DESPERTADOR Suiço, máquina de excelente qualidade e absoluta precisão — Cr$ 128,00



24099 ELEGANTE ÓCULOS NU-MONT, sem aro, com excelente armação de primeira, folheado a ouro 18 quilates, ULTRA-MODERNO, garantido, com especial vidro verde, branco ou fumaça — Cr$ 125,00

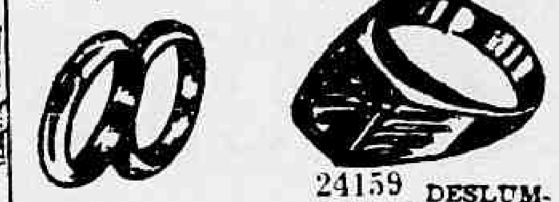


24100 DISTINTO óculos tipo RAYBAM, com aro dourado ou cromado, com vidros verde ou fumaça — Cr$ 65,00. Com especial estojo de couro para proteção, mais Cr$ 11,00.



24174 ÓCULOS MODERNOS PARAFLEX, folheados a ouro, com vidros verdes inquebráveis com estojo de couro — Cr$ 110,00

MEDIDAS PARA ANEIS E ALIANÇAS — Depois de haver tomado a medida do dedo, junte a ponta de um papel estreito, cordão ou arame a outra ponta e nos envie juntamente ao seu pedido.



24172 ALIANÇAS de ouro 18 quilates, largas Cr$ Cr$ 101,00 Par Cr$ 195,00

24159 DESLUMBRANTE anel em ouro 18 quilates, com cravação de lindo rubi — Cr$ 230,00 Envie-nos a medida do dedo



24165 - LINDO anel em ouro 18 quilates, com rubi e lindas safiras de excelente brilho. Envie-nos a medida do seu dedo em papel estreito, unindo uma ponta a outra Cr$ 285,00

24162 ANEL em prata de lei, com a estrêla da Republica em ouro 18 quilates Envie-nos a medida do dedo em papel estreito, unindo uma ponta a outra — Cr$ 56,00



24163 DEUS TE GUIE em ouro 18 quilates, com cravação de lindo rubi Cr$ 68,00

24170 BRINCOS CORAÇÃO em ouro 18 quilates com cravação de rubi. Linda jóia —Cr$ 122,00

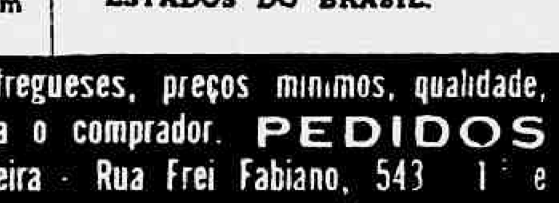




24140 COLARES DE PEROLAS Excelente qualidade, fabricação NORTE-AMERICANA, com ótimo fecho de segurança, cravejado de lindas pedras imitando brilhantes, brilho de côr inalterável. BELEZA e distinção de pérolas legitimas. Não confundir com imitações e qualidades inferiores com uma volta Cr$ 45,00
24141 Com duas voltas Cr$ 89,00
24142 Com três voltas Cr$ 136,00



24107 EXCEPCIONAL caneta-tinteiro norte-americana, parte superior e pena folheadas a ouro, imitando a melhor caneta americana Cr$ 35,00



ACEITAMOS REPRESENTANTES IDONEOS E COM ÓTIMAS REFERENCIAS, PARA TODOS OS ESTADOS DO BRASIL.



24203 - DESLUMBRANTE BROCHE E PULSEIRA BERLOQUES, grande, modêlo Festa da UVA, em prata de lei, folheada a ouro, original, lindo e perfeita aparência do ouro, com excepcional brilho. Cr$ 102,00

EMBELEZE O SEU RELOGIO COM UMA LINDA PULSEIRA



21167 - DISTINTA PULSEIRA extensiva, folheada a ouro 18 quilates, de primeirissima qualidade — Cr$ 95,00



24192 — DESLUMBRANTE PULSEIRA de relógio para senhora folheada a ouro 18 quilates, com certificado de garantia Cr$ 172,00

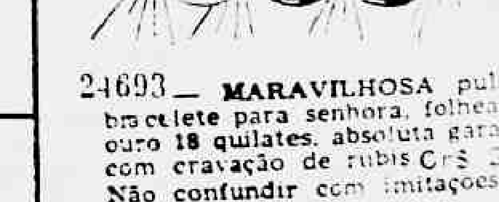


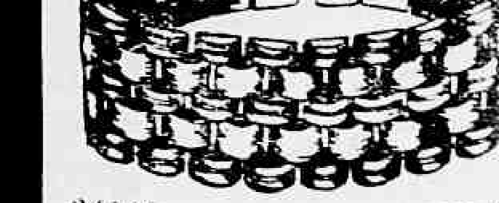
24169 — BELISSIMA pulseira para relógio de homem, folheada a ouro 18 quilates, 20 microns, com graduação e adaptavel a qualquer tipo de relógio. Cr$ 155,00

LINDOS BRACELETES PARA SENHORA. ADQUIRA E VALORIZE SUA TOILETTE, COM UMA LINDA JÓIA.

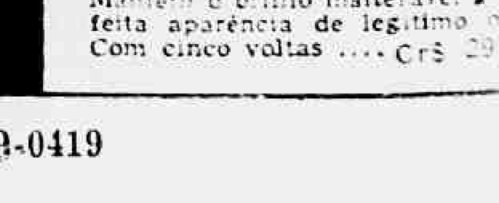


24693 — MARAVILHOSA pulseira bracelete para senhora, folheada ouro 18 quilates, absoluta garantia com cravação de rubis Cr$ 29[illegible] Não confundir com imitações.





24108 — VALIOSA PULSEIRA — Bracelete para senhora, folheada a ouro 18 quilates, fabricação Suiça, um moderno e lindo adorno Mantém o brilho inalterável a perfeita aparência de legitimo ouro. Com cinco voltas .... Cr$ 295[illegible]



As **CASAS ROULIEN** Garantem aos seus fregueses, preços minimos, qualidade, remessa rápida por Via Aérea, sem a menor despêsa para o comprador. **PEDIDOS AS CASAS ROULIEN** Nilo Georg de Oliveira - Rua Frei Fabiano, 543 1.° e 2.° Andares - Edifício Próprio - Meyer - Rio de Janeiro - **TEL. 49-0419**

Não confundir CASAS ROULIEN com nomes parecidos. Fujam dos imitadores desleais. CASAS ROULIEN são as maiores organizações de Reembolso Postal do Brasil, servindo ao povo amigo ha mais de 16 anos e merecendo a sua confiança pela qualidade dos seus artigos

PEÇAM NOSSOS CATALOGOS IMPRESSOS EM CORES, COM INUMEROS ARTIGOS

AOS FREGUEZES DO RIO ATENDEMOS TAMBÉM À DOMICÍLIO — FONE 49-0419

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

«Aquêle ali é Pitigrilli!» (Celestino Silveira........ 4/5
Dois sinistros 9/11
Na Meca do Espiritismo (Sabino Canalini)......... 17/19
No Limiar do Natal (Abdias Rodrigues)............ 22/26
Vivendo perigosamente! (Caspary).................. 33/35

ATUALIDADES

O coração foi feito para viver 105 anos............. 14
A Coréia continua a ameaçar o mundo............... 20/21
Atire a primeira pedra 58

LITERATURA

O mundo feminino é diferente (Wenceslau Rosa).. 3
Semana Literária (Edmundo Lys)................... 12/13
As astúcias do Antônio (Walter B. Maia).......... 16
Detetive em férias (Lysa Castro).................. 32
A vida de Helen Keller (Henry-Dana Lee Thomas) 36

CURIOSIDADE

Que pirataria é essa, Totty?....................... 28/31

SECÕES PERMANENTES

Puxe pelo cérebro 7
Semana em Revista 8
Personagem da Semana 8
Palavras Cruzadas 44
A Saúde do Bebê (Dr. Sabóia Ribeiro).............. 50
Tudo isto aconteceu 55/57
Correio da Revista 58

HUMORISMO

Contraste (Theo) 6
Sinais do Tráfego (Nicodemus)...................... 15
Êste mundo e o outro (Darcy)....................... 27

FEMININAS

Chapéus de verão................................... 37
Shorts modernos 38
Modêlos esportivos 39
Modelos variados 40
O verão vem aí 41
Week-End na Cozinha 42/43

CINEMA

Gráficas do Cinema 52/53

FOLHETIM

A noiva que não queria casar....................... 54

F O T O S:

Celestino Silveira — Nestor Leite — Sabino Canalini — Walter Morgado — Keystone — Caspary — Avulsas.

BONECOS:

Rafael

ILUSTRAÇÃO:

A. Zaluar

NOSSA CAPA:
TOTTY AMES — (Foto Keystone)

Mais uma vez informamos: O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações quando solicitadas pela redação. Essa advertência é reiterada quando chega ao nosso conhecimento que elementos estranhos, ou que não mais pertencem ao nosso corpo de colaboradores, estariam procurando entidades para serem entrevistadas e assegurando que essas reportagens se destinariam às nossas pjáginas. Os colaboradores desta revista estão munidos de credencial com data periòdicamente renovada, cuja exibição deve ser exigida.



O MUNDO FEMININO É DIFERENTE

DAI às paixões todo o ardor que puderdes, aos prazeres mil vêzes mais intensidade, aos sentidos a máxima energia e convertei o mundo em paraiso — mas tirai dêle a mulher, e o mundo será um ermo melancólico. E assim falando de **Eurico,** o austero Alexandre Herculano chegava à conclusão de que a mulher era ainda a única razão da sobrevivência do homem sôbre a terra. Rumamos para a frente e para trás; deixamo-nos arrastar ao sabor das contingências suportamos a miséria e nos deleitamos com a opulência; aceitamos a derrota e a vitória: mas, onde quer que estejamos, devemos sentir a ternura de um sorriso e o brilho de um olhar.

Que nos adiantaria a luta intensa em busca da ventura, se no fim do caminho não houvesse um raio de claridade para coroar a obra realizada? A ternura de um sorriso pode vir dos lábios de nossa mãe, ou da boquinha rósea de uma criança loira que mal desperta para a vida. O brilho de um olhar pode ser um perdão suspenso no espaço, ou uma promessa de felicidade. De onde virá êsse clarão de ressurreição? Talvez de nossa companheira, ou de nossa irmã, ou de nossa amiga. E ai daquêles que avançam pela noite escura do destino sem a ternura de um sorriso e o brilho de um olhar!

Trazemos dentro de nossa alma o tropel dos desejos e das ambições. Queremos o poder, a fôrça física, o ouro; pensamos nessa estranha fonte de Castália que se distancia cada vêz mais à medida que avançamos. Queremos o amor, o sonho, a quimera. Batemô-nos, como Lohengrin, para a conquista do Ideal. Mas, na verdade, só nos batemos verdadeiramente por uma causa — a mulher. Sentimô-la no sonho de Mathô, e ela é a filha de Amilcar; divisamô-la à luz do luar, por entre latadas de flores, e ela é a tortura de Romeu; imaginamô-la à sombra das árvores de Florença, ao cair da tarde — **tutta de bianco vestita** — e ela é a inspiração de Dante.

Verificamos, à margem da História, que o mundo se transforma de continuo. Modificam-se as leis e os costumes; eleva-se o conceito do progresso. Às teorias sucedem-se as teorias. À guerra sucede a guerra; as revoluções explodem, e das explosões surgem outras revoluções. Mas a mulher fica. Permanece indelével, firme, insubstituível no caminho da civilização. Sua alma reflete todo o passado. E' hoje o que era há milênios. O coração de uma camponesa bate com o mesmo ritmo do coração de Maria Antonieta. A virtude, o devotamento, a abnegação, transmitiram-se através das gerações sem nenhuma quebra de sua unidade. Os atritos das raças, as competições partidárias, a luta pelo poder, decorreram num mundo à parte, animado pela brutalidade do homem. Dos cataclismas, dos conflitos, a mulher não teve participação. Alheia aos embates ideológicos, foi quando muito, vítima do descontrôle do sexo forte.

Perpetuando-se num mundo diferente a mulher deixou-se absorver pelo pensamento do belo, do elevado. Fez-se paradigma da arte. Inspirou as grandes sinfonias, foi tema para os monumentos da escultura e da pintura. E se formos mais além, chegaremos à certeza de que tôda a magnificência do próprio cristianismo provém daquêle sorriso da Virgem Maria.

Hoje, como outróra, a mulher é a substância do mundo. Intangivel, eterna. Que importa o conflito social, a luta política, os entrechoques da espécie? O mundo poderá deslocar-se de sua órbita. Que haverá de sensacional no desarranjo da estática universal? O mundo feminino é outro. Enquanto nós os homens — nos degladiamos em marcha para a morte, a mulher sorri de nossas tolices, olha-nos com piedade e ruma para a frente, satisfeita com o seu inalterável destino. Sim, melhor, muito melhor.

WENCESLAU ROSAS



COMO TODO bom bibliógrafo, Pitigrilli é freguês assíduo dos «sêbos» instalados ao ar livre, em Buenos Aires. Aqui o vemos numa dêssas livrarias do Cabildo, na Avenida de Mayo, escolhendo volumes. Nessa tarde adquiriu obras no valôr total de cem pesos, encomendando outros livros que na manhã seguinte iria buscar. Todos o consideram excelente freguês.

"AQUÊLE ALI É PITIGRILLI!"

Texto e Fotos de CELESTINO SILVEIRA



O POVO de Buenos Aires sabe escolher a sua leitura e as livrarias em plena via pública são muito frequentadas. Alí se encontram obras de todos os gêneros e às vêzes livros raríssimos.

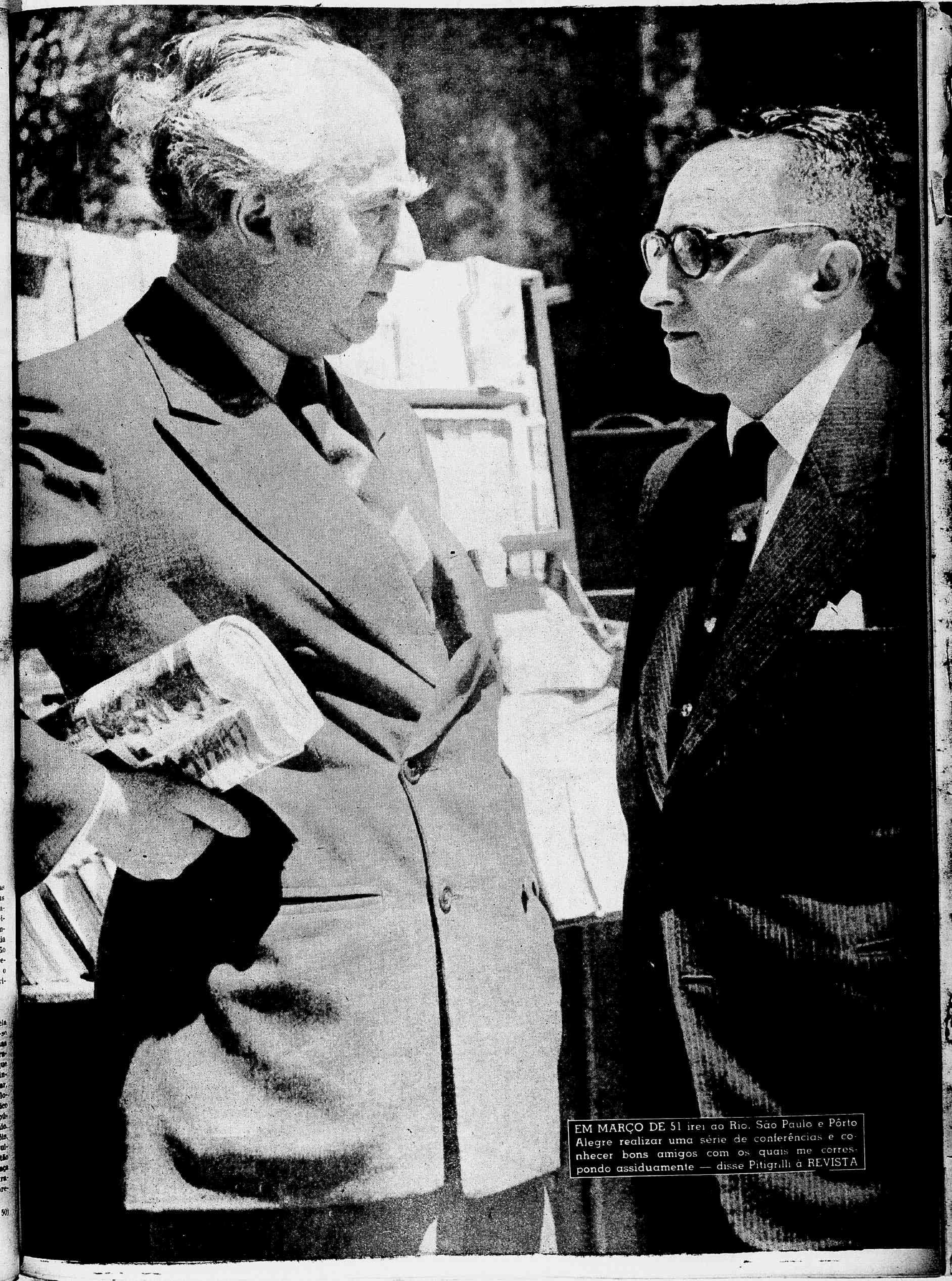
BUENOS AIRES, novembro. — Orgulham-se os portenhos, com justos motivos, da sua República das Letras Usadas. E o que vem a ser isso? Apenas — as livrarias instaladas em plena rua, nos cruzamentos de maior afluência. Êse gênero de negócio, os «sêbos» ao ar livre, já o encontramos nas velhas capitais européias, mas em nenhuma situados os estabelecimentos nos pontos mais centrais, no coração da metropole. Esse é um privilégio argentino, vamos reconhecer.

Em Madri, os livreiros ambulantes, fornecedores de volumes usados, vamos encontrá-los nas ruas de segunda ordem ou nos descampados. Nunca nas vizinhanças da Gran Via. Em Roma, estão arredados da Via Veneto — para as margens do Tibre, na direção do Vaticano. Em Paris, «sêbos» ambulantes instalam-se nas proximidades do Sena, nunca no Champ Elysés. Mas aqui, tem êles as galas das «calles» mais caractersticas — Corrientes, Avenida de Mayo e suas imediações. Próximo a Corrientes, contamos cinco «filiais» disso que os portenhos, com certo espirito, denominaram — a República das Letras Usadas. E dizem-nos que as mais preciosas raridades bibliográficas são encontradas nesses «comerciantes» à luz do sol quando não chove. Mais de meio milhão de volumes recebem diàriamente a visita de milhares de pessoas, gente de tôdas as classes sociais e de tôdas as idades. Uns procuram livros de estudo, outros romances policiais, ainda terceiros relíquia deixada por descuido, ou por necessidade imperiosa, em mãos dos livreiros. Ao cair da tarde, é comum encontrar um público não menos denso, interessado em folhear velharias editadas em outros tempos, que o que procura os cinemas e teatros das vizinhanças.

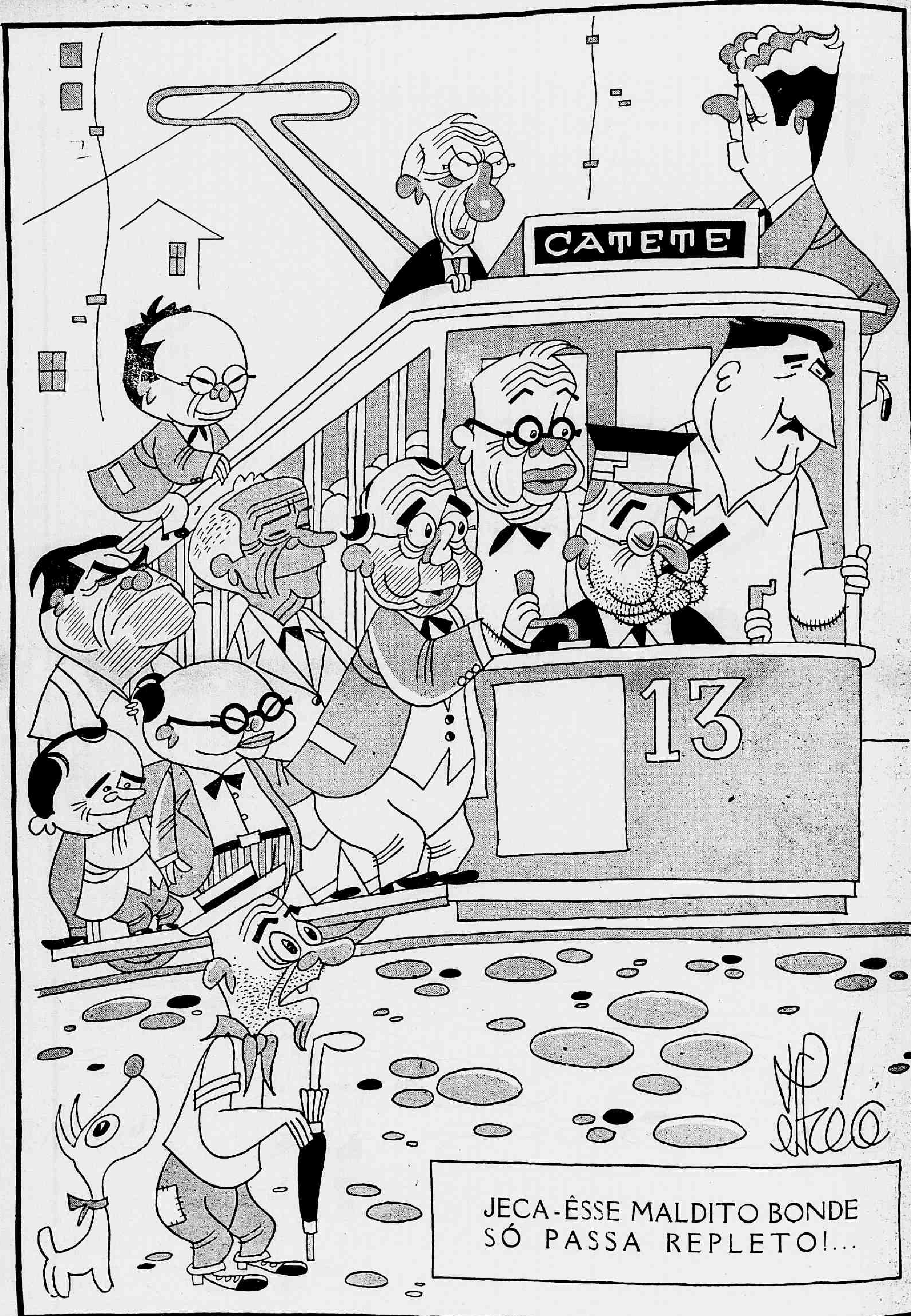
★

Foi numa «filial» dessa República, pela manhã. Um sol convidativo derramava-se por sôbre as montras de livros usados nas proximidades do Cabildo, alí junto à Praça de Mayo. Ao lado, o pôço colonial que a tradição da cidade mantém, um pôço ainda cheio de água que ninguém vai usar, é claro. Mas que é conservada para colorir a tradição. Naquele pedaço histórico foi proclamada a Independência da República Argentina, no memoravel 25 de maio. No Cabildo se entricheiravam os espanhóis, e ali foram procurá-los os nativos, expulsando-os de uma vez por tôdas. Já então a séde do govêrno era instalada na Praça de Mayo, ali mesmo onde hoje encontramos a Casa Rosada, e dentro dela o presidente Peron.

(Cont. na pág. 50)



EM MARÇO DE 51 irei ao Rio, São Paulo e Pôrto Alegre realizar uma série de conferências e conhecer bons amigos com os quais me correspondo assiduamente — disse Pitigrilli à REVISTA


CATETE
13
JECA - ÊSSE MALDITO BONDE SÓ PASSA REPLETO!...

PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura superior	Estudante ginasial
De 11 a 15	Cultura média	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 — QUE FEITO NOTÁVEL EM NOSSA HISTÓRIA FESTEJAMOS A 11 DE JUNHO:
A batalha de Riachuelo?
Passagem de Humaitá?
O fim da guerra do Paraguai?

2 — ONDE NASCEU JOSE' DO PATROCÍNIO:
No Recife?
Em Campos?
No Rio?

3 — QUE QUER DIZER **PENÍNSULA**:
O ponto em que um rio deságua no mar?
Conjunto de ilhas?
Quase ilha?

4 — QUE SE ENTENDE POR **ESCRITA CUNEIFORME**:
Em forma de cunha?
Indecifrável?
Ieroglifos?

5 — QUEM FOI BUDA:
Um Deus?
Um filósofo?
Um guerreiro?

6 — QUANTAS CIDADES FUNDOU ALEXANDRE, O GRANDE:
Dez?
Uma?
Cêrca de setenta?

7 — QUE NOME SE DÁ A UM GOVÊRNO DE TRÊS PESSOAS:
Triunvirato?
Triângulo?
Triciclo?

8 — QUAIS OS POVOS A QUE OS ROMANOS CHAMAVAM DE BÁRBAROS:
Aos que falavam latim ou grego?
Aos do Ocidente?
Aos procedentes da África?

9 — DE ONDE VEIO O NOME DE MARQUÊS:
Do apostolo S. Marcos?
De Marca?
Da moeda alemã «mark»?

10 — QUANTOS ANOS DUROU A IDADE MÉDIA:
Três séculos e meio?
1.058 anos?
500 anos?

11 — QUAL O MOTIVO POR QUE FELIPE II, DA ESPANHA, ENVIOU CONTRA A INGLATERRA SUA INVENCÍVEL ESQUADRA:
Vingar a morte de Maria Stuart?
Libertar espanhois?
Conquistar a Inglaterra?

12 — QUEM FUNDOU O ANGLICANISMO NA INGLATERRA:
A rainha Isabel?
Carlos I?
Jorge V?

13 — QUE SIGNIFICA «OMEGA»:
Última letra do alfabeto grego?
Nome do inventor do relógio?
Um deus da mitologia?

14 — QUE QUER DIZER «VENEFÍCIO»:
Arte de vender bem?
Ato de preparar veneno para fins criminosos?
O mesmo que benefício?

15 — O QUE QUER DIZER «VERSTA»:
Medida de líquidos da China?
Medida de distância da Rússia
Moeda da Persia?

16 — QUE RECORDA AOS PERNAMBUCANOS A DATA DE 24.11.1631:
Incêndio de Olinda pelos holandeses?
Fim da guerra dos Mascates?
Inicio da indústria açucareira?

17 — Em poetica, que quer dizer «Balada»:
Versos satiricos?
Poema de três oitavas e uma oferenda?
O mesmo que soneto?

18 — QUE QUER DIZER «PALAFREM»:
Estribeiro?
Casa lacustre?
Cavalo de parada de soberanos e príncipes na Idade Média?

19 — QUE NOME TEM A LIGA DE COBRE E ZINCO IMITANDO OURO:
Zaragaita?
Palafita?
Pechisbeque?

20 — PARA QUE SERVE O «ANEMÔMETRO»:
Medir a velocidade e fôrça dos ventos?
Descobrir a quantidade de água no leite?
Pescar anémonas do mar?

(Respostas na página 58)

Homens que trabalham

Se V. S. sofre de prisão de ventre e esqueceu se de tomar **Ventre-Livre** ontem à noite, antes de dormir, não esqueça hoje.

Tome uma dose de **Ventre-Livre** hoje à noite, antes de ir para a cama, que amanhã passará o dia bem e trabalhará com prazer.

Os homens ativos, que trabalham com afinco, devem cuidar especialmente da saúde, pois precisam ter o estômago, os intestinos, o fígado, enfim todos os órgãos, e também os nervos, em bom estado, para conservar as suas energias.

A prisão de ventre intoxica o organismo, abate as forças e, por conseguinte, diminui a capacidade de trabalho.

Combata a prisão de ventre sem perda de tempo, usando **Ventre-Livre.**

Ventre-Livre tonifica as camadas musculares do estômago e intestinos e limpa os das substâncias infectadas e fermentações tóxicas, verdadeiros venenos, que perturbam as funções de todos os órgãos e causam tão grande mal aos nervos.

Tome **Ventre-Livre** hoje, à noite.

* * *

Lembre se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa
alguns vidros de **Ventre-Livre**



REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N. 49 ★ 9-12-50

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 140,00
Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ...	Cr$ 170,00
Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino», à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão rua da Conceição nº 58, 1º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

A SEMANA EM REVISTA

AGITAÇÃO CARECAL

Há nos Estados Unidos um Clube curioso: o dos Carecas. Sua séde é em Minneapolis, e seus fins se destinam a defender os interêsses da classe. Como tudo o que sucede nos Estados Unidos, o número dos carecas ascende a vários milhões, todos unidos e dispostos a fazer valer os seus direitos. Mas, afinal de contas, que direitos são êstes dos senhores que já perderam os cabelos da cabeça? Coisas sem tanta importância, leitor. Apenas isto: obter uma tabela especial dos senhores cabeleireiros norte-americanos, um tanto mais baixa do que a dos cabeleiras. Acham os carecas norte-americanos que não devem pagar o mesmo preço que paga um cabeludo, para fazer o cabelo. Asseguram que, enquanto um careca dá ao «fígaro» no máximo uns cinco minutos de trabalho, o cabeleira fica a mofar na cadeira durante meia hora. Acham, pois, ser justa a pretensão que defendem, e esperam obter uma diminuição na tabela dos cortes de cabelo. Mas, como era natural, os oficiais de barbeiros e os respectivos donos das lojas de depilação de forma alguma concordaram com êsse sistema. Acham, por sua vêz, que é muito mais difícil cortar o cabelo a um careca do que a um cabeleira. O crânio do careca tem que receber tratamento muito mais cuidadoso. Há os que fazem questão de dispôr as invisíveis madeixas de estibordo a bombordo, dando imenso trabalho de orientação aos profissionais da tesoura e da navalha. E, muitas vêzes, há ainda os que exigem que uns fiozinhos de cabelo sejam repostos em seus lugares, quando, por inadvertência, a tesoura os alcança e decepa impiedosamente. Mas, qual será a repercussão dessa campanha dos carecas dos Estados Unidos entre nós? Os barbeiros vão ficar pelos cabelos da cabeça...



SÁBIO DESPACHO

Dizem os filósofos e, dentre êstes, o grande Guatave Le Bon, que a base da sociedade é o egoismo. Na verdade, ressalvadas exceções, de modo geral todos nós vivemos para nutrir nossos instintos egoisticos. As profissões chamadas «liberais», isto é, aquelas que não dependem de patrões, como a do advogado, a do médico, a do engenheiro, dentista, agentes de seguros, etc., nem sempre dão meios financeiros suficientes para que os seus executores possam viver decentemente na sociedade. Daí a razão mais do que justa de cada um procurar tirar o maior provento de suas funções. O caso que vamos contar acaba de passar-se nesta capital, entre um Juiz e um advogado. Em certa ação de despejo, ao deferir a purgação da mora, o Juiz da 4a. Vara Cível arbitrou os honorários de advogado em cem cruzeiros. Julgando-se ofendido em seus brios profissionais com tão insignificante retribuição, o causídico não quis receber a importância arbitrada pelo juiz, renunciando a mesma. Isso deu origem a novo despacho do titular da 4a. Vara Cível, cujos termos passamos a reproduzir: «Não tem razão o requerente quando reputa aquela importância como deslustradora da profisão que abraçou. E' evidente que os honorários do advogado se baseiam no valor econômico do pleito, e na eficiência ou complexidade dos serviços prestados. No caso concreto, há um pedido de purgação de mora, pelo que é mínima a assistência profissional. Sempre entendemos que a advocacia é profissão de sacrifícios, que se ilustra com a pequena remuneração dos litigantes pobres ou com a gratuidade». E mandou excluir dos cálculos os honorários. Interessante doutrina essa, de só ver sacrifícios na profissão alheia...



CALVÁRIO DE ARTISTAS

Quem promoveu a vinda de Chianca de Garcia para o Rio, se não estamos enganados, foi o cineasta Ademar Gonzaga, diretor e proprietrio da «Cinédia». Aquêle tempo, há uns dez anos, o diretor português de «Aldeia da Roupa Branca» e de outros filmes de sucesso, entrára em combinação com Ademar Gonzaga para vir dar vida e ânimo ao cinema brasileiro. Chianca veio e meteu mãos à obra. Para estrear nos nossos estúdios, dirigiu a película «Pureza», da Cinédia», filme extraido de um romance de J. Lins do Rego. A obra foi um desastre artístico e financeiro. «Pureza» não convenceu de maneira alguma e a critica foi impiedosa. Não contra o diretor Chianca, mas contra tudo! Chianca de Garcia, decepcionado com o desastre, achou prudente deixar o campo cinematográfico, pobre de tudo, e entregar-se ao teatro ligeiro, teatro de revistas, com alguma coica de novo e atraente. O povo do Rio é louco por peças dessa natureza, especialmente quando há algo mais apimentado, com coristas bonitas, ótimo guarda-roupa e cômicos que façam rir. E Chianca passou das «câmeras» às gambiarras. Montou e dirigiu espetáculos com indiscutivel sucesso. Miltidões afluiam ao teatro para ver e aplaudir as peças levadas à cena com muito brilho. Mas... tudo passa sôbre a terra, especialmente esta nossa terra bem amada. E Chianca passou a sofrer contrariedades e decepções. E agora pelo Juiz da 12a. Vara Cível foi determinada a venda em leilão, dos bens de Chianca de Garcia, que foram penhorados em ação promovida pelo credor Augusto Rosas. E o dia 29 de Novembro de 1950, marcará o Calvário do Artista.



BÁSES AÉREAS

A Comissão de Finanças do Senado, diante da proposta de orçamento para 1951, do Ministério da Aeronautica, julgou ser a mesma excessiva, não se justificando o montante pedido ou sugerido para a mesma Secretaria de Estado. Mas os representantes do citado Ministério achavam que, antes de qualquer juizo prévio, a Comissão do Senado destacasse um ou mais de seus membros para uma verificação em nossas báses aéreas sob a responsabilidade do Govêrno Federal. Em virtude disso foi o senador Braga Pinheiro fazer uma inspeção nas báses do norte, a começar da de Salvador, na Bahia. E' o senador Pinheiro o relator do projeto de orçamento do Ministério da Aeronautica, e, ninguém melhor do que êle para ajuizar da necessidade das verbas indicadas no projeto. E começou a via-sacra. Primeiro desceu na Bahia. A FAB está construindo ali uma estação de passageiros que, ao seu vêr, será a melhor de toda a América do Sul. Pistas e instalações recomendam os administradores. No Recife notou crise de habitações, mas os trabalhos do aero-porto em construção o impressionaram sobremodo. Natal lhe deu péssima impressão. Dos 358 edifícios da báse, apenas 200 são conservados. Qual a causa? Falta de verba suficiente para isso. As viaturas para o serviço estão quase tôdas encostadas, umas por falta de pneus, outras porque não têm acessórios. O número vai muito acima de cem unidades! Os prédios estão em ruinas, e as obras inadiáveis já encetadas, pararam por falta de verba! E Val de Cans, no Pará? Ah! Isso é uma tragédia. E' a pior de tôdas. Pior do que a de Natal.



A PERSONAGEM DA SEMANA

DENTRE todos os países da América do Sul, é o Uruguai um dos que mais se adiantaram em matéria de educação política. País de feição agro-pecuária, desde os seus primórdios, pôde consolidar o seu progresso material, político e social, em várias etapas dignas de elogios, graças à permanente paz que tem desfrutado. De quando em quando surgem levantes de caráter político-militar em várias das repúblicas dêste hemisfério, mas o Uruguai prossegue em sua marcha para a perfeição político-administrativa, procedendo-se em seu seio as mais acesas lutas eleitorais, sem que periclite sua estabilidade constitucional, ou haja motivos para perturbações em seu território. Agora mesmo, a 26 de novembro, realizaram-se as eleições gerais no país, não sòmente para presidente da República, como para o legislativo. Oito partidos disputaram as eleições, sendo que o Colorado, que é do govêrno, apresentou três chapas para Presidente da República. Os outros partidos, são: o Blanco, o dissidente Blanco, o Nacionalista, o dos Nacionalistas Independentes, a União Civica (católicos), o Socialista e Comunista. Algumas dessas organizações só se interessaram na renovação do Parlamento, dando liberdade ao eleitorado quanto à escolha de candidatos para a primeira magistratura da nação. O pleito decorreu em meio de grande entusiasmo, mau grado o tempo hostil que fazia em todo o Uruguai, especialmente em sua capital. Mesmo assim, a abstenção só chegou a 20%, segundo os dados colhidos ao encerrar-se o trabalho das mesas. Votaram cêrca de um milhão e duzentas mil pessoas de ambos os sexos, sendo de notar que o elemento feminino quase que iguala ao masculino. Até ao escrevermos estas notas, o candidato mais votado era o "colorado", Andréa Martinez. Uma peculiaridade do sistema eleitoral do Uruguai: um partido pode apresentar mais de um candidato à Presidência da República, e o nome que obtiver maior número de sufrágios receberá os votos dos outros companheiros de chapa. E' o voto partidário. Pelas últimas apurações, parece que o eleito será o sr. Andrés Martinez Trueba, que está à frente. O belo exemplo de democracia que nos dá o Uruguai é um reflexo da harmonia e do grau de educação cívica do seu povo. Felicitações, pois, ao Presidente Battle Berres.



PRESIDENTE BATTLE BERRES



EM POUCO MAIS de cinco minutos, a lona, a armação, o círculo de cadeiras e gerais em volta do picadeiro, tudo era consumido pelas chamas, reduzindo ao que mostra a gravura, o Circo Búfalo Bill, instalado na Avenida Presidente Vargas. Pode ainda vê-se a mangueira dos bombeiros tentando salvar algum material. Foto batido do próprio «arranha-ceu» vizinho de onde se presumiu que fôsse jogada uma ponta de cigarro motivando o incêndio.

DOIS SINISTROS

O INCÊNDIO DO CIRCO BUFALO BILL E O DESCARRILAMENTO NO NP-2

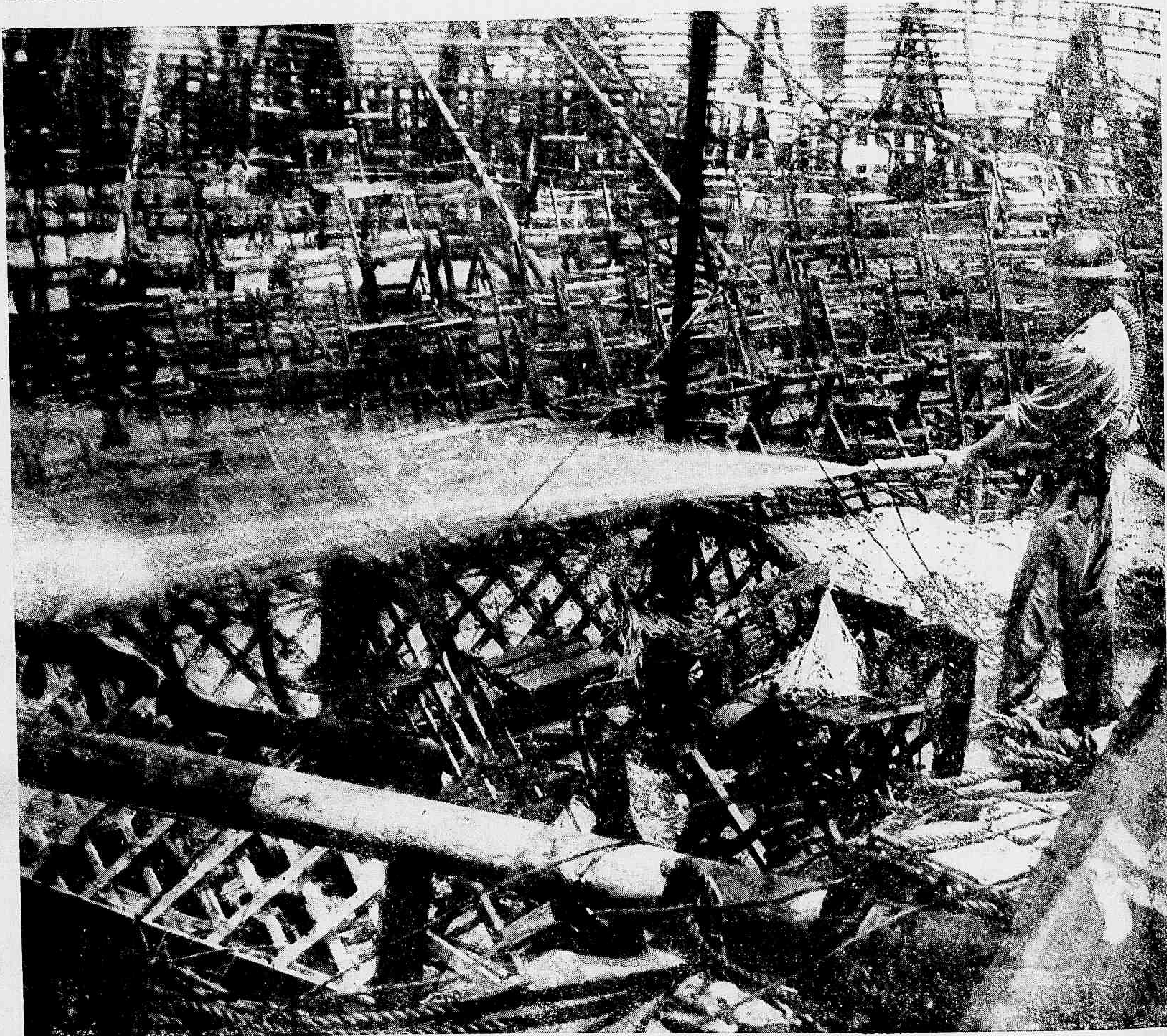
EM menos de vinte e quatro horas, dois tristes acontecimentos foram registrados na crônica da cidade, ambos de larga repercussão: primeiro, o incêndio do Circo Bufalo Bill, logo em seguida o descarrilamento do NP-2 (noturno paulista). O incêndio do circo ocorreu na manhã de 21 de novembro, quando os animais ferozes eram submetidos a ensaios. E apesar da pronta intervenção dos bombeiros, nada restou daquele local de espetáculos. Enquanto as chamas subiam, o aspecto mais impressionante do drama se desenrolava fora do picadeiro: artistas e trabalhadores avulsos, empenhavam-se em salvar vestuários e objetos de estimação. Urravam, espantadas as feras, dentro de suas jaulas, dando a impressão de que estavam também ameaçadas pelo fogo — mas tal não aconteceu. Em poucos minutos a lona, a armação, o círculo de cadeiras e gerais, tudo era destruído pelas chamas. O proprietário do circo, sr. Pedro Stevanovich, estava de viagem para Petrópolis quando ouviu, pelo rádio, a notícia, voltando imediatamente ao Rio. Era tarde, já o sinistro terminara ocasionando-lhe prejuízos de cêrca de dois milhões de cruzeiros, segundo as declarações que êle prestou na Polícia, visto nada estar no seguro. O Jardim Zoológico ofereceu alojamento para as feras, enquanto um fiscal da Sociedade Protetora dos Animais se apressava em tomar providências no sentido de ser protegida a vida dêsses animais. Sem demora o proprietário do circo mandou vir de Buenos Aires outra cobertura de lona, e nos últimos dias de novembro o Bufalo Bill retomava o fio de seus espetáculos.

★

O noturno paulista NP-2 havia passado pela estação de Morro Agudo quando, a cêrca de duzentos metros, se partiu a roda do carro n. 664, de primeira classe, o qual saltou dos trilhos. No arrastão que se seguiu, foi batendo nos postes marginais de sustentação da rede aérea da eletrificação, tendo derrubado nove deles. A resistência do engate cedeu, então, e a unidade tombou, desligando-se da composição. Foi quando se verificou o engavetamento dos demais carros, tombando também dois de segunda classe, três de primeira, o carro-restaurante e um dormitório. Dois vagões de carga, o carro-correio e o carro de chefe foram puxados pela locomotiva, parando seiscentos metros adiante. Houve, no sinistro, dois passageiros mortos e cêrca de sessenta feridos.



UMA FOCA FERIDA no incêndio do circo, ao ser medicada. Foi a única vítima do sinistro. O Jardim Zoológico pôs à disposição da emprêsa as suas dependências para instalar temporàriamente os animais.



OUTRO FLAGRANTE do sinistro que ocorreu na manhã de 21 de novembro, quando se realizavam os habituais ensaios dos animais ferozes. Estavam as féras colocadas acêrca de dzentos metros do fogo, urrando assustadoramente enquanto os bombeiros davam conta de seu heróico mistér. Pouco antes, os temíveis tigres de Bengala eram submetidos ao ensaio, pelos domadores, mas nenhum dêles sofreu qualquer acidente. O circo não estava no seguro.



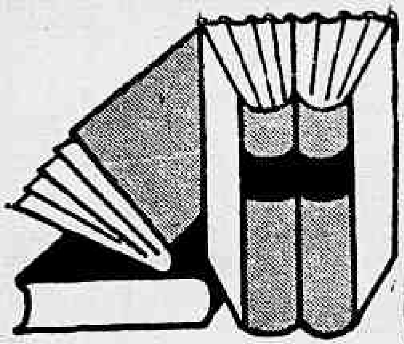
AS FÉRAS, enquanto se verificava o sinistro, mostravam-se impacientes e irrasciveis dentro de suas jaulas, mas tôdas as precauções foram tomadas para evitar consequências trágicas.



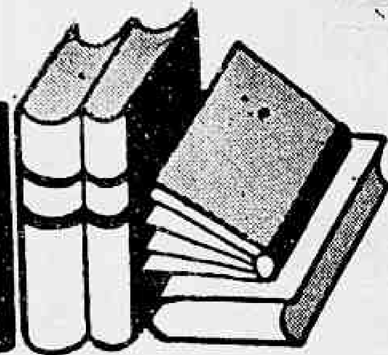
OS ARTISTAS deram todo seu concurso para auxiliar o salvamento do material da emprêsa. Vemos alguns dêles retirando da mala, afetada pelo fôgo, roupas e utensílios de cena.



ÀS 6,45 DA MANHÃ de 23 de novembro, a duzentos metros da estação de Moro Agudo, quando procedia da capital paulistana, o NP-2 saltou inesperadamente dos trilhos, arrastando quase tôda a composição. Alguns vagões se engavetaram. Aqui estão dois curiosos flagrantes dêsse acidente em que se registaram duas mortes e sessenta feridos, alguns de extrema gravidade. Ao que foi apurado, o descarrilamento foi provocado por uma roda de vagão; girando com um aro fraturado, teria ocasionado o acidente cujas proporções milagrosamente não foram maiores. Ainda assim houve pânico, muita confusão e a perda de vidas a lamentar.



SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS

NOTICIÁRIO

ALBUM DE FAMÍLIA



RICHARD CHURCH será lembrado aqui, nestas vésperas de Natal, como autor de livros para crianças. Poeta, crítico, romancista, Church nasceu em Londres em 1893. Seu primeiro livro foi uma coletânea de poemas, «The Flood of Life», publicado em 1917. Depois, seguiram-se outros livros de versos, reunidos hoje no seu «Collected poems».

Como crítico, exerceu êsse departamento no «Spectator», não apenas comentando os livros que apareciam, mas, também escrevendo notáveis ensaios.

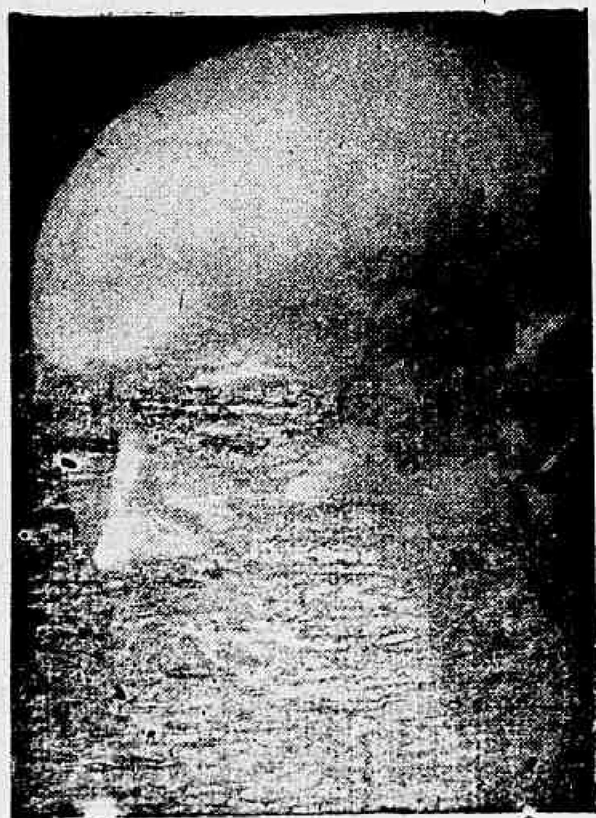
Publicou sua primeira novela em 1930, «Oliver's Daughter». Outras se seguiram a essa primeira, entre elas «The Porch», que obteve o prêmio «Femina» de 1937.

Entre suas obras mais prestigiadas, conta-se «Eight for Immortality», livro de ensaios crítico-biográficos.

Como autor de obras para a infância, estreou-se em 1941, com «A Squirrel Called Rufus». Agora, vem de publicar outro volume para a infância, «The Cave», de que a crítica inglêsa tem dito muito bem.

Richard Church é diretor do English Festival of Spoken Poetry.

MASCARA MORTUARIA



PAUL VERLAINE

Abel HERMANT que foi um dos melhores escritores francêses de entre as duas guerras morreu em Chantilly aos 88 anos. Entrou para a Escola normal superior, apresentando demissão no fim do primeiro ano para começar uma brilhante carreira de romancista, crítico, autor dramático, filologo, e jornalista, principalmente no "Figaro", de que foi colaborador até 1939. Em 1927 entrou para a Academia.

A 15 de dezembro de 1945 foi condenado a prisão perpetua pela Corte de Justiça do Sena, como "colaborador". Foi então excluido da Academia Francêsa. Devido a sua idade, e sua fraca saúde, foi-lhe concedida a graça de deixar em 1 de dezembro de 1947 o Campo de Chataigneraie e indo para um hospital civil de Versalhes onde teve em 23 de fevereiro de 1948 a notícia de sua libertação. Depois de uma estadia em Paris retirou-se para um quarto particular do Asilo Condé em Chantilly, do qual a Academia Francêsa é um dos benfeitores.

★

O Sr. André SIEGFRIED apresentou na Academia de Ciencias morais e Politicas três volumes que acabaram de aparecer sob os cuidados do sr. Bernard Gagnebin, bibliotecário da Biblioteca Pública e Universitária de Genebra e que contém cartas, em grande parte inéditas, de Voitaire aos Tronchin. Trata-se de 600 cartas endereçadas a 5 membros da mesma família. Voltaire encontrou nos Tronchin não só um médico e um protetor junto aos Conselhos da República de Genebra, mas também um e mesmo dois banqueiros.

Essa correspondência, cujo interêsse o sr. André SIEGFRIED acentuou, permite seguir, de algum modo, dia a dia, a vida de Voltaire e diversos aspectos da vida de Genebra, entre 1754, data da primeira carta, a 1778, data da última.

Quando Panckouche, no dia seguinte à morte de Voltaire, pediu a François Fronchin para lhe entregar os originais ou a copia dessas cartas, visando edição da corespondência de Voltaire que êle preparava, recebeu como resposta que "uma correspondência particular não podia ser dada ao conhecimento do público sem consentimento do autor das cartas, que não temos infelizmente ocasião de consultar".

★

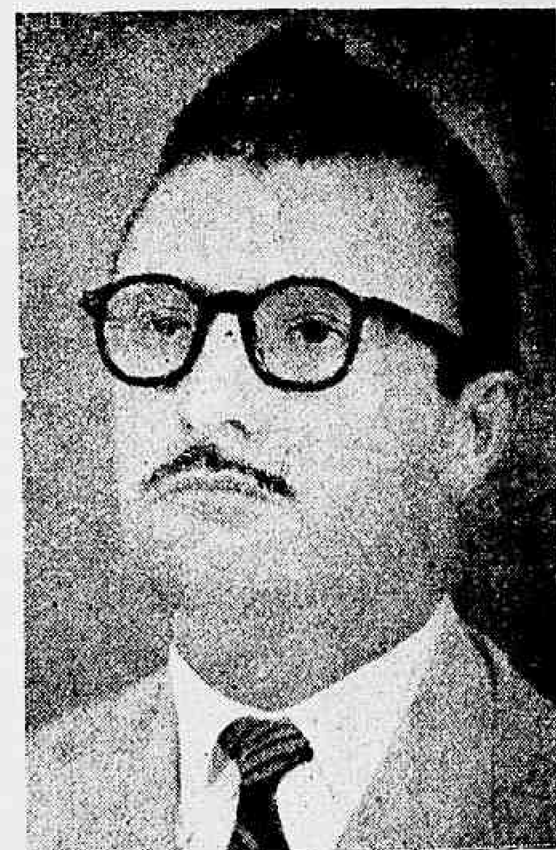
José Lins do Rêgo, cuja obra de ficção é das mais dramáticas, vigorosas e realistas da nossa literatura moderna, acaba de entregar à Livraria José Olympio Editora os originais de seu novo romance, intitulado *Cangaceiros*, cuja ação decorre no mesmo Nordeste cenário de tantos outros livros seus. Retomando contacto com a terra e as criaturas da região natal, José Lins do Rêgo renova suas fontes de inspiração e fôrça, como poderão percebê-lo os futuros leitores de seu novo e grande romance.

★

A Livraria José Olympio Editora anuncia para o ano vindouro o lançamento de uma nova obra de Silvio Romero, o ilustre mestre da *História da Literatura Brasileira*, atualmente em 4.ª edição. *Folclore Brasileiro* intitula-se o livro do crítico sergipano, que se divide em dois volume; *Cantos Populares do Brasil* e *Contos Populares do Brasil*, ambos confiados a competência do sábio folclorista Luís da Câmara Cascudo, uma das maiores autoridades brasileiras no assunto, que escreveu um volume só de anotações à obra. O livro, que sairá na Coleção Documentos Brasileiros, constituirá sem dúvida uma das mais importantes contribuições ao estudo e crítica do folclore brasileiro, ainda hoje não divulgado e analisado como de fato merece pela sua extraordinária riqueza e pitoresco. *Folclore Brasileiro* será ilustrado por Santa Rosa.

LITERATURA INGLÊSA

Aquêles que não detestam os tipos romanticamente exuberantes apreciarão "Tralawny" obra em que R. Glynn Grylls torna a contar, com a vantagem de servir-se de material ainda não usado, a história de Edward John Trelawny (1792/1881). Trelawny tem sido mais considerado em associações com Shelley e Byron que como uma pessoa de vitalidade incomum, capaz, em qualquer circunstâncias, de encontrar uma expressão para suas enérgias, de algum modo memoravelmente pitoresco e aventureiro. Foi mandado para a Marinha Real aos 13 anos, e viajou cêrca de 30.000 milhas antes de fixar-se em Bombaim, com um corsário holandês-americano. Em 1812, depois de um idílio terminado dolorosamente com uma "espôsa" árabe, voltou para junto de sua família na Inglaterra, e casou-se com uma moça inglêsa, de quem se divorciou em 1819. Cêrca de dois anos mais tarde, foi a Pisa, à procura de Shelley, de quem, pela primeira vez ouvira falar em 1820, numa livraria de Lausanne. Trelawny impressionou a família de Shelley como uma espécie de "inglês meio árabe" (gostava de vestir-se com roupas orientais), "um homem de natureza selvagem e nobre". "Entre Shelley e Trelawny", diz a Sra. Glynn Grylls, "o princípio comum de energia lhes dá a compreensão mútua. O imaginativo ho-



O poeta Rogaciano Leite, que vem de publicar «Carne e Alma», coletânea de poemas com prefácio de Luís da Câmara Cascudo.

★

mem de ação encontra o ativo homem de imaginação; e o que reage em cada um é o que nêle há de melhor. Já Byron e Trelawny vêem um no outro aquilo de que cada um se envergonha secretamente — o herói fanfarrão em que Byron só acreditava pela metade..."

As obras de Trelawny (Adventures of a Younger Son", "Recollections of the Last Days of Shelley and Byron" e "Records of Shelley, Byron, and the Author") tornaram êsses primeiros anos de sua vida, sua presença quando o corpo de Shelley, tirado do mar, foi queimado e quando suas cinzas foram enterradas em Roma, a parte por êle tomada com Byron na campanha pela independência da Grécia durante a qual faleceu Byron, familiares a gerações de leitores; mas esta biografia acompanha-o até o seu falecimento, aos 88 anos. Ninguém é capaz de transformar em letra de forma o enorme vigôr e gôsto por aventuras que caracterizavam Trelawny durante tôda sua vida e o levaram a dizer a William Michael Rossetti que decidira não mais pensar em amor quando chegasse aos oitenta anos. A Sra. Glynn Grylls conseguiu torná-lo uma figura viva, simpatica e até admirável sob certos aspectos.

FORA DO PRELO

APPASSIONATA — Bárbara Norton — Irmãos Di Giorgio & Cia. — Rio de Janeiro

A poetisa não é uma estreiante, tendo seu primeiro livro aparecido há dez anos. Então, Bárbara Norton se dedicava à novela, em que pleiteava os direitos da mulher em nosso século, formando entre as escritoras que combatem pela emancipação real do sexo, uma vêz que, concedendo-lhe algumas liberdades, a sociedade continua a reservar, às mulheres, uma invencivel condição de dependência.

Depois de aperecer como prosadora, foi que Bárbara Norton nos deu seu primeiro livro de versos, seguido de outro, também uma coletânea de poemas que ela escrevia no intervalo de suas atividades jornalísticas, aliás brilhantes. Agora, depois de um silêncio que já se prolongava, edita-se esta seleção lirica, «Appassionata», em que ela confirma suas qualidades de poeta do amor, vasando suas emoções em versos modernos em que a virtude marcante é a da sinceridade, do calor, em que essa voz feminina parece sintonizada com o lirismo ardente do «Cântico dos Cânticos». Veja-se, por exemplo êste primeiro poema que abre a brochura em cuidada obra gráfica:

«O Poema, o Grande Poema:
Minha vida contigo
Poema para sempre
Na carne gravado...»

Bárbara Norton declara em outros versos que seu livro — «é o livro do Amor». E tem razão. Há muito não lemos versos que, como êstes, sejam tão palpitantes de amor, de êxtases, de delíquios, tão capazes, assim, de conseguir aquilo que a poetisa objetivou, isto é, que seus versos encontrem éco no coração dos amantes.

★

CARNE E ALMA - Rogaciano Leite — Pongetti — Rio de Janeiro.

Rogaciano Leite repete hoje em dia o fenômeno dos rapsodos, pujantes de força cósmica, exuberantes como suas próprias paisagens, donos do sôpro épico que agita seus assuntos. Aqui está sua «Carne e Alma», cujo titulo já é uma expressão rapsódica, pois, com êle, o poeta quer nos dizer que seus versos são de seu espirito e de seu corpo, pensados e sentidos ao mesmo tempo, vale dizer, vividos.

Não é possivel, entretanto, falar dêle sem citar o que disse Luis da Câmara Cascudo, em palavras que exprimem bem o que pretendemos, quando situamos o bardo pernambucano entre essas fôrças indomáveis da natureza, para quem o verso é uma manifestação da própria vida, espontânea e incontrolavel:

«Um orgulho para os nossos sentidos contemporâneos, antigo, atual e sempre novo, impreciso, infixável, revôlto, rio varando o mato, a serra alta, o descampado sem fim. Sua arte é humilde, tempestuosa, nua e pomposa, rude e boa, impetuosa e clara, cheia de confiança, de amor, de exaltação. Resume céu, mar, ares, homens e pensamentos numá brutalidade revolvedora, instintiva, imediata e magnifica como uma fôrça incomparável da Natureza. Canta, declama, improvisa como sente a Poesia, divulgando-a na simplicidade, violência, instantaneidade duma inspiração oracular. Rimas e ritmos são apenas os horizontes limitadores dessa grande, tonta e luminosa ave da melodia e beleza verbal».

Sertanista, como foi o nosso Catulo, porém com um feitio todo pessoal, êste cantador civilizado, melhor urbanizado, inclui no seu grande e lírico amor, a alma e a paisagem sertaneja. E verseja com a voz simples e natural da água corrente, com a fôrça das correntezas fluviais, tanto nêle os dotes poéticos são espontâneos, falando uma linguagem simples, abordando todos os motivos, em versos de rimário abundante, de arte fácil, escorrendo em longos poemas estruturados como epopéias agrestes, no ritmo quase permanente dos metros curtos e das longas estrofes.

Para não deixar de oferecer ao leitor uma amostra da poesia de Rogaciano Leite, aqui vão algumas estrófes do poema com que abre o livro e que, irônicamente, o poeta dedica à critica:

«Senhores criticos, basta!
Deixai-me passar sem pêjo,
Que o trovador sertanejo
Vai seu «pinho» dedilhar...
Eu sou da terra onde as almas
São tôdas de cantadores:
— Sou do Pajeú das Flôres —
Tenho razão de cantar!

Não sou um Manuel Bandeira,
Drummond, nem Jorge de Lima;
Não espereis obra-prima
Dêste matuto plebeu!...
Êles cantam suas praias,
Palácios de porcelana,
Eu canto a roça, a cabana,
Canto o sertão... que êle é meu!

Pede, ó lira inexpressiva,
(Antes que o tempo se empocire)
Piedade Gilberto Freyre,
Lins do Rêgo e Álvaro Lins!
Carpeaux! Rachel! Milliet!
Ó donos de suplementos
Toleraí, por uns momentos,
Cem folhas de versos ruins!»

Mais adiante êle explica as nascentes de sua poesia:



BARBOZA NORTON
a poetisa de «Appassconata»

«Comecei cantando trovas
Com repentistas nativos;
Depois, por vários motivos,
Vim pra Cidade — de vez;
Troquei a calça riscada
E o meu paletó de «roda»
Pelo jaquetão da moda,
Colarinho e pince-nez!»

E, por fim, sempre naquêle tom meio irônico, zombeteiro, que é o forte dos cantadores, o poeta resume o seu livro, nesta estrófe:

«Finalmente, êste volume
De tão fraca ressonância
Tanto tem risos da infância
Quanto guerra, fome e amor...
Numa palavra, senhores,
O livro que vos entrego
E' como saco de cego:
— Tem feijão de tôda côr!...»

Rogaciano Leite é mais uma voz da poesia eterna, a viva poesia que se conserva próxima de suas fontes originais e que, por isso, mais comove e mais entusiasma.

AS PEDRAS PRECIOSAS DA ECONOMIA NACIONAL — Alpheu Diniz Gonsalves — Gráfica Olímpica Editôra — Rio.

O título é o único êrro dêste livro, pois não indica, ao leitor, o que contém suas páginas, repletas de erudição, arte, discernimento.

De fato, Alpheu Diniz Gonsalves não é simplesmente um mestre autêntico de geologia e mineralogia: é, antes do mais, uma sensibilidade culta, que sabe ver a significação das coisas e dos sêres, e não apenas sua aparência.

«As pedras preciosas na economia nacional» estuda o assunto sob todos os seus múltiplos aspectos, do técnico ao astrológico, do científico ao supersticioso, do positivo ao imaginário. Definições, esclarecimentos, digressões históricas, a par, de gravuras valiosíssimas, a côres, opulentam a obra, cujo autor é uma de nossas mais sólidas autoridades. E' livro excepcional, na nossa bibliografia, assim pelo texto excepcional, como pelo trabalho gráfico.

O professor Alpheu Diniz Gonsalves, há mais de 50 anos tem se especializado no assunto, e estuda com minúcias, nêste trabalho, os minerais conhecidos como preciosos e semi-preciosos. A essa publicação, única no gênero em língua portuguêsa, está reservado indiscutível sucesso. O livro, com 460 páginas, está dividido em três partes, a primeira das quais constitui desenvolvido estudo científico com informações essenciais para a prática do reconhecimento das espécies.

Escrito em linguagem simples, ao alcance de todos, mesmo os de mais modesta cultura científica, o trabalho, que se destina especialmente aos amadores de pedras e joalheiros, é dedicado igualmente ao público em geral. E' um volume de atraente apresentação, impresso com esmêro, e contém, além da ilustração da capa, 5 pranchas coloridas, no texto, com 238 apresentações de pedras e artefatos, a efígie de Jesús em côr verde (reprodução de uma gravura em esmeralda), 178 gravuras em negro, 4 quadros, 6 tabelas, 4 gráficos e 11 mapas do Brasil e de outros países.

★

HISTÓRIA DA REVOLUÇÃO FRANCESA, — Thomas Carlyle — Edições Melhoramentos — São Paulo

Mesmo os centros cultos de nosso país não são intimos da obra de Carlyle, o dos heróis... Entanto, o nosso Rúi, numa das cartas que figuram em seu livro de exílio, confessa que a «História da Revolução Francesa» é o mais belo poema em prosa que lêra!

E' êsse monumento de epopéia, de estilo, de crítica soberba que as Edições Melhoramentos, em tradução de Antônio Ruas, acabam de estampar, em volume com magnificas ilustrações e papel excelente. Para compreender o alcance do acontecimento de 89, a fôrça de seus vultos, a alucinação das massas, as consequências, é indispensável conhecer a «História da Revolução Francesa», de Carlyle, cujas páginas iluminam deslumbradoramente.

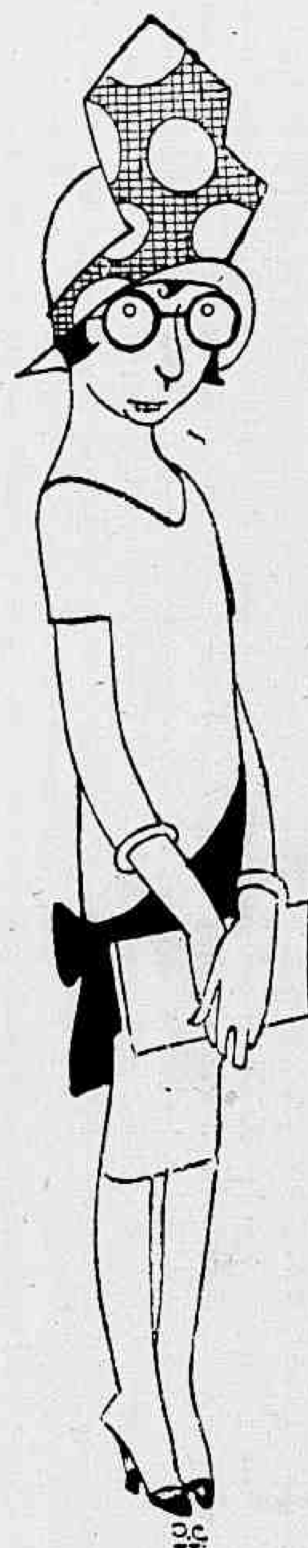
★

LIVROS DE AVENTURAS. —

Em histórias, em que entrem animais, o escritor consagrado é Felix Salten. Dir-se-ia que êle os entende e lhes destaca, a seguir, as melhores qualidades. As Edições Melhoramentos bem houveram estampando os livros de Felix Salten, repletos de aventuras palpitantes.

«Renni, história dum cão de guerra», é exemplo de lealdade e coragem; «Flórian, o cavalo do imperador», exibe o garbo dum corsel magnifico; «Perri» é um esquilo incansável e gracioso. São êsses livros três grandes obras para a adolescência, como, também as de Franz Treller, outro mestre em aventuras vibrantes: «O neto dos reis», a epopéia do último descendente dos velhos dominantes da Guatemala; e «O prisioneiro dos aimarás», a luta de uma tribo a extinguir-se contra os conquistadores brancos. Páginas que demonstram o critério seletivo da Melhoramentos e constituem excelente leitura para a juventude.

EXPOSIÇÃO J. CARLOS



INAUGUROU-SE no Salão Assírio, do Teatro Municipal, uma exposição retrospectiva de J. Carlos, o grande caricaturista há pouco falecido e que, sem dúvida, representa um expoente de sua arte, não apenas no Brasil, mas na história do humorismo universal. Essa mostra de arte que se deve à iniciativa dos amigos de J. Carlos, amparada pela Prefeitura Municipal do Rio, desta cidade de que êle foi o historiador amavel e o poeta levemente irônico — reúne desenhos, revistas e objetos que evocam a vida e a obra dêsse mestre da «charge». E tão grande foi a importância de J. Carlos em nossa imprensa ilustrada dêste meio século que, alguns momentos passados na exposição que vem recordar sua arte, valem por uma recapitulação da crônica carioca das últimas décadas nos seus múltiplos aspectos, desde os mais frívolos e encantadores, como se vêm em suas leves e fúteis «melidrosas», até os mais graves e tristes, representados pelos seus miseráveis — como naquele esplêndido «Casa Próprias», ou no expressivo «Dois Mendigos» — passando pela política, pela piada das ruas, pelas figuras literárias e artísticas. E' um desfile da vida carioca o que encontramos na obra dêste caricaturista pessoalíssimo, fixador de figuras e de acontecimentos nos seus justos traços, nos seus aspectos marcantes. Convidando todo o Rio a visitar a natável exposição de J. Carlos, estamos certos de lhe oferecer a oportunidade rara de descortinar muitos anos do passado carioca em seus instantes mais expressivos, pelas suas figuras mais significativas, pelo humor com que satirizou os grandes acontecimentos e os grandes ridiculos. Ilustramos esta notícia com uma figurinha de J. Carlos que representa uma raridade em sua obra: uma feia... Jota foi sempre amável e carinhoso com as mulheres... Tôdas as suas figuras femininas são bonitas, mesmo quando se fixa as damas matronais, dando-lhes os traços insubstituiveis da velhice. Pois, aqui, o inventor da encantadora «melindrosa» nos oferece uma feia, aliás a ilustração de um poema que se intitulava «Feias», o que o obrigou a trair sua incorrigível boa vontade para com o belo sexo.

O CORAÇÃO FOI FEITO PARA VIVER 105 ANOS

A LINGUAGEM DO CORAÇÃO

A linguagem popular estabeleceu ligações entre os sentimentos e certas faculdades do coração. A medicina não está de acôrdo.

1 — CORAÇÃO ABERTO: — E' falso. Não tem sentido a expressão, a não ser em linguagem falada. Não há «abertura» do músculo cardíaco.

2 — CORAÇÃO SÊCO OU CORAÇÃO DURO: — E' falso. O grau de umidade ou a dureza do coração — quando os podemos apreciar — não representam nenhum sinal de sensibilidade.

3 — CORAÇÃO NO VENTRE: — Falso. O lugar do coração é fixo. Nem é por estar mais abaixo que a coragem seja maior.

4 — FAZER BATER O CORAÇÃO: — Verdadeiro: Quando sobrevém um acontecimento brusco, de prazer ou de desgôsto, são mais rápidas as pulsações do coração.

5 — ELEVAR OS CORAÇÕES: — Falso: — O coração é aqui tomado como sinônimo de sentimento. Como quem diz: «Fulano, você não tem coração?»

6 — DOENÇA DO CORAÇÃO: — Falso. Eufemismo empregado por agente da boa sociedade dos séculos XVII e XVIII, que consideravam vulgaridades falar-se de estômago.

★

OS AMIGOS DO CORAÇÃO

1 — DIACOUMARINA: — Anticoagulante que se toma pela boca.

2 — HEPARINA: — Anticoagulante descoberto há uns cinco anos por um sábio suéco. Originou-se do estrato de fígado. Depois se encontrou a síntese química.

3 — DIGITALINA: — Antigo alcalóide regulador do coração.

4 — INOFILINA: — Serve para dilatar as artérias endurecidas pela artério-esclerose.

5 — UABAINA: — Estrato do «strophantus», planta que tonifica o coração.

6 — Ópio: — Sem excesso beneficia o coração, acalma as dôres. Um outro narcotico, a morfina, é empregado na angina do peito.

7 — TROMEXAN: — Anticoagulante empregado, sobretudo na flebite.

★

AGORA... OS SEUS INIMIGOS

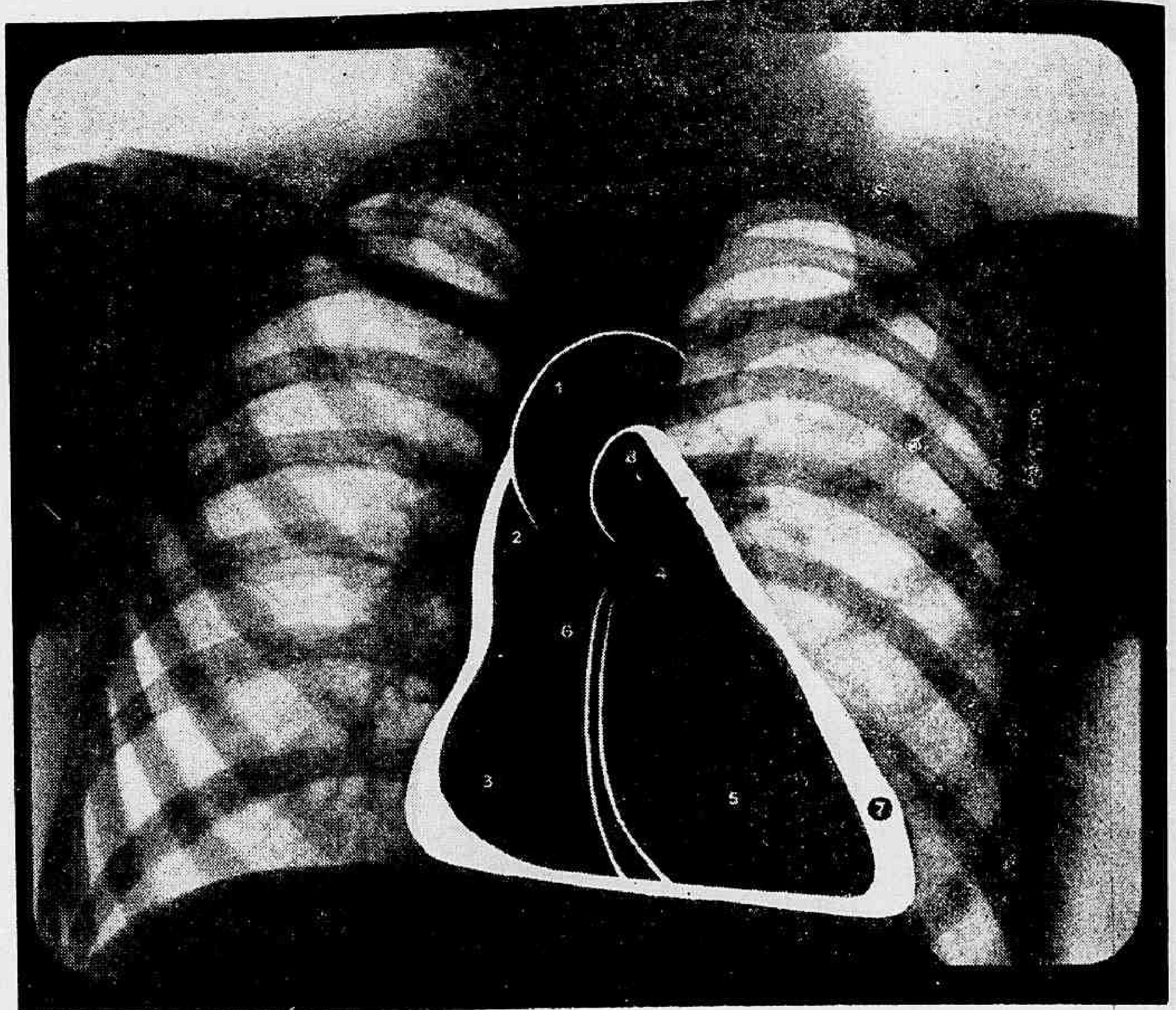
1 — CAFÉ: — Perigoso para os cardíacos, como, aliás, todos os demais excitantes, como o chá, o álcool, o vinho, etc.

2 — A CÓLERA: — E' o inimigo número um. E' preferível beber dez xícaras de café, a ter uma indignação colérica.

3 — ESFÔRÇO: — Proibido. Com tôdas as formas, especialmente os violentos: subir escadas, corridas rápidas, etc.

4 — O SAL: — Grande inimigo dos hipertensos.

5 — FUMO: — Formalmente proibido. A nicotina irrita as terminações nervosas simpáticas. Ajuda a precipitação do colesterol nos vasos e acelera a esclerose.



Radiografia do tórax, mostrando no traçado em branco, numerado, a posição do coração no corpo e divisões respectivas

O CORAÇÃO HUMANO DEVERIA PULSAR DURANTE 105 ANOS ★ TORNOU-SE, PORÉM, O NOSSO PONTO FRACO ★ NESTE SÉCULO ÊLE MATA UM FRANCÊS ADULTO EM CADA TRÊS E UM AMERICANO EM CADA DOIS



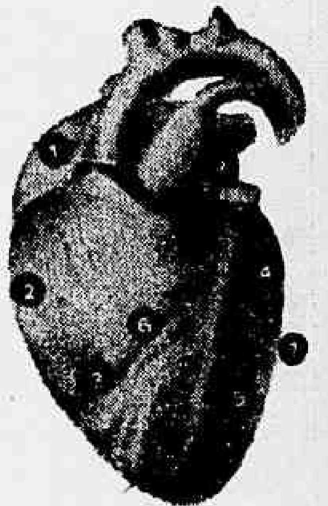
O Professor Laubry, que presidiu ao Congresso Internacional de Cardiologia

FORAM estas as conclusões sensacionais a que chegaram 1.500 especialistas do coração reunidos na Sorbonne, para os primeiros resultados internacionais sôbre cardiologia. Êstes resultados só são contraditórios na aparência, Com efeito, anunciam essas conclusões, ao chegar à metade do seu caminho na vida, acha-se face à face com um inimigo inesperado: o coração. As vitórias alcançadas nestes cem anos sôbre diversas moléstias, têm, em média, prolongado de vinte anos a nossa vida. Mas a vida humana cheia de surprêsas e aflições, com mil motivos emocionais que tanto afetam o coração, de certo poderia ser mais longa, não fôssem as torturas por que passam os civilizados. Tem o coração um segrêdo que, até hoje, ninguém descobriu, ou seja, o fenômeno de sua pulsação. Por que bate o coração? Separado do sistema nervoso central, pode continuar a viver, enquanto os outros músculos devem, para funcionar, receber excitações nervosas. E' o coração como que a causa primeira e desconhecida de nossa vida.

Têm os cientistas e anatomistas realizado experiências assombrosas com relação às coisas do coração. Alexis Carrel, em seu laboratório do Instituto Rockfeller, conseguiu que pulsassem fragmentos de células de embrião de pintos, durante anos. E Fisher, conforme conta Lacomte du Dnouy, conseguiu que duas pequeninas porções de um mesmo coração, colocadas próximas uma da outra, mas sem se tocarem, uma com oitenta batimentos por minuto e a outra com cinqüenta, aumentassem suas células pouco a pouco. Quando, por essa adição de mais células novas, se tocaram, o ritmo de cada porção, até ali diferentes, passa a ser um só, como se as duas partes de coração de um mesmo pássaro se reconhecessem. Não há quem tenha ainda conseguido dar uma explicação sôbre tal fenômeno. Foi o coração considerado pelos antigos como a sede de suas emoções, sentimentos, paixões, bem como da vontade, da memória e da maior parte das faculdades da alma. E' êle o músculo mais complexo do corpo humano. E' formado de várias camadas de fibras, indo em tôdas as direções. Um pouco mais volumoso do que a mão fechada, realiza o coração um trabalho inacreditável. Enquanto todos os outros órgãos **dormem** durante a noite, o coração jamais descansa. Bate num ritmo de 72 pulsações por minuto, enviando às extremidades de nosso corpo, 4.200 litros de sangue em cada 24 horas. Uma gota de sangue que parte do coração, volta novamente ali, de 26 a 28 segundos mais tarde, com a precisão e a rapidez de um mecanismo de relógio. Sua resistência é assombrosa. Em recente acidente de automóvel foi socorrido um homem sèriamente ferido, apresentando

(Cont: na pág. 50)

O CORAÇÃO DO INDIVÍDUO VIVO (como na radiografia acima) apresenta aspecto muito diferente do que nos mostram as gravuras anatômicas, como vemos ao lado. Êsse músculo está em movimento noite e dia durante tôda a nossa existência. A desaparição de um dos nossos outros órgãos (rins, baço, vesícula biliar, pulmão) não causam a morte. Mas quando o nosso coração cessa de bater, a nossa vida também se vai. Vida e coração são como sinônimos. Eis aqui o desenho dêsse mecanismo precioso e secreto; cada número corresponde a uma doença: **aorta** (1), estreitamento ou insuficiência aortica; **aurícula direita** (2) e **ventrículo direito** (3), taquicardia e bradicardia; **aurícula esquerda e ventrículo esquerdo** (4 e 5) estreitamento mitral; **artéria e veia coronária**, (6), angina do peito, doença ainda pouco definida, com 40% de casos fatais, e que perturba as diferentes peças do sistema cardíaco; pericardio (7), pericardite; artéria pulmonar.



Nicodemus e a pinta dos sinais do TRAFEGO

ESTAVA EU AINDA
ME HABITUANDO COM O NOVO
TRAFEGO, QUANDO O SINAL AMARELO,
DE ATENÇÃO,
PISCOU NOS OLHOS DAQUELE
LÂNGUIDO PEDAÇO DE MULHER.
QUIZ ENGRENAR E NÃO PEGOU,
NECA DE ENCOSTAR NO MEIO FIO.
A GAROTA, TIPO CHAPA BRANCA,
NEM LIGOU PRO MEU APITO.
PAREI.
SEU SINAL
PERECEU-ME
AUTOMATICO,
NÃO DANDO BOLA
NEM
PARA
ALTAS
AUTORIDADES,
NÃO
SE ABRINDO
NEM
COM
BOLINHA$...

DEPOIS QUE SALTEI
ME DERAM A SUA FICHA:
NADA
DE
PARE
OLHE
CUIDADO,
PERIGO!...
COM
ELA
O
VELOCI-
METRO
MAR-
CARIA
180
POIS,
ATÉ
AONDE
A
VISTA
AL-
CAN-
ÇAS-
SE,
O
SEU
SINAL
ERA
VERDE
VERDE
VERDE,
TRÂN-
SITO
LIVRE,
TRÁ-
FE-
GO
DE-
SEM-
PE-
DI-
DO
...



SEREI DALTÔNICO ?



As Astúcias do Antonio

QUANDO Antônio me telefonou naquela terça-feira contando que Eliana — sua mulher — o abandonara, não quis acreditar no que ouvia e pareceu-me ser uma outra das suas incríveis e costumeiras piadas para forçar-me a visitá-lo mais amiúde, pois meu amigo gostava de pregar peças aos outros e desenvolvera de um modo quase artístico a sua «arte», como êle próprio a chamava. Era preciso que o conhecessem e o compreendessem. Não fazia mal a ninguém. Mas era o seu senso de humor, eu penso. Foi sempre assim desde os bons tempos de colégio; é o mesmo ainda hoje. Certas vêzes, eu me via nas malhas de alguma das suas galhofas e enfurecia-me com êle, pelo modo como conseguia empulhar-me. Porém êle ria e retrucava que uma brincadeira era uma brincadeira e acabavamos rindo. Logo que entrei no seu belíssimo apartamento, e ao vê-lo, foi o bastante para certificar-me da terrível verdade. E, como é natural nêssas ocasiões, fiquei sem saber o que dizer, temendo demonstrar piedade por sua atual condição ou mesmo afligi-lo ainda mais com qualquer frase sentimentalista. Um sorriso amargo repartia-lhe os lábios finos e delicados, quando veio ao meu encontro e num gesto de completo desânimo falou-me com a voz pausada, em tom de quem acaba de sofrer a maior decepção de sua vida.

E não era para menos!

— «Ah, meu velho amigo Carlos! Dessa vêz não é brincadeira, não...»

Era um homem visivelmente derrotado e fácil foi-me entrever na calma que aparentava, a sua grande tensão nervosa que procurava encobrir.

— «Mas, então...» comecei a balbuciar com mal estar.

Antônio não me deixou terminar aquela frase que me bailava em sentido desconexo na cabeça, confundindo-me as idéias.

— «E' isto mesmo, meu velho. Um dia acontece o inesperado na vida da gente».

A tristeza com que disse estas palavras foi tão profunda que me compungiu o coração e senti os olhos úmidos, pois eramos como dois irmãos.

— «Eliana deixou-me. Fugiu com o Alípio, você sabe...»

Eu caminhava de surprêsa em surprêsa e sùbitamente senti náuseas no estomago. Acordara mal humorado àquela manhã. Não estava acostumado a ser tirado da cama antes das dez e ainda mais para ouvir aquela coisa extremamente desagradável dos lábios do meu melhor amigo. Além disso, sempre alimentara uma certa antipatia por Alípio. Sinceramente, de um certo modo eu desconfiava que a amizade entre os dois não poderia acabar muito bem, visto a demasiada intimidade daquêle rapaz insinuante a granfino com a mulher de Antônio, mas não chegara a supôr que Alípio fôsse capaz de uma tirada como aquela, isto é, desencaminhar qualquer mulher casada, principalmente Eliana, a quem eu conhecia muito bem desde os seus tempos de mocinha.

E' verdade que agora ela era uma mulher moderna, um tanto «americanizada», como diziam as suas próprias amigas, muito atraente e cativante, sendo, portanto, capaz de virar a cabeça a qualquer cristão de carne e osso. Isso, porém, não queria dizer que fôsse infiel a Antônio. Muito pelo contrário, amava-o com todo o seu coração dedicado e jàmais ouvi dos lábios dêle uma só palavra ou queixa desmerecedora que fôsse, a respeito dela.

Amavam-se, é certo, e já haviam completado o oitavo aniversário de um matrimônio quase que perfeito, se tal pode existir. Durante êsse tempo, Antônio tivera as maiores provas da dedicação e fidelidade de sua bela mulher, justamente quando da época em que a vida ainda não lhes sorria e as dificuldades pareciam aumentar cada vêz mais. Graças, porém, aos sacrifícios que soubera corajosamente suportar, por ela eficientemente coadjuvado, alcançara a atual posição de chefe da carteira de crédito de um dos grandes bancos da capital.

Mas isto não vem ao caso e requereria, por certo, umas tantas páginas a mais nesta narrativa, que ouso agora relatar, apenas por um dever para com a sociedade — que poderia talvêz interpretar mal o fato ocorrido — e a bem da moral do meu amigo Antônio.

Eu escutava como um verdadeiro autómato o que êle ia contando com a sua voz aparentemente calma. Nenhum músculo da sua face demonstrava o menor vestígio dêsse furor canibalesco e cego que se apodera dos maridos enganados. Para mim, todavia, que bem o conhecia, seu estado de nervos à flôr da pele não me passava despercebido e sabia perfeitamente que enquanto contava-me a dolorosa história da sua tragédia conjugal e do seu lar desfeito, sua cabeça funcionava loucamente à procura de uma solução honrosa para a integridade moral tão duramente manchada por sua mulher.

— «Cheguei ontem a casa» — continuiu Antônio, depois de uma insuportável pausa -- «como de costume, depois que o banco fechou e aqui encontrei esta coisa monstruosa. Um bilhete dela dizendo...»

Procurou nos bolsos do roupão e só então percebi que sua voz alterara-se imperceptivelmente e a mão tremia, sinal evidente da agitação que o consumia por dentro. Devia ser titânica aquela luta surda que travava anteriormente. Dava-me dó vê-lo naquêle deplorável estado.

Entregou-me um pequeno retângulo de papel côr de rosa perfumado —o perfume característico de Eliana, pude observar — onde apareciam as letrinhas miúdas e traçadas como que às pressas. Lá estava lavrada a sentença do meu pobre amigo:

«Antônio.

«Não suporto mais esta vida falsa. Amo Alípio e com êle vou. Não sei fingir; por isso confio que me saibas perdoar.

Adeus

Eliana».

Não me restava mais dúvida alguma sôbre a espetacular e incrível fuga de Eliana e convenci-me, numa súbita irupção da minha rudimentar filosofia de sujeito que nunca amou na vida, de que o mundo realmente não passava de uma casa de doidos e que a felicidade jàmais nos pertence. O exemplo vivo do que afirmava estava ali representado pelo meu amigo Antônio.

Que deveria eu dizer? Acalentar meu amigo? Dizer-lhe que aquilo fôra uma la-

(Cont. na pág. 51

CONTO DE WALTER B. MAIA
ILUSTRAÇÃO DE **ABELARDO ZALUAR**



NA PAZ DO LAR, em casa do irmão, Chico Xavier encontra o ambiente calmo, humilde e familiar de que necessita após as seções no Centro espírita, para retemperar as energias gastas nas horas seguidas de transe mediúnico. Vemo-lo na foto, segurando nos braços o sobrinho Ademir,, aparecendo a seguir o irmão André Luiz, a cunhada e uma visita amiga de S. Paulo. Era quase uma hora da madrugada.

NA MECA DO ESPIRITISMO

PEDRO LEOPOLDO, A PEQUENA CIDADE MINEIRA, É CONSIDERADA UM DOS MAIORES CENTROS ESPÍRITAS DO MUNDO — CHICO XAVIER, O MEDIUM QUE SE RECUSA A FALAR DÊLE MESMO PARA ABORDAR O ASSUNTO ESPIRITISMO COMO CIÊNCIA — RESPOSTAS PSICOGRAFADAS — FINALIDADE E UM POUCO DE DOUTRINA — ESTAREMOS MESMO ÁS PORTAS DO MILÊNIO DA LUZ ?

Textos e fotos de **SABINO CANALINI**

CHOVIA torrencialmente. Inicio de noite escura e ameaçadora. O carro, sofrendo por causa do péssimo estado da estrada, caia de vêz em quando num buraco mascarado em poça dágua ou patinava na lama escorregadia, convidando o chauffeur à máxima prudência. Caminho quase deserto, apenas alguns caminhões carregados. Sairámos de Belo Horizonte rumo a Pedro Leopoldo, considerada nos meios espíritas como a Méca da seita. Essa definição é devida à presença, na pequena cidade, de Francisco Cândido Xavier, medium conhecidíssimo. Pela importância da obra e da colaboração para maior divulgação da doutrina espírita, pelos comentários e discussões provocados em tôrno de suas realizações, principalmente pelo movimentado «caso Humberto de Campos», Chico Xavier tornou-se alvo de curiosidade, de especulação, por parte de numerosas pessoas. Não se pode negar que também despertou verdadeiro interêsse pela doutrina kardecista, conforme numerosa correspondência recebida pela nossa redação. No intuito de melhor informar aos leitores sôbre os diferentes quesitos apresentados é que nos moviamos, na noite de uma sexta-feira do mês passado, para Pedro Leopoldo. O perigo da estrada era completamente esquecido pela interessantissima palestra mantida no interior do carro com os dois companheiros de viagem, Newton Boechat e Henrique Rodrigues, jovens eruditos e liberais espíritas, discípulos de Chico Xavier. Em rápidas frases ficamos sabendo o bastante para compreender o que iriamos em seguida presenciar, seja quanto à seção pròpriamente dita, como sôbre a doutrina em si. Conversa deveras cativante, repetimos, com revelações do tipo «acredite se quiser e explique se puder», empreendimento êsse que deixaremos a cargo dos próprios leitores e dos tempos futuros, nos quais talvez venham a ser abordados muitos dos assuntos por ora ventilados como fantasia, impossíveis, transcendentais.

O espiritismo baseia-se na concepção de que a alma, isto é, a essência da vida, é imortal, e pode, mediante o processo de reincarnação, humanizar-se sucessivas vêzes, na vida terrena, para o aperfeiçoamento necessário a todos os seres espirituais, até conseguir o estado de espírito luminoso, após o que não mais será preciso a volta à esfera terrena. Êsse o credo espírita, e numerosos foram os casos contados ao repórter, para explicação, na hora e meia de viagem. Dizer aos leitores que nos foi revelado que o espírito de Judas Iscariote, após várias reincarnações, sublimou-se na figura de S. Francisco de Paula, que o de João Huss, voltou à Terra mais tarde como Allan Kardec, que existiu a Atlântida, e que o Planeta Terra não é o único habitado no universo, sem o poder provar, é querer provocar discussões inúteis e prejudiciais. Vamos portanto ao concreto. Apresentados ao medium, não tivemos surprêsa nenhuma pois já o conheciamos através das muitas descrições e das fotos publicadas inclusive em números anteriores desta revista. Simples, acessível, excusou-se de prestar informações mais detalhadas a respeito de sua vida.

— O que interessa é o espiritismo, disse, não o transformemos, pois, em «chiquismo».

Expusemos as razões de nossa viagem e êle permitiu

(Cont. na pág. 19)

RESPOSTAS PSICOGRAFADAS POR CHICO XAVIER



EM COMPANHIA DO MEDIUM de Pedro Leopoldo vemos Newton Boechat, um dos muitos discípulos que acompanham Xavier em sua jornada.

FALA EMMANUEL

Por intermédio de Chico Xavier, fizemos à mesa de sessões, cinco perguntas. As respostas foram psicografadas por Chico Xavier, no curso dos trabalhos:

— QUAL A FINALIDADE DA VIDA HUMANA?

— A existência humana é simples estágio da alma imortal no plano da carne, em processo de aprimoramento para a vida eterna. Dentro da nossa insignificância microscópica, diante da Grandeza Divina, imanente em todos os ângulos da natureza, não vale perguntar sôbre a destinação suprema do caminho que nos cabe percorrer mas fugir à posição ociosa do espectador em benfício de nossa perfeita integração com o trabalho digno que o mundo nos oferece, através do qual atingiremos os cumes da Sabedoria e do Amor que nos competa alcançar no infinito do espaço e do tempo.

★

— E' POSSÍVEL MAIOR DIVULGAÇÃO DA DOUTRINA ESPÍRITA, COMO NO CASO DA MATERIALIZAÇÃO, INCLUSIVE COM COMPROVANTES FOTOGRÁFICOS, PARA MAIOR ESCLARECIMENTO DO POVO?

Acreditamos que o futuro vulgarize semelhantes realizações, atentos, contudo, à lei do merecimento. Ilumine-se o homem e a vida brilhará em tôrno dele. Nos setores da fé renovadora não admitimos, porém, que os fatos inhabituais edifiquem a redenção que devemos esperar. Quando o espírito surge preparado a fim de ambientar a compreensão sublime da vida em si mesmo, não há necessidade de qualquer fenômeno; e quando a Lua se recolhe ainda no campo da Terra, à maneira de flor em seara verde, todos os fenômenos não bastam à sua ascenção para mais altas esferas evolutivas. Assim, pois, trabalhemos quanto se faça possível aos nossos recursos não só para que os Espíritos Superiores se façam semelhantes aos homens encarnados, nos serviços de materialização, mas também para que as criaturas se espiritualizem, sublimando as paixões que as acorrentam ao círculo de matéria densa, colocando-se na direção dos Gênios Divinos que lhes inspiram a jornada para Vida Mais Alta.

★

— E' PERMITIDO REVELAR INFORMAÇÕES CONSIDERADAS SEGREDOS HISTÓRICOS OU CIENTÍFICOS?

— Os Espíritos de Boa Vontade que cooperam com os homens na extensão do progresso e da santificação da vida no Planeta, não podem comprometer as obrigações que lhe são peculiares diante das leis que nos presidem os destinos. O instinto não deve absorver o trabalho do aprendiz sob pena de complicar-lhe o futuro. Somos vossos companheiros de serviço e, de nossa parte, ainda nos encontramos muito distantes das respostas finais a todos os enigmas que vos atormentam o espírito indagador. Asseverou o Divino Mestre — "Batei a abrir-se-vos-á". Jesus não pretendia com esta afirmativa converter-nos em mendigos às portas da Divindade, mas em trabalhadores pertinazes da luz e do bem, "batendo" no roteiro da perseverança construtiva, em favor de nossa própria sublimação.

— QUAL A RAZÃO DO DESAJUSTE SOCIAL, POLÍTICO E IDEOLÓGICO QUE CONVULSIONA O MUNDO? HÁ ESPERANÇA PARA APLAINAMENTO SATISFATÓRIO?

— O desajuste da sociedade humana, em suas linhas profundas, resulta da desarmonia do próprio homem. Claro que não dispensaremos a contribuição do sociólogo e do economista, do político e do administrador, na solução dos problemas deploráveis que afligem o espírito coletivo de tôdas as nações do vosso século de esplendores e trevas, de ciência e perversão, mas essa atuação do mundo externo será sempre de efeitos problemáticos por influenciar de fora para dentro. Por isso, advogamos com o Espiritismo Evangélico, o soerguimento do "homem humanizado" ao calor dos ensinamentos transformadores do Cristo, convencidos de que só a regeneração da Unidade operará o reajustamento, o equilíbrio e a harmonia do Todo.

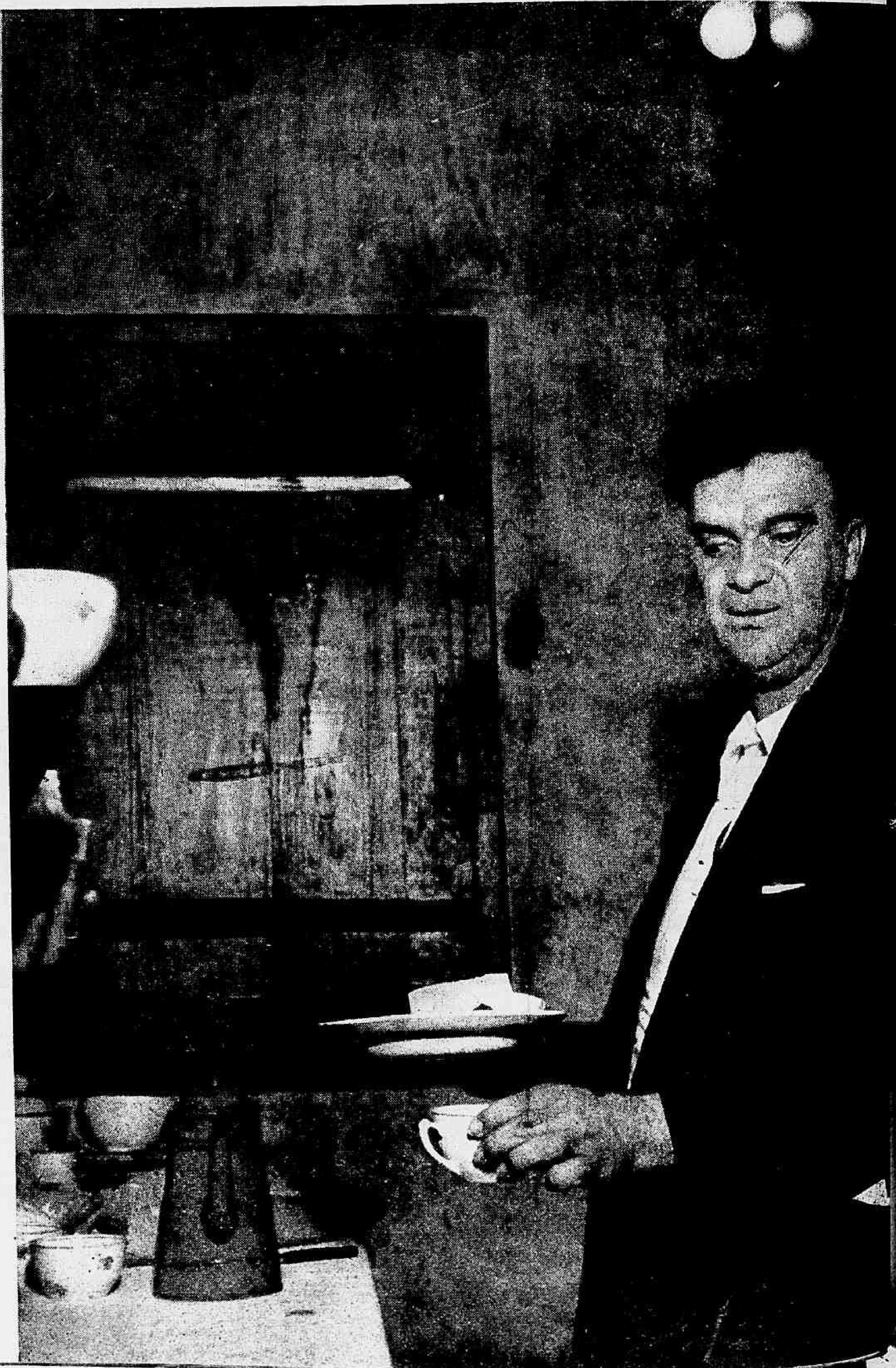
★

— POR QUE NÃO APROVEITAR A EXPERIÊNCIA DOS ESPÍRITOS EVOLUÍDOS, PARA APAZIGUAR A FAMÍLIA HUMANA?

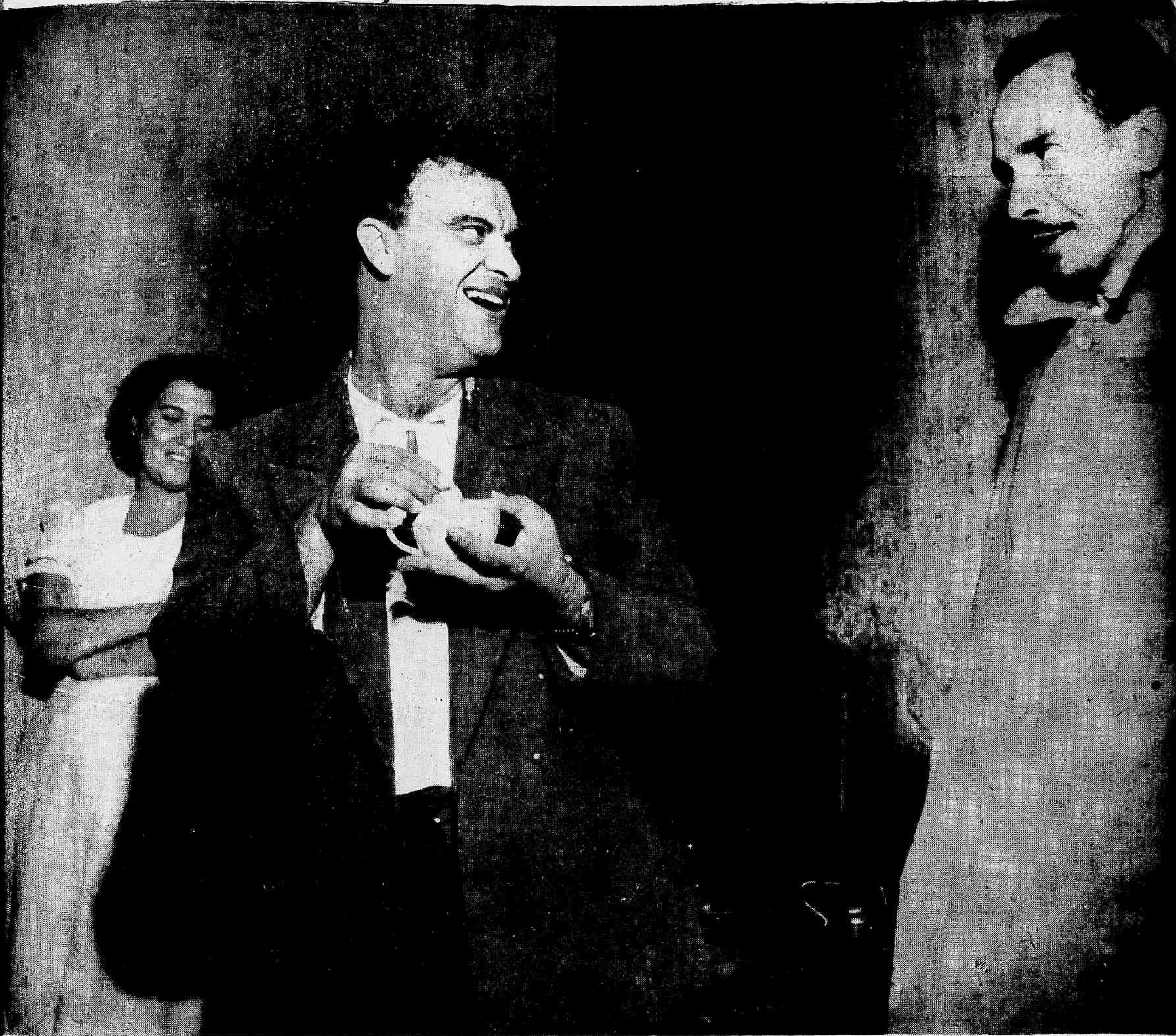
— Permitimo-nos adaptar a interrogação ao nosso modo, endereçando-a de nossa esfera de ação ao vosso campo de luta:

— "Por que não se aproveitarem os homens da experiência adquirida pelos Espíritos Amigos no apaziguamento da família humana?" Reconhecendo a inexistência da morte, qual a concebeis, sois naturalmente obrigados a fortalecer as próprias noções de justiça. Somos lavradores de nossa própria gleba, semeadores dos próprios destinos. Arquitetamos e edificamos, e tanto aí entre vós, quanto aqui, colhemos o fruto de nossa plantação no solo da vida. A passagem pela carne é romagem breve e mais vale reajustar o "hoje" para a harmonia do "amanhã" que estacionar o nosso coração nas inutilidades do "ontem". O problema da Humanidade é problema do Homem, repetimos. Defenda cada qual o seu patrimônio bendito de oportunidades na reestruturação do próprio caminho, afeiçoando a alma aos ensinos d'Aquêle Divino Amigo das criaturas, amando o próprio trabalho e mesmo a própria dor, no cântico da esperança fiel da vitória definitiva do bem, com serviço incessante ao próximo, e, por certo, o porvir nos responderá com a suprema iluminação. Esta é a Causa do Espiritismo atual, como expressão da Boa Nova rediviva — melhoria do homem com a santificação da alma para soerguimento do mundo que é sublime porta de acesso à Vida Imortal.

EMMANUEL



APÓS UMA AGRADAVEL palestra veiu o cafèzinho e o queijo de Minas que Xaxier fez questão de servir pessoalmente ao repórter.



UMA VEZ SERVIDOS todos os presentes, na cozinha da casa de André Luiz, também o medium saboreia o café, enquanto continua a conversa. Vemos à direita Henrique Rodrigues, outro discípulo, um dos que nos acompanhou na viagem até a Meca do Espiritismo. Altamente instrutivas e elevadas as palestras mantidas na presença do médium, devido às revelações que êle faz em nome do guia Emmanuel.

que fizessemos algumas perguntas, mas abordando apenas a doutrina como ciência, para serem respondidas durante a sessão, enquanto êle estava em trânse. Faltavam poucos minutos para o início desta, e apesar de não haver tempo suficiente para elaborar um questionário sério e concienciosо, acedemos, alinhavando às pressas as perguntas anexas. Quisemos obter uma certa definição para explicar a nossa vinda ao mundo. Diante do ceticismo que o reporter deve apresentar sempre em seu trabalho, redigimos a segunda pergunta. Devido à incerteza dos homens no que se refere à crônica da própria existência e à luta incessante para o desenvolvimento cientifico, redigimos a terceira. Com a esperança talvez de obter uma palavra de confôrto para a época atual, surgiu a quarta. Pelo fato de considerar perdidas inúmeras experiências de homens superiores e de acontecimentos que não chegam ao conhecimento da maioria é que encerramos, com a quinta pergunta, o questionário apresentado. Aos leitores oferecemos perguntas e respostas, sem comentário de espécie alguma. A linguagem usada é metafórica. Leiam nas entrelinhas ou peçam esclarecimentos a quem os puder dar. Durante a sessão, que durou três horas, terminando à meia-noite, para manter vivo o interêsse geral dos assistentes num determinado assunto, no caso a página do Evangelho escolhido no início, vários oradores se sucederam para uma ilustração oral. Em geral a linguagem usada foi também muito elevada, como no caso das alocuções proferidas pelo Newton Boechat, construção de frases, termos e empregos de verbos diferentes da linguagem usualmente empregada nas conversas fora da sessão. Sem querer entrar no por quê do fato, pensamos todavia que grande parte da assitência, constituida por pessoas humil-

(Cont. na pág. 49)



NA MESA DA SALA é despachada a numerosa correspondência recebida de todo o Brasil, contendo especialmente consultas médicas.



A CORÉIA CONTINUA A AMEAÇAR O MUNDO

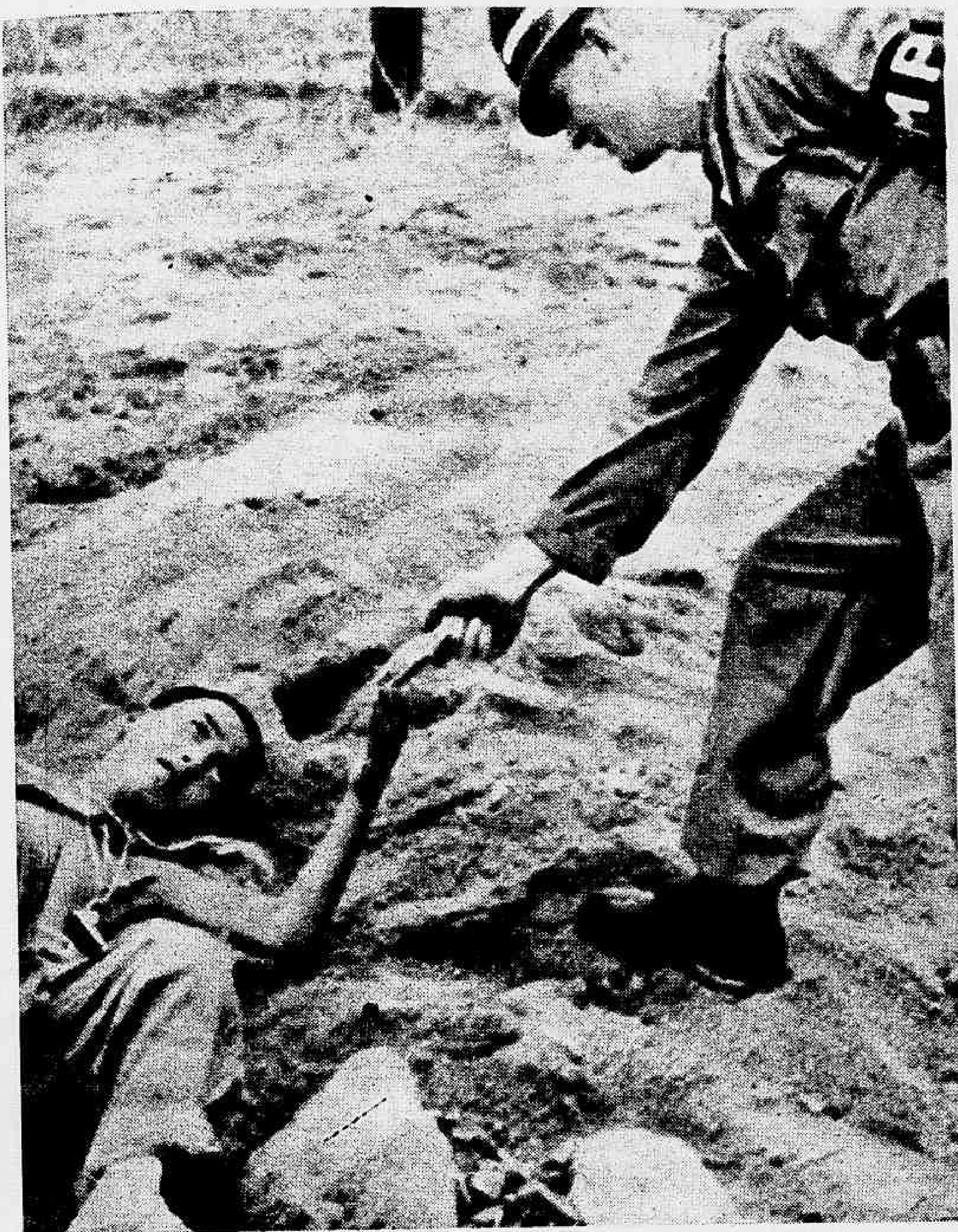
A VISÃO DA GUERRA — CRIANÇAS AS MAIORES VÍTIMAS

JÁ estamos em fins de 1950 e a luta na Coréia continua árdua, consumindo milhares de vidas de parte a parte. Os Estados Unidos, firmes no seu propósito de evitar que ali se origine a terceira guerra mundial, obteve a adesão de tôdas as Nações Unidas, exceções da URSS e de seus satélites, e contam com a aliança de numerosas potências e nações menores, para o envio de tropas e armamentos, navios e aviões, na ação total contra os soldados de Kim Ir Sem. Quando caiu a capital da Coréia do Sul em poder das tropas das Nações Unidas, forçando uma retirada geral dos exércitos do norte para além do paralelo 38, o mundo inteiro respirou aliviado, esperando que a luta estivesse no fim; mas, inesperadamente o inimigo tomou alento, graças às vizinhanças da Mandchúria, e, segundo afirmam, já são os soldados e a aviação de Mao-Tse-Tung que fortalecem a resistência dos coreanos do Norte. O perigo de alastramento de uma guerra total e geral é cada vêz maior. O mundo inteiro continua com os olhos fitos na tragédia do Oriente e espera que as potências unidas pela Sociedade das Nações Unidas, cheguem a bom termo na luta destruidora. A ONU, que acaba de completar o seu primeiro lustro de vida, precisa restaurar a Paz entre os povos, fazendo valer o Direito sôbre a violência.

Dois soldados norte americanos aprisionaram êste coreano nas proximidades de Seoul, momentos antes da queda daquela cidade em poder das fôrças da ONU. Junto a êle, outros foram capturados, numa ação fulminante na arrancada final.



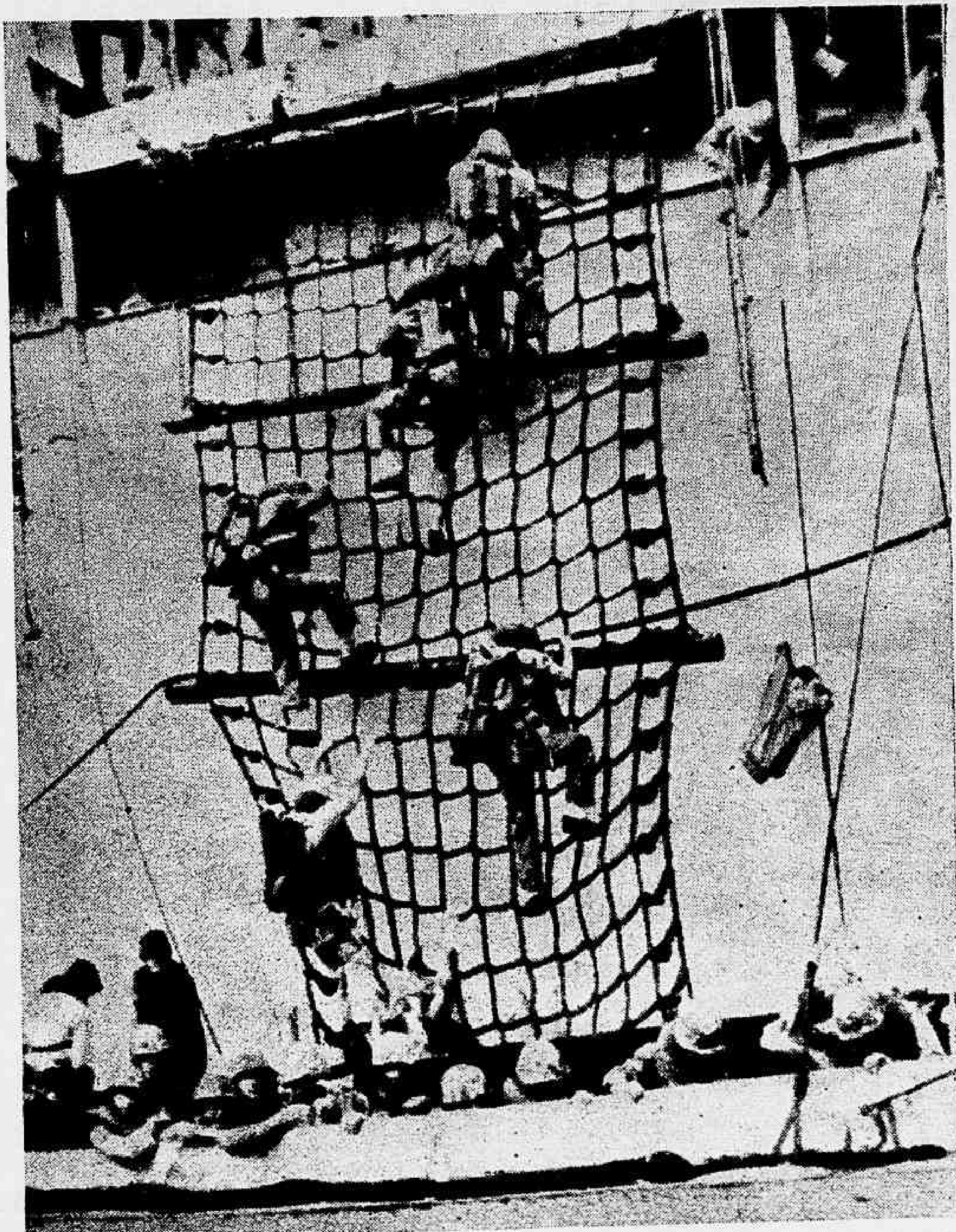
O DRAMA DAS CRIANÇAS NA VORAGEM DAS GUERRAS. ESTA MENINA CHORA PELOS PAIS QUE, TALVEZ, NÃO MAIS A VEJAM.



As atitudes humanas também existem em plena guerra. Aqui vemos um cabo da Polícia Militar da 25ª divisão americana oferecendo um pouco de chocolate a um prisioneiro coreano cujo estado de desnutrição é evidente pela foto. A guerra os colocou em campos opostos; mas, apesar de tudo, os sentimentos humanos e cristãos não desaparecem do ianque.



Na frente de Naktong um soldado americano consegue aprisionar êste norte-coreano, mas o obriga a tirar a roupa a fim de certificar-se de que êle não está armado. E' que na guerra da Coréia, o americano confia, mas desconfiando sempre como se estivesse dentro da velha filosofia do nosso sempre lembrado Floriano Peixoto, Marechal de Ferro.



A ação de desembarque em massa de soldados da ONU na baía de Inchon, pôrto que serve a Seoul, foi uma das mais perfeitas em todos os tempos. Aqui vemos soldados da Marinha dos Estados Unidos quando desciam para os seus botes rapidíssimos em direção à terra firme, no assalto à capital da Coréia, quando ainda em poder dos invasores do Norte.



A calma de um soldado norte-americano da Virgínia, na frente do rio Naktong. Chama-se David Singleton e, enquanto está com o dedo no gatilho da metralhadora, com a esquerda vai folheando a revista cuja leitura tanto lhe agrada. E o inimigo estava a menos de 300 metros! Mas a vida é isso mesmo. Se morrer, teve uns belos resto de vida a ver garotas...

NO JARDIM DA GLÓRIA, onde costuma ir se inspirar, Júlio Louzada subiu ao monumento do Visconde de Pôrto Seguro e aí ficou, longo tempo, em atitude meditativa.



JÚLIO LOUZADA MÍSTICO E HUMANO - II

NO LIMIAR DO NATAL

JÚLIO LOUZADA EXALTA DEUS NAS ALTURAS E PEDE PAZ NA TERRA PARA OS HOMENS DE BOA VONTADE ★ "A PRECE É A ESCADA MISTERIOSA DE JACÓ: POR ELA SOBEM OS PENSAMENTOS AO CÉU; POR ELA DESCEM AS DIVINAS CONSOLAÇÕES ★ ILUMINA COM A LUZ DA FÉ AS ALMAS DORMENTES NA NOITE DO PAGANISMO E FAZ SURGIR NOVOS MUNDOS ESPIRITUAIS".

Reportagem de **Abdias Rodrigues** —— Fotos de **Walter Morgado**

«A prece é a escada misteriosa de Jacó: por ela sobem os pensamentos ao céu; por ela descem as divinas consolações» — escreveu Machado de Assis. E Júlio Louzada acrescenta: «Sinto uma angústia ao contemplar o céu, uma inquietude ao mirar a terra... Vejo-me tão pequeno entre o céu e a terra, e pressinto algo tão grande que não posso deixar de orar constantemente:

«Senhor: eu creio em Ti, em Ti confia meu coração na mágua e na ventura. Mas... a vida é aflitiva e aí está o **Eclesiastes** que diz ter visto as lágrimas dos inocentes e que ninguém os consolava. — «Bem aventurados os que choram, porque serão consolados».

— Vêde a injustiça do mundo. Nem sempre o prêmio é dos que melhor correm; diz ainda o **Eclesiastes,** e tudo se faz por encontro e casualidade.

— «Bem aventurados os que têm fome e sêde de justiça porque êles serão fartos».

— Mas é ainda o **Eclesiastes** que proclama haver «justos aos quais provêm males como se êles tivessem feito obras [illegible] ímpios que vivem tão seguros como se tivessem feito ações de justos».

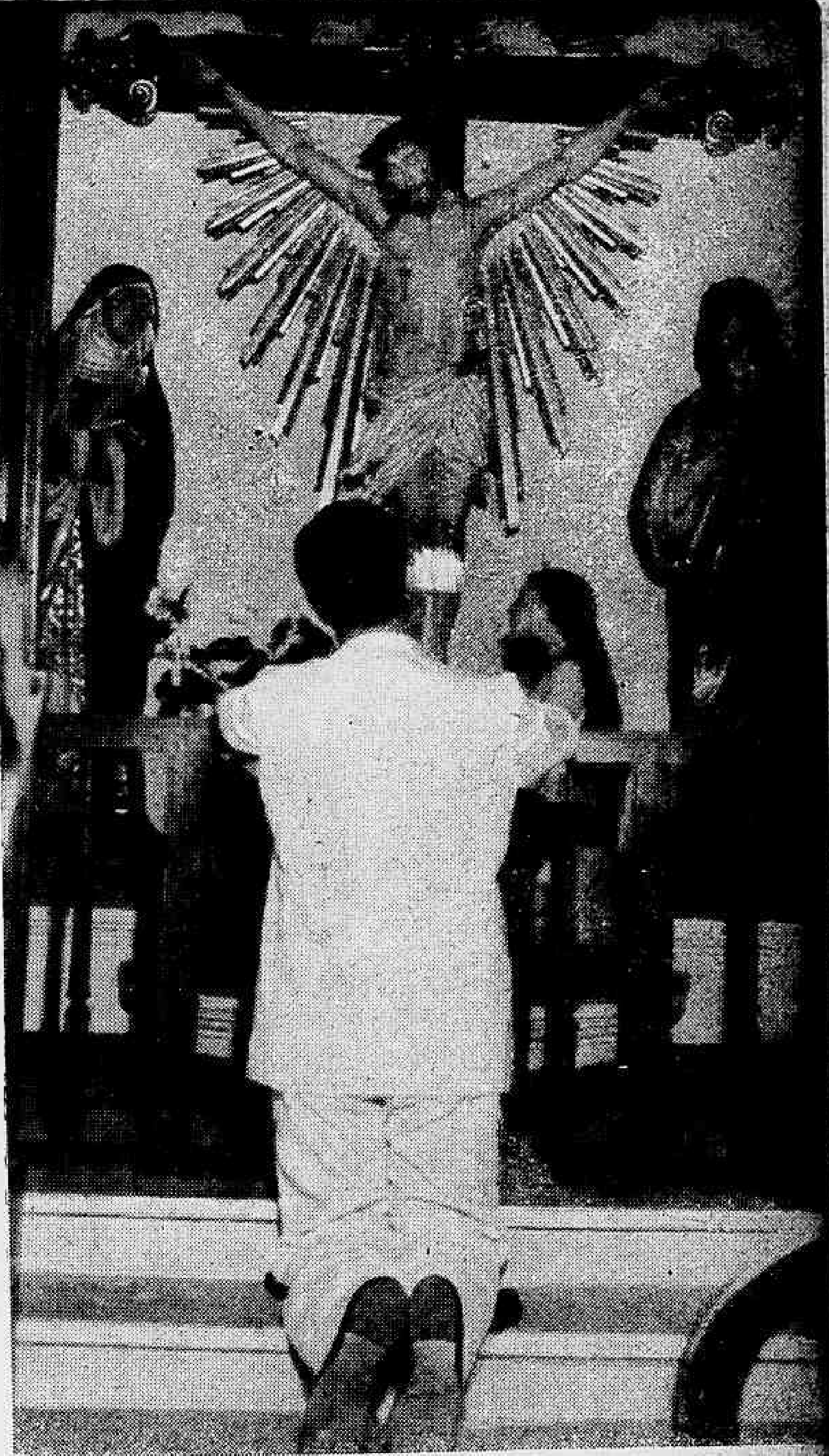
— «Bem aventurados os que são perseguidos por amor da justiça, porque dêles é o reino do céu.

— «Bem aventurados os pobres de espírito; bem aventurados os pacíficos...»

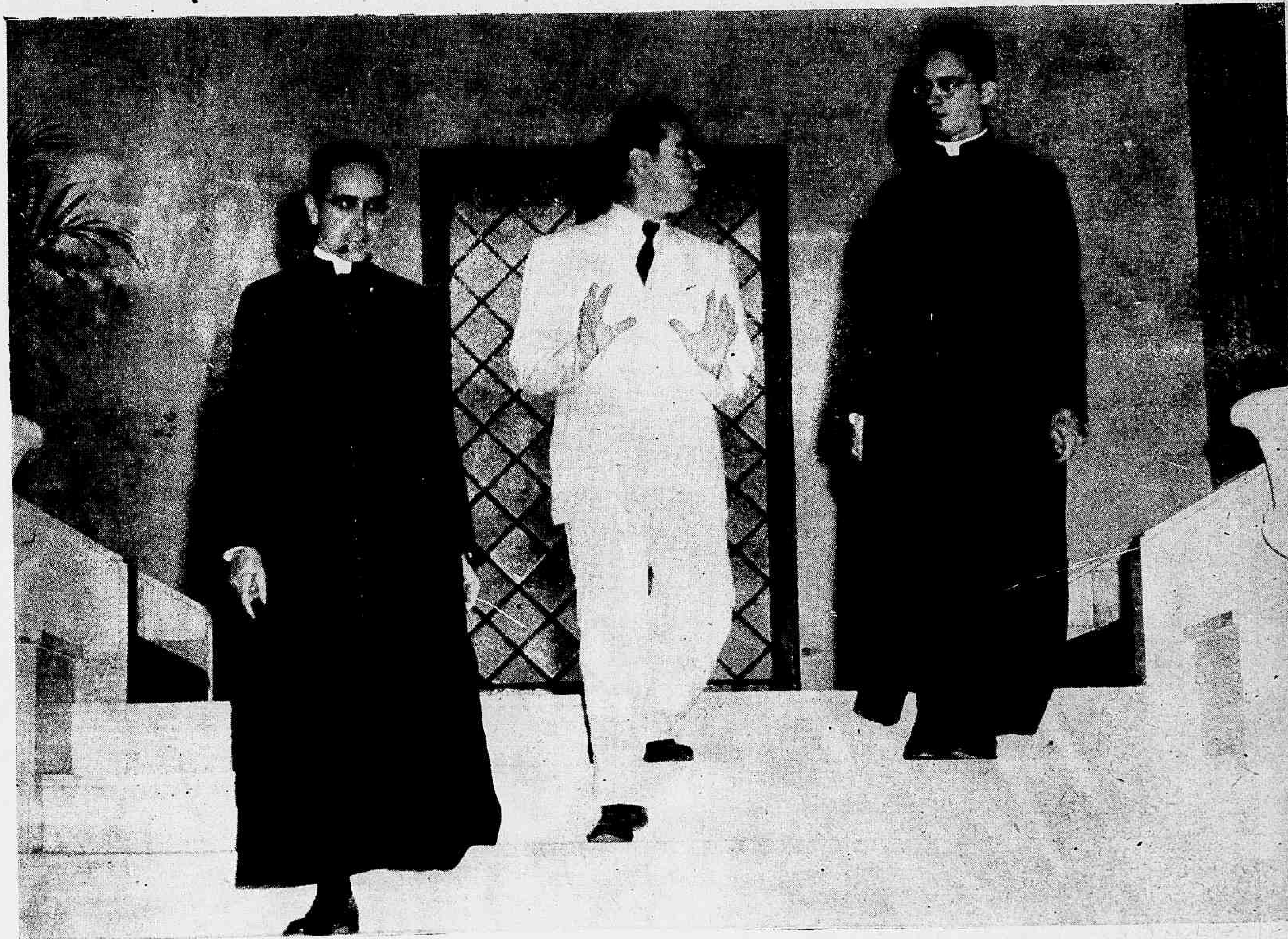
★

[illegible] na reportagem passada que a obra religiosa de Júlio Louzada não se restringe tão sòmente ao microfone, à Hora da Ave-Maria. Em verdade, não se pode narrar em 14 horas o que vem sendo feito há 14 anos consecutivos. Esse locutor é um místico sincero e um homem bem [illegible]. Não é, como se poderia pensar à primeira [illegible] um católico de fachada, que apenas visasse popularidade no meio dos crentes. Não. O próprio mundo católico, [illegible] sacerdotes e religiosos, reconhecem o que afirmamos. Haja vista a atenção e consideração com que é recebido nas comunidades religiosas que visita periòdicamente.

Como bom católico praticante, êle se confessa e comunga duas vêzes por mês. E' irmão remido da Igreja de Nossa Senhora da Pena — a padroeira dos jornalistas — e da Igreja de Nossa Senhora da Saúde. Tem conhecimentos de teologia e já leu a Bíblia por 2 vêzes, consultando-a freqüentemente. Ao lado do seu misticismo está o problema



Ante o Calvário da Igreja de São Jorge, Júlio Louzada óra: «— Senhor, eu creio em Ti, em Ti confia meu coração na mágua e na ventura...»



Periòdicamente o locutor da Ave-Maria visita hospitais, asilos, orfanatos e prisões, levando aos desventurados suas palavras amigas e consoladoras. O flagrante foi feito quando da visita ao Seminário de S. José. Júlio Louzada palestra com o padre Vital Cavalcanti, ecônomo daquele estabelecimento, e com o cônego Oton da Mota, diretor espiritual do seminário.



Quando Louzada sobe ao morro, a alegria volta a habitar os corações. E a meninada exulta feliz. Êste flagrante foi obtido quando, acompanhado pela reportagem, êle aparecia no Morro do Salgueiro. O pequenino que aparece suspenso pelo locutor de «Pausa da meditação» é paralítico. Mas assim mesmo vê-se que está satisfeito e agradecido com as atenções de Louzada.



humano que é um derivativo da sua obra altruística e do seu bondoso coração. Constantemente visita hospitais, asilos, orfanatos e prisões, levando aos desventurados a sua palavra amiga e consoladora. Associando-se também à campanha do Natal dos Pobres da Rádio Tamoio, vem conseguindo muitos donativos para a iniciativa daquela emissora.

— «Júlio Louzada é um católico que pode servir de mira a muitos «pseudo-católicos» — disse certo sacerdote. E o poeta acrescentou:

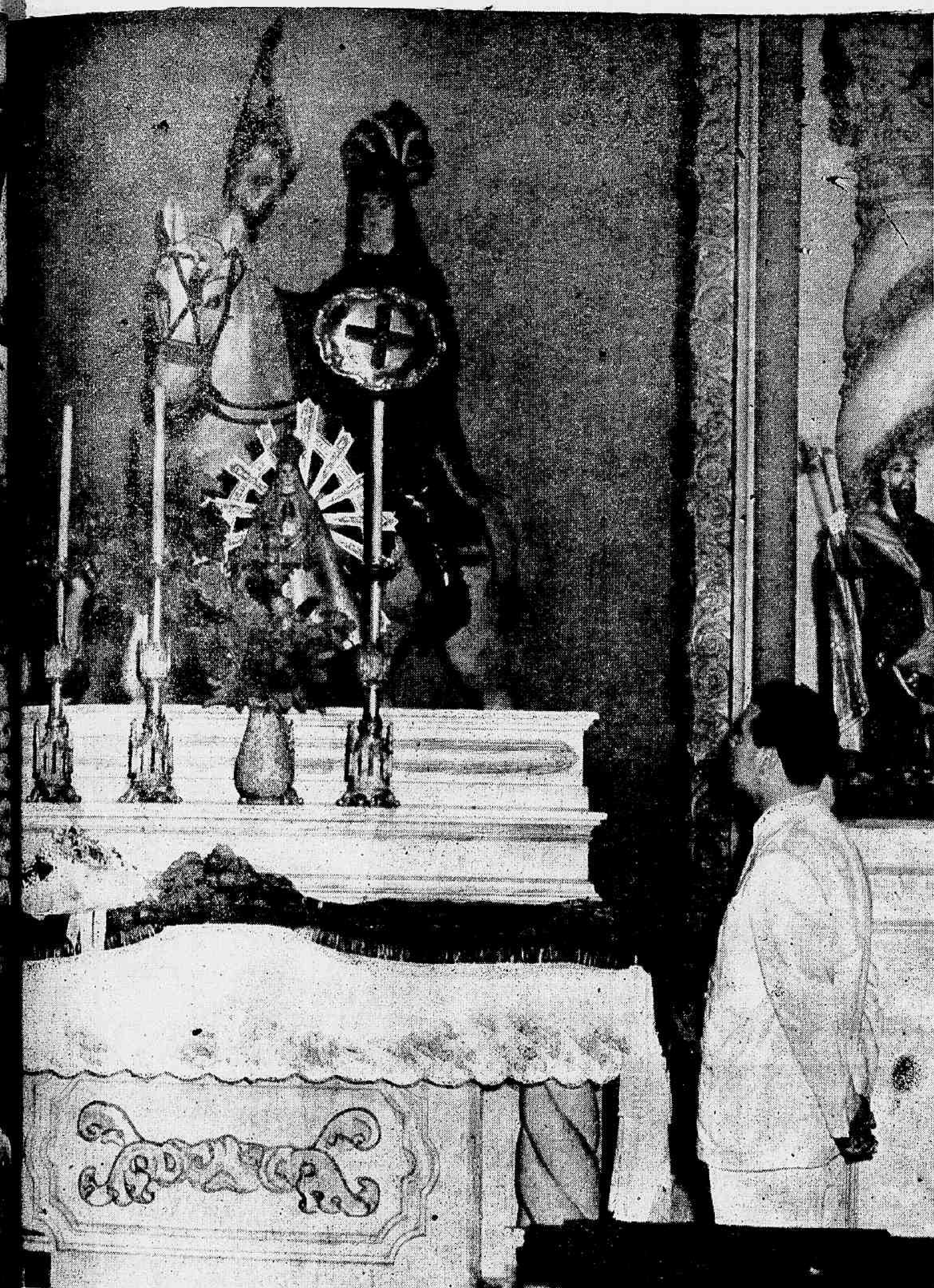
— «Quando ouço o toque de orações no campanário, anunciando a **Hora do Angelus**, meus pensamentos voam inquietos, buscando, longe, saudades e recordações diversas. Mas, se nesse momento ligo o rádio para a Tamoio e ouço a voz de Júlio Louzada, tudo me escapa à memória e só tenho pensamentos para Deus. E' que o locutor fala nostàlgicamente como se estivesse debulhando a sonata da vida nas suas orações. E há uma suprema harmonia, em cujo pentagrama adejam todos os acordes e harpejos do pensamento».

Por sua vez monsenhor Henrique de Magalhães — o Mont'Alverne moderno — disse: — «Continua, continua, moço, com a tua cruzada. A humanidade precisa de oração. Ela desbasta as selvas, abre os caminhos, prepara os altares e faz tronos nos corações. Ilumina com a luz da fé as almas dormente na noite do paganismo e faz surgir novos mundos espirituais!»

★

Já dissemos que Júlio Louzada é um estudioso. Afora o conhecimento religioso que possui, tem também cultura

Despedindo-se da irmã Maria Antoinette, na Santa Casa da Misericórdia, após a visita semanal aos enfermos.



— «São Jorge glorioso, tende piedade de nós em tôdas adversidades e ajudai-nos em tôdas atribulações, para que os incrédulos venham a conhecer que sois a recompensa dos humildes, a defêsa dos devotos, a fôrça dos que em Vós confiam. Pela vossa perfeita união com a divina vontade, intercedei por nós, ó glorioso São Jorge, dai-nos a conformação nas horas de dôr e sofrimento».

JÚLIO LOUZADA MÍSTICO E...





Ao alto, Louzada no barracão de uma senhora de 90 anos. Em baixo, aceitando o copo de água que le oferece um ouvinte.

geral que o situa como um dos mais cultos radialistas brasileiros. Lê os autores clássicos e os modernos. Os seus poetas prediletos são: Castro Alves e Olavo Bilac. O pensadores: José de Alencar, Machado de Assis e Humberto de Campos. Tem uma memória singular, pois sabe de cor os 10 cantos de «Os Lusiadas», todos os sonetos da «Via Lactea», trechos de «Iracema», além de outros poemas em prosa e em verso, inclusive a famosa carta em que José de Alencar apresenta Castro Alves a Machado de Assis.

Já tem bosquejada a página que (possivelmente com algumas alterações) será lida na noite de 31 de dezembro e que damos aqui com exclusividade, juntamente com outra oração a Santa Rita.

NO LIMIAR DO NOVO ANO
Gloria in excelsis dei

«Há dois mil anos passados — 25 de dezembro — nascia numa singela mangedoura, em Belém, Nosso Senhor Jesus Cristo — O Messias designado pelo Todo Onipotente para salvar a humanidade.

Praticando o bem e pregando a pobreza com o exemplo inequivoco do seu nascimento humilde, o filho Unigênito de Deus não conseguiu, contudo, amenizar o coração do homem, que sempre fôra mau desde priscas eras.

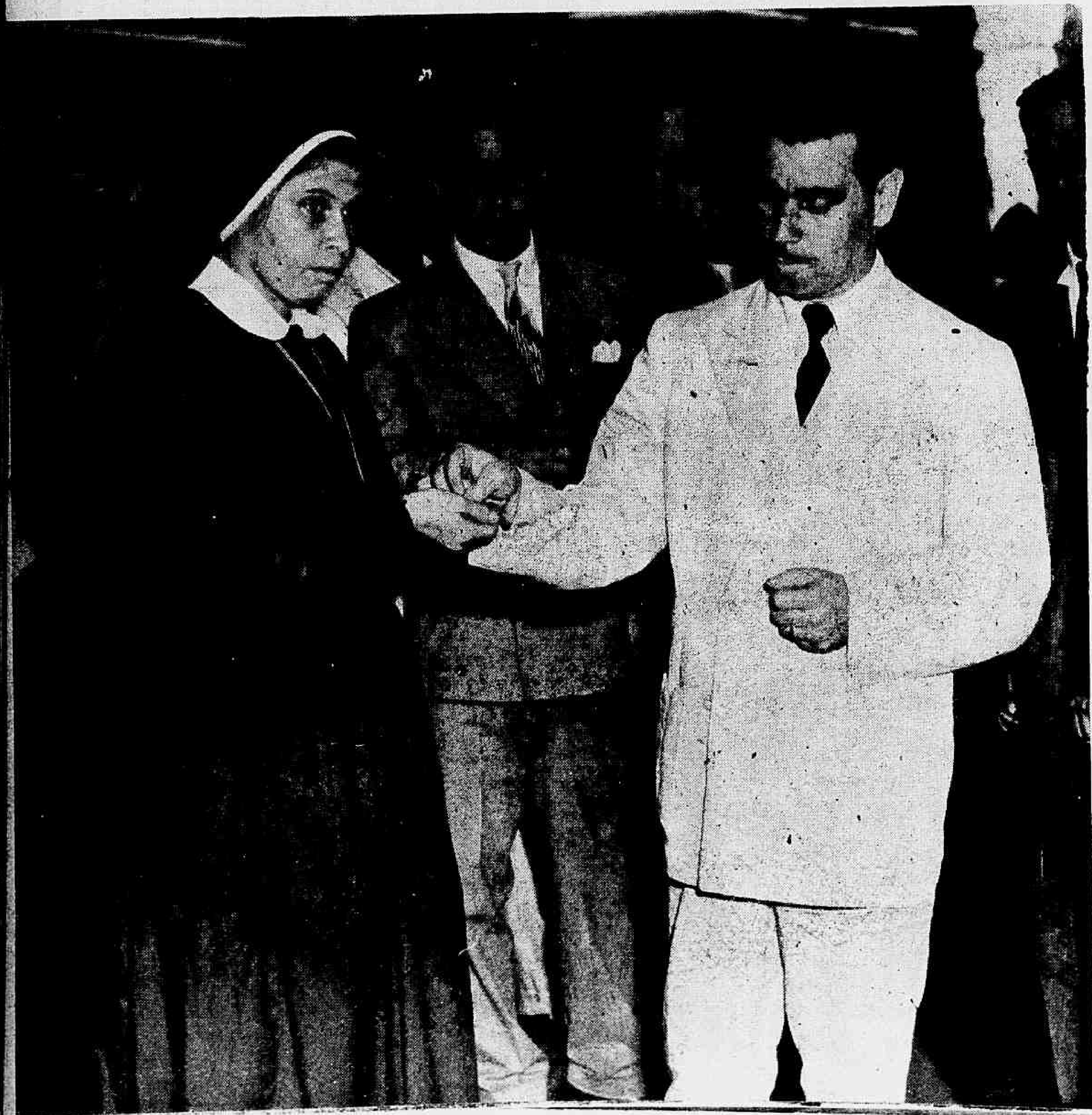
Perseguido sempre — porque tinha por lema a prática do bem — acabou crucificado numa cruz — hoje símbolo de holocausto para os mártires e salvação para os que crêem.



Gente humilde e trabalhadora do morro. São assim os habitantes das favelas e para êles voltam-se as atenções de Júlio Louzada.



O líder do Morro do Salgueiro perguntou a Júlio Louzada por que não se candidatou a deputado. Em verdade sua popularidade é incontestável, mas o locutor preferiu continuar defendendo a causa dos humildes pelo rádio. Em baixo, dando esmola a uma irmã de caridade.





Ao cair da tarde, um passeio inspirador à beira-mar, recolhendo motivos para a crônica mais ouvida do Brasil, às 18 horas.

[illegible] Cristo não foi solução para o sofrimento [illegible] o marco eterno de sua [illegible]

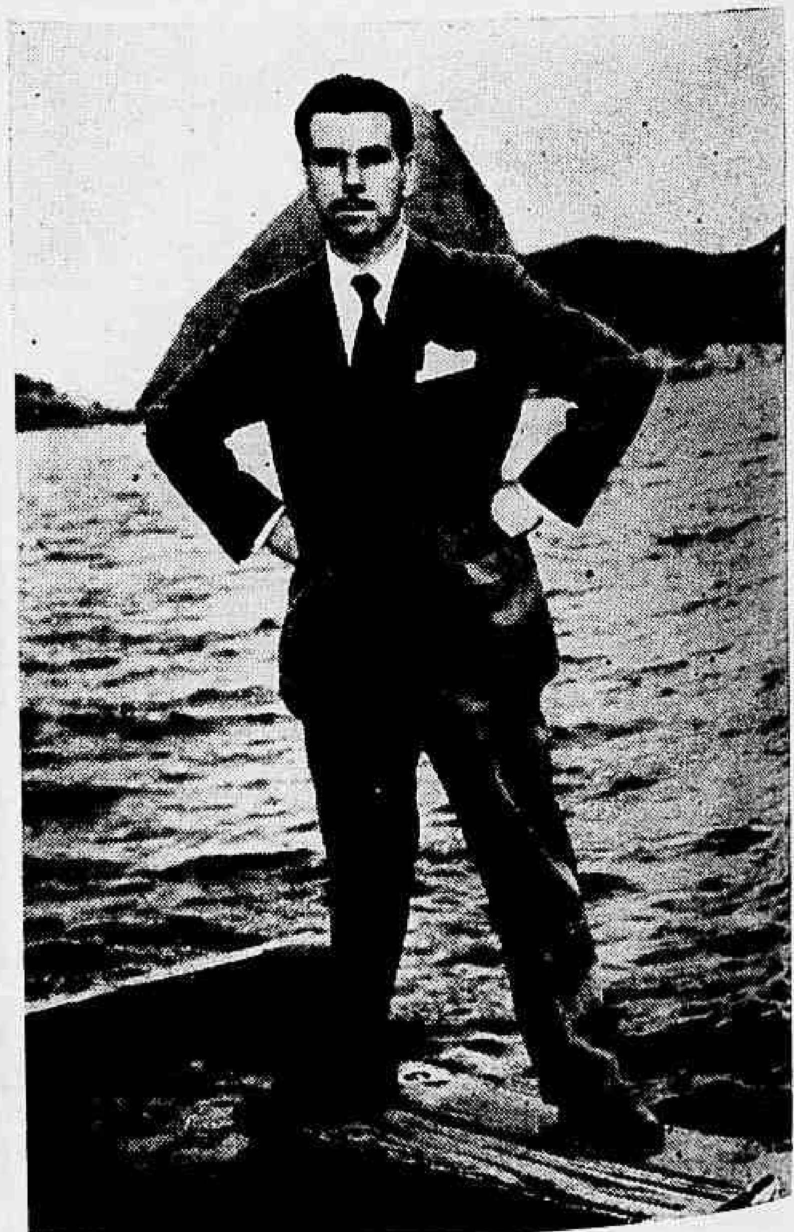
O [illegible] o comêço do sofrimento [illegible] a cruz constituía o suplício máximo, hoje temos o pelourinho, a cadeira elétrica, o fuzilamento, a bomba atômica capaz de liquidar, em alguns segundos, os novos Cristos que teimam em falar de Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

A ambição [illegible] criou raízes na incomensurável idade do [illegible] que a existência é passageira [illegible] nos; e êsse apêgo [illegible] destruindo tudo o que construí [illegible]

Quando [illegible] paz na terra? Quando deixará o [illegible] de ser egoísta? Quando se festejará tranqüilamente essa data magna da humanidade sem as ameaças de [illegible]

(Cont. na pág. 48)

E longe do borborinho, com o pensamento voltado para as coisas puras do mundo, êle contempla a Natureza, reflete e se inspira.



ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

Oh! os vendedores de enceradeiras etc. etc. e etc... Brrrrrrrrrrr

MADAME, A SENHORA NÃO PRECISA DE ENCERADEIRA? POSSO FAZER UMA DEMONSTRAÇÃO?
MUITO OBRIGADA... JÁ TENHO!
AH! MAS A SENHORA PRECISA CONHECER ESTE NOVO TIPO! UM COLOSSO! POSSO ENTRAR?
ESTOU SATISFEITA COM A QUE TENHO!
MAS NATURALMENTE! PORÉM A SENHORA VAI VER UMA MARAVILHA PARA ADAPTAR À SUA ENCERADEIRA: O ESPALHADOR AUTOMATICO DE CERA... POSSO DEMONSTRAR?
JÁ TENHO! É HORRIVEL!
UM MOMENTO, MADAME... QUE ME DIZ DE UM ASPIRADOR DE PÓ? POSSO APANHÁ-LO NO CARRO PARA UMA DEMONSTRAÇÃOZINHA?
NÃO, OBRIGADA!
AH, JÁ SEI!! O SEU SONHO É UMA GELADEIRA DE 12 PÉS, NÃO É MESMO? VOU LHE ENVIAR UMA, COMO EXPERIÊNCIA...
NÃO! NÃO! TENHO UMA OTIMA!
É MESMO? MAS COM O CALÔR, TALVEZ A SENHORA PRECISE DE MAIS UMA... NO ENTANTO, SOU REPRESENTANTE DE UMA MAQUINA DE LAVAR, INESQUECIVEL! QUER VER OS PROSPECTOS?
ELA JÁ ESTÁ COM TUDO, SABE? NÃO PRECISA DE MAIS NADA, ESTÁ COMPREENDENDO?
SIM SENHOR, OBRIGADO... E O CAVALHEIRO, NÃO PRECISA DE ALGUMA COUSA? TENHO UMAS NAVALHAS ELETRICAS E VENTILADORES, EXCELENTES...
CHATO!
ENQUANTO VOCÊ TOMA BANHO, VOU ATÉ A QUITANDA, OUVIU?
SIM! MAS FECHA A PORTA POR CAUSA DAQUELES SUJEITOS!!
QUANTA POEIRA TEM DENTRO DESTA CAIXA, SANTO DEUS!
DÁ LICENÇA?
VEJA SÓ QUE MARAVILHA O MEU ASPIRADOR DE PÓ... OLHE ESTA CAIXINHA COMO FICOU LIMPINHA!
BANDIDO! AS CINZAS DA MINHA MÃE QUE ESTAVAM NO ESCRINIO!

("CHARGE" DE DARCY)



HA MUITOS ANOS passados, há séculos, estas areias alvas e tranqüilas aonde vêm as estrêlas de primeira grandeza como a fascinante Totty Ames, eram cenário de incursões de piratas de perna de pau e ôlho vedado por um pedaço de pano negro, tendo à mão a espada de tantas lutas. Hoje, quando surgem «piratas», rendem-se imediatamente às sereias...

QUE PIRATARIA É ESSA, TOTTY!

AS HISTÓRIAS de piratas encheram a imaginação de nossa infância e continuam a empolgar as modernas gerações de jovens e adultos através dos filmes que reproduzem as façanhas dos homens fora da lei a assaltar galeras e brigues em alto mar. No Carnaval, daqui e de outras cidades grandes e divertidas, é comum ver-se a fantasia de piratas, com o seu chapéu enfeitado de caveira e tíbias, e, muitas vêzes exibindo o chefe dos bandoleiros dos mares, um ôlho vasado e uma perna de pau.

Daí a conhecida marchinha do «Eu sou um pirata da perna de pau», que tanto sucesso alcançou há alguns anos passados no Brasil. Pois fiquem sabendo que há nas costas da Califórnia um lugar a que dão o nome sugestivo de «Paradise Cove», ou seja, em bom português, «Um céu aberto». Aberto a tôdo o mundo, inclusive aos piratas. Muita gente aproveita suas férias para uns dias maravilhosos na linda e evocativa praia cujos contôrnos tanto interessavam aos navegantes e lhe serviam de seguro abrigo a tempestades e a perseguições dos antigos govêrnos. E entre as pessoas que mais adoram «Paradise Cove» está a encantadora Totty Ames, artista norte-americana de grande cartaz. Inebriada pelo sol ardente da Califórnia, esteve ela, durante dias, a mexer e remexer naquêle Museu de piratarias dos séculos passados, como se fôsse também uma piratinha em busca de aventuras. Totty Ames ilustra a capa da REVISTA DA SEMANA que o leitor tem em mãos e nos proporcionou esta página de rápida reportagem nos mistérios e tradições de «Paradise Cove».



TOTTY AMES, ouvia falar em arcas de piratas e ela mesma, descobriu uma nas areias da misteriosa Paradise Cove.



ALGUÉM, talvez desejando pegar tartarugas, armou esta armadilha; mas lhe caiu às rêdes uma sereia, a linda Totty.

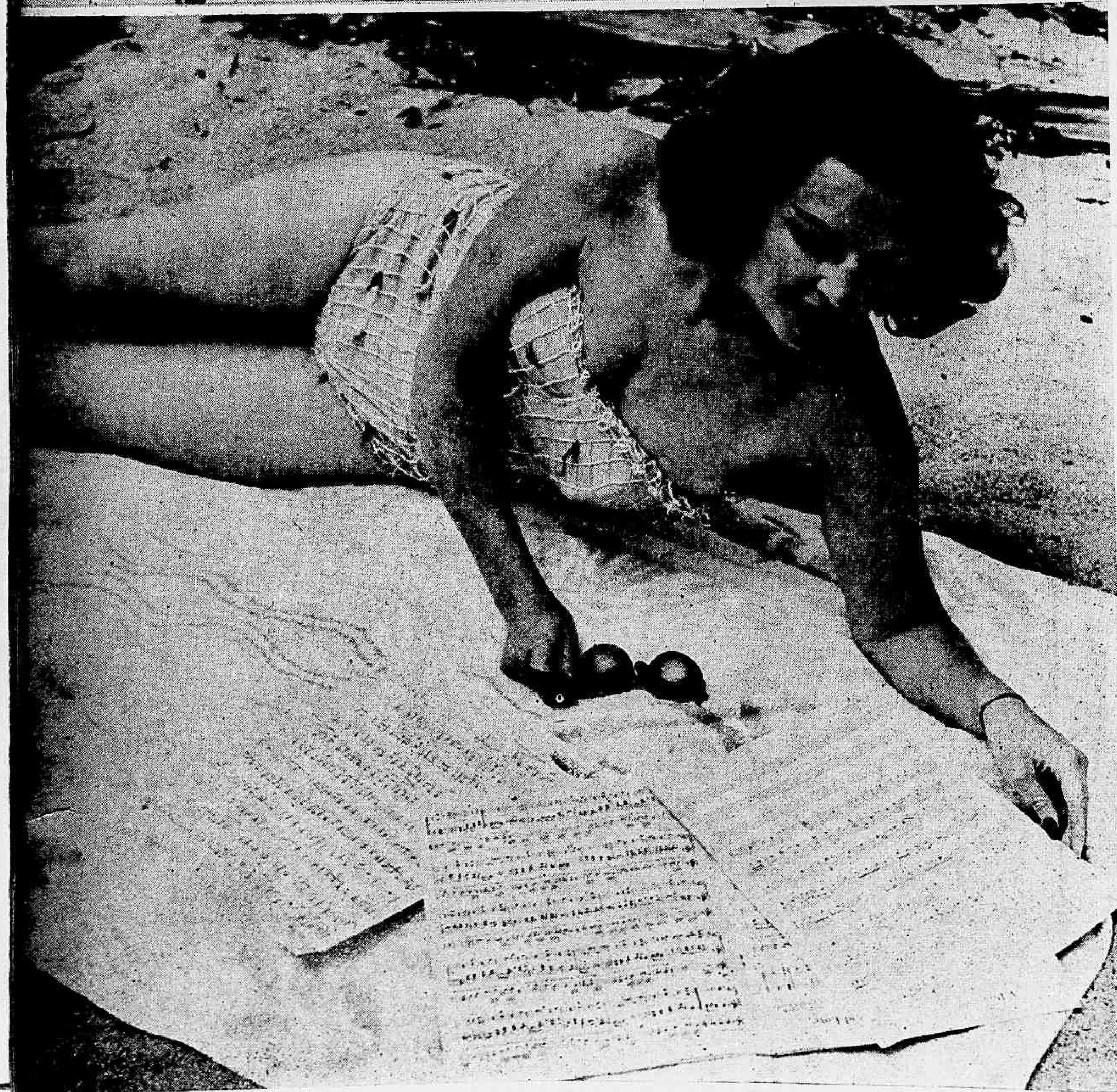


TOTTY AMES, antes de meter-se de mar a dentro, está fazendo uns treinos mesmo em sêco, com a sua canoa de pirata

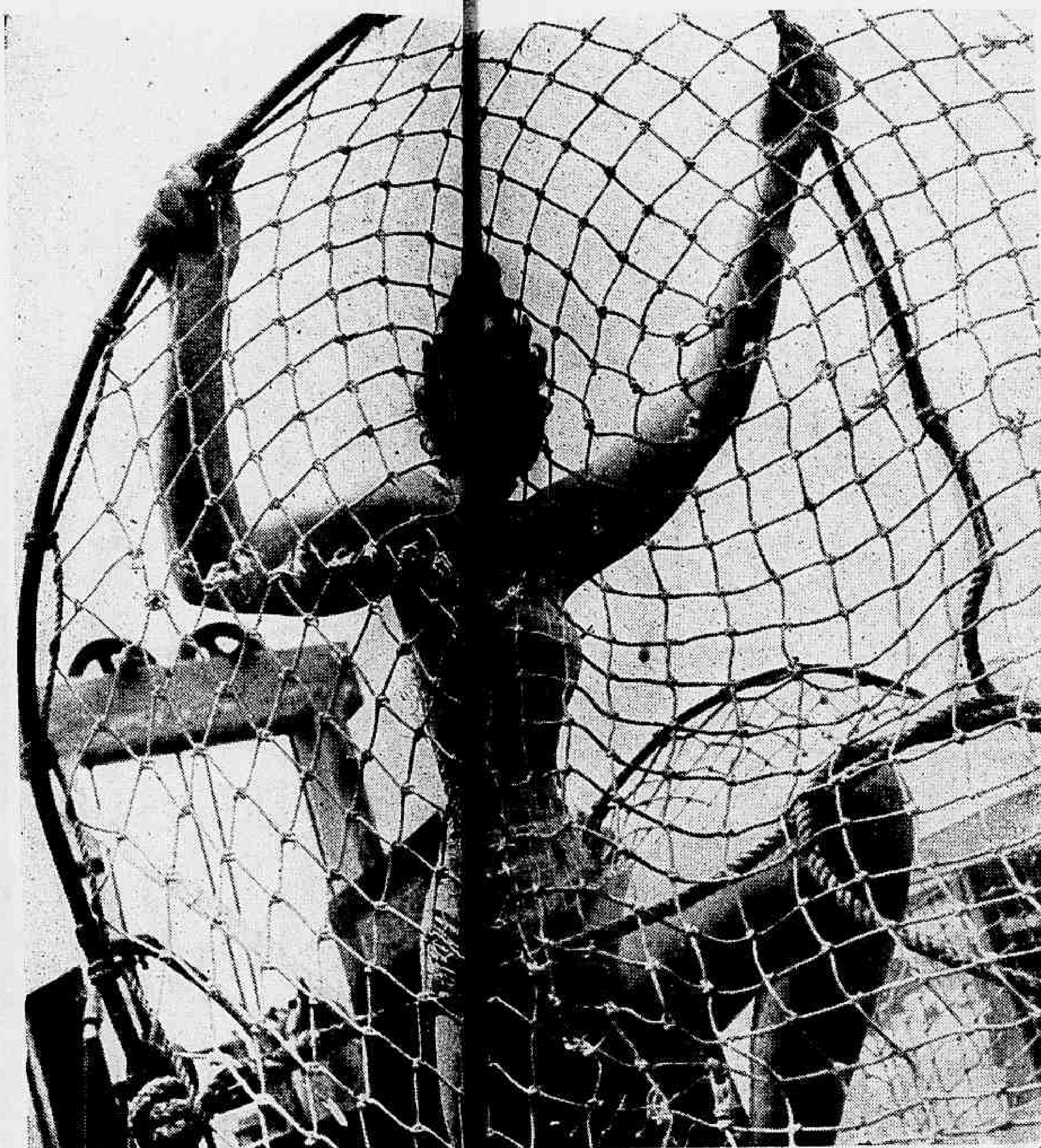


DIZEM QUE AS CONCHAS GUARDAM O RUIDO DAS ONDAS EM SEU INTERIOR. SERÁ ISSO VERDADE, TOTTY?





QUE PIRATARIA É A, TOTTY?



Totty se dedicou à pesca em «Paradise Cove» ...rmou aquêle antigo antro de piratas em verdadeiro paraiso à beira-mar. Mas Miss Ames é também canto... podia deixar de fazer seus treinos acompanhada pela música das ondas. Grande amiga dos esportes, apanha ... de malha grossa e vai apanhar siris ou cavalo-marinho, que tudo o que cai na rêde é peixe. Houve um ... e ela estava entediada e foi à praia fazer sinais para algum pirata que ia passando ao largo.. Não sabemo... sinais foram vistos; mas, pelo sorriso de Totty, está ela esperançosa. Depois, vestida à Robin Hod, te... qualquer cousa de Iracema, ela empunha a flecha heróica.





DETETIVE EM FÉRIAS

A praia estava inteiramente deserta àquela hora da manhã. Efetivamente, a época não era própria para os banhos de mar e além disso, uma chuva miudinha caia intermitente. Estendida sôbre a areia molhada, o elegante e forte corpo de Peggy Stone, a nossa amiga detective, recebia como uma caricia os leves pingos da água. Seus olhos, que um par de óculos protegia da chuva, fitavam o céu púmbleo, enquanto a sua linda cabeça, que descansava sôbre os braços cruzados, estava cheia de pensamentos repousantes.

Férias! Finalmente, Peggy Stone se permitia alguns dias de férias e o que era mais importante, numa deliciosa ilha tropical, onde nem durante o inverno fazia frio. Para a nossa jovem detective, pelo menos, pois estava achando bem agradável aquela temperatura sob a chuvinha. Não sentia qualquer saudade do seu confortável apartamento em Nova York e só tratava de gozar ao máximo as suas deliciosas férias.

Absorvida em seus devaneios, Peggy não escutou os macios passos sôbre a areia, que traziam alguém para perto da jovem. Estremeceu, pois, ao ouvir:

— Bom-dia... Que bela manhã!

— Bom-dia... — respondeu Peggy sentando-se ràpidamente. Seu olhar envolveu o rapaz e um vago sentimento de admiração lhe passou pelo espirito. Estatura acima da mediana, tez bronzeada pelo sol tropical, olhos de um azul cambiante para o verde, cabelos castanhos claros e um largo sorriso que deixava à mostra uma dentadura sã e forte. A cabeça bem plantada sôbre os ombros inclinou-se com graciosa virilidade para a moça:

— Vou sentar-me ao seu lado para que possamos conversar.

— Não solicita o meu consentimento para isso?

— Para quê? Sentar-me-ei de qualquer modo... com ou sem consentimento seu...

— Os homens daqui não primam pelo cavalheirismo, ou você é uma exceção?

— O procedimento dos homens não me interessa. Sou como quero ser e detesto plágios. — e olhando-a curioso: — Você tem a pele muito clara. Deve voltar aqui durante o verão. Ficará tostadinha e mais linda.

— Audacioso, hein? O que lhe importa a minha pele?

— Antes, nada, mas agora... bem, você me agrada. Tire êsse gorro de borracha — arrancou êle mesmo o gorro de banho e ao ver os cabelos cobreados da jovem: — Muito bem! Que linda cabeleira! Como se atreve a ocultar um tesouro dêstes? Completa o seu tipo.

— Você é bem mais atrevido do que supus. Com que direito me arranca o gorro e fica a dizer bobagens?

— Tenho visto milhares de jovens por estas praias, desde que nasci. Pelo verão elas "chovem" por aqui e já beijei algumas dezenas delas, nenhuma, porém, agradou-me tanto quanto você. Nenhuma delas tinha cabelos dessa côr, nem olhos tão rasgados e tão suaves, nem um corpo assim... elegante e forte ao mesmo tempo, e... — tocando-as — que pernas rijas... espere ai... — tocando nos ombros e no pescoço — menina, que coisa formidável... você parece lutadora com êsses músculos tão resistentes. Escute aqui: você é lutadora ou que esporte você pratica?

— Escute, mocinho. Não estou aqui para servir de "avis rara" à sua curiosidade. Se tenho músculos rijos é porque a natureza assim quis. Por que você tem essa côr de bronze? Por que seus olhos não se decidem por uma côr só?

— Curiosa, hein?

— Na verdade nada disso me interessa. Quero só mostrar a você como é desagradável um interrogatório de qualquer natureza.

— Desagradável? — disse êle numa espalhafatosa gargalhada. — E' uma prova de que você reparou em tudo isso e se o fêz é porque não lhe sou indiferente.

Peggy não sabia se devia ficar zangada ou divertida. Afinal, acabou por descobrir que jamais poderia ficar zangada com um rapaz tão extraordinário como aquêle gigante alourado, a um tempo gentil, audacioso e irreverente! Não havia insolência no seu olhar quando a envolvia com admiração. Havia até muita sinceridade nas suas palavras e mesmo quando lhe tocara com a ponta dos dedos fazendo pressão sôbre sua carne para avaliar-lhe a resistência, fê-lo com tanta simplicidade que não poderia melindrá-la de modo algum. Mesmo involuntàriamente, certa curiosidade começava a tomar-lhe o espirito.

— Sabe por que tenho os músculos rijos, apesar de conservar integral a minha aparência feminina? Porque pratico a luta grega, submeto-me a dietas rigorosas e faço tôda a espécie de exercicios, indiferente à época ou local. Eis porque não perco a estética.

— Quer dizer que não me enganei: você sabe lutar de verdade.

(Cont. na pág. 48)

Novela de LYSA CASTRO



MISTÊRES DOS BOMBEIROS em que o público não costuma vê-los e portanto os ignora. Quando é preciso galgar montanhas, salvar vidas em lugares perigosos ou retirar cadáveres daquêles que se despencaram em abismos — êles comparecem e estão sempre prontos para o que der e vier. Têm aparêlhos portáteis de rádio para se comunicar com as turmas afastadas e não receiam a morte.

VIVENDO PERIGOSAMENTE!

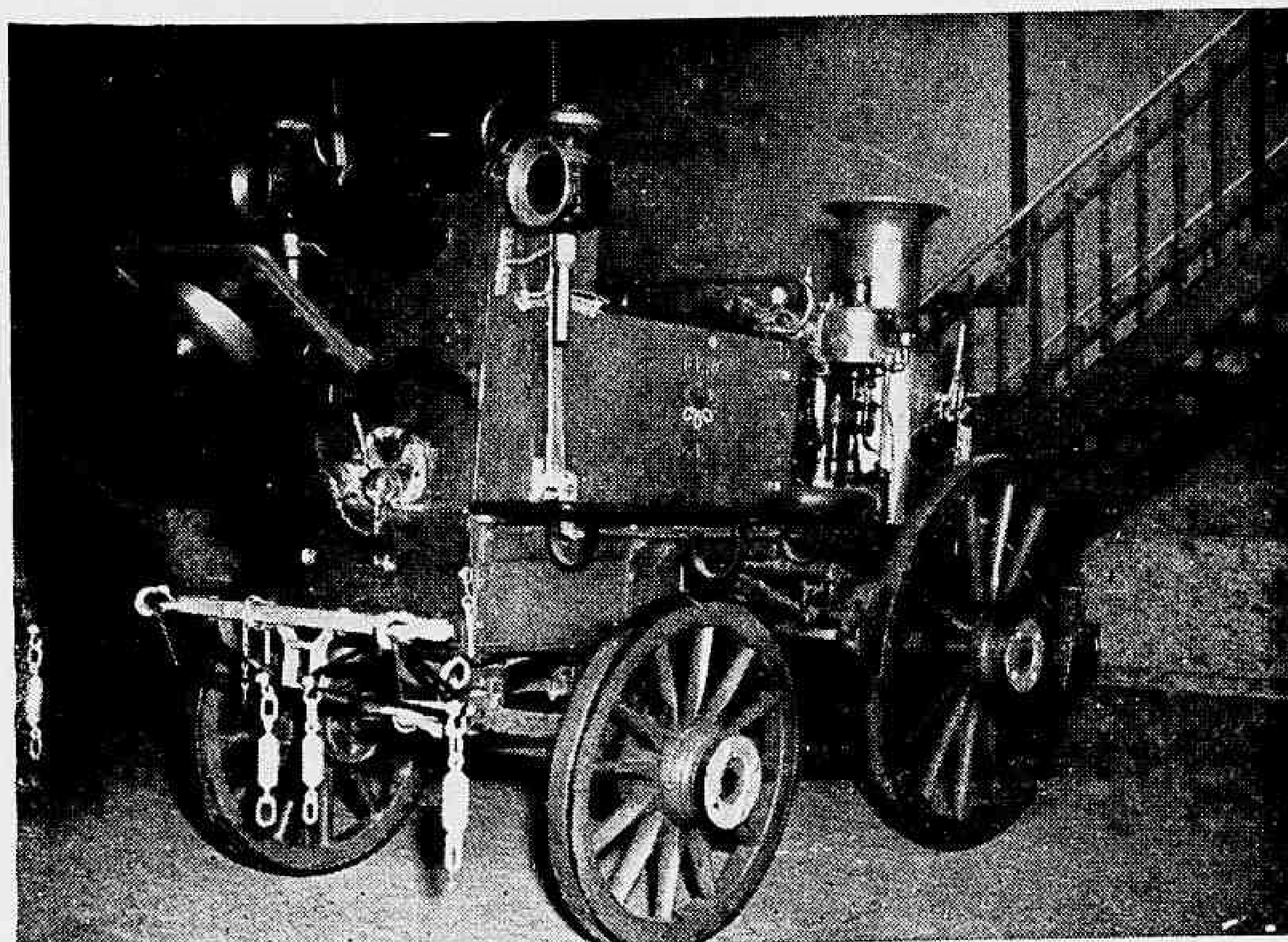
VINTE E QUATRO HORAS COM OS SOLDADOS DO FOGO ★ TREINADOS PARA O SACRIFÍCIO PRÓPRIO EM TROCA DO BEM-ESTAR PÚBLICO ★ UM POUCO DA HISTÓRIA DOS QUE VIVEM ENFRENTANDO A MORTE.

Texto e fotos de **CASPARY**



QUEM os vê, disciplinados e fortes, sob o uniforme limpo e bem cuidado, não pode nem por sombra suspeitar da imensa atividade a que estão sujeitos os bombeiros. Sim, êsses bombeiros que, dia a dia, onde se fizer necessária a sua presença, estarão sempre a postos, sempre desinteressados e firmes, quer para salvar a vida de um pedestre imprudente, quer para libertar uma criança levada que se aventure pelas encostas de um morro íngreme, ou para defender a propriedade alheia da fúria das chamas!

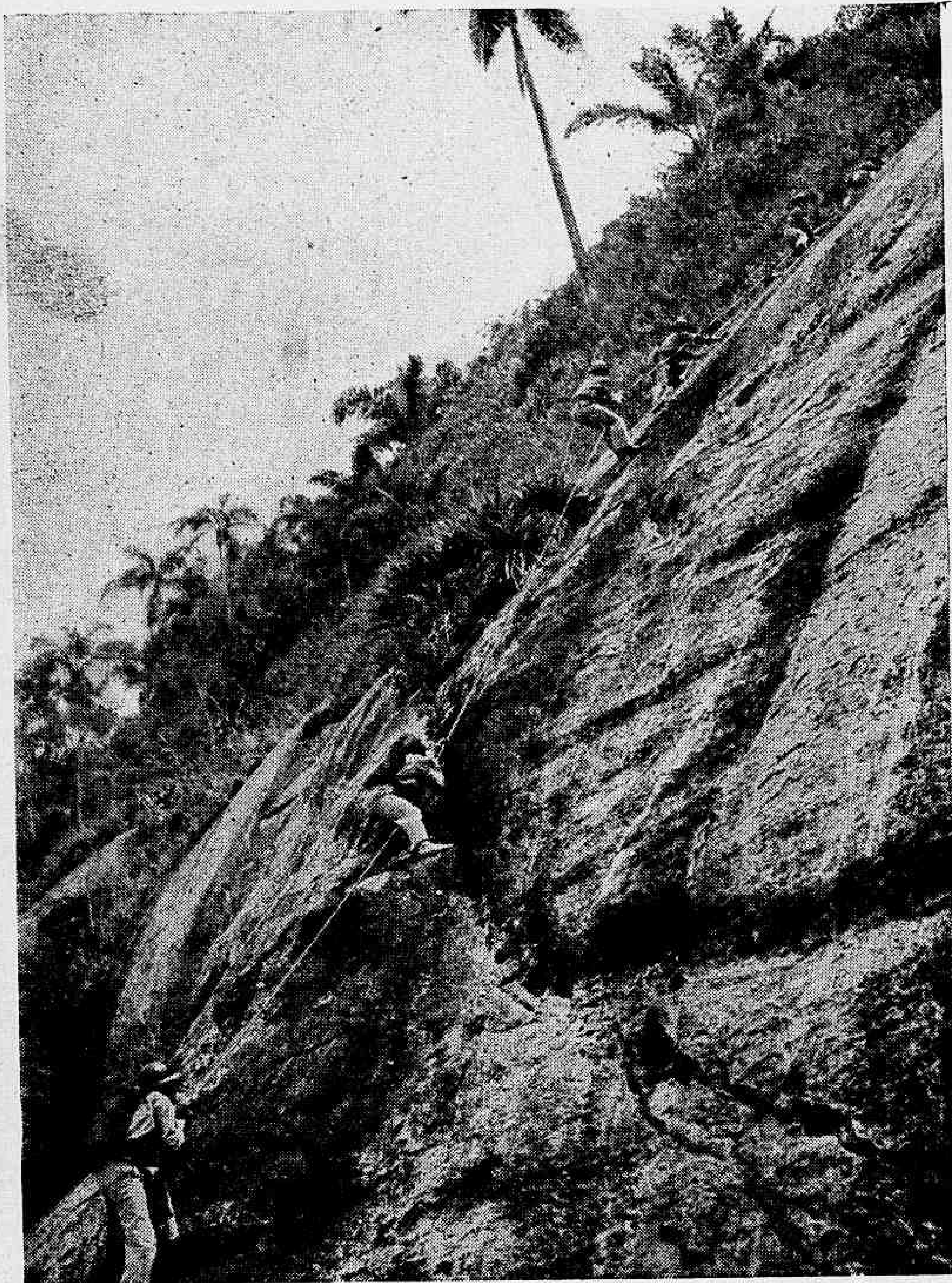
Vinte e quatro horas na vida de um bombeiro é um mundo de emoção porque êle



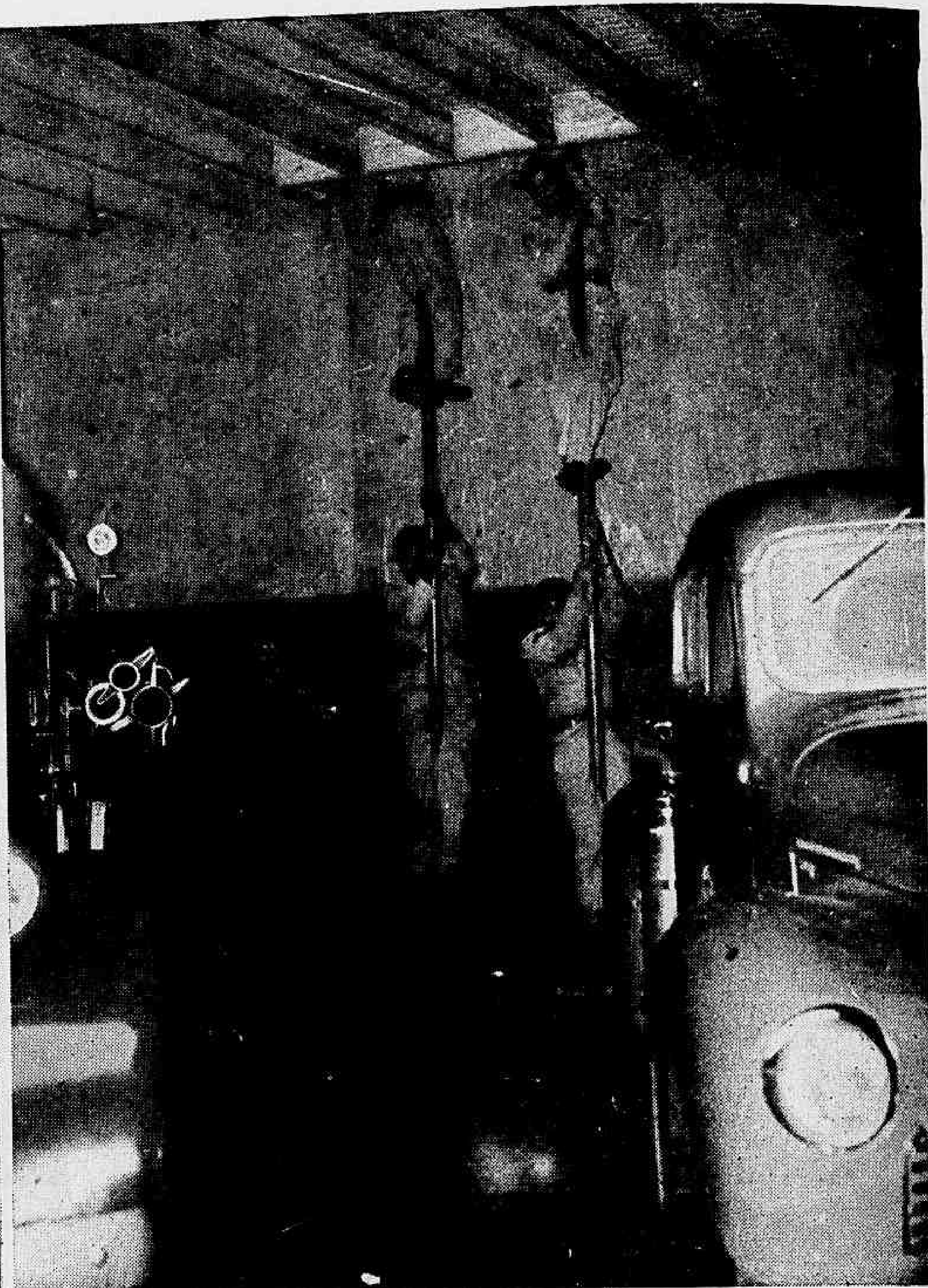
EM 1865, era com êsses veículos que se socorria um incêndio no Rio de Janeiro. Muito trabalho rendeu essa carroça, puxada a animais, conservada no «museu» da P. da República.



A INVENÇÃO simples de um homem simples, o Tte. Ernesto Lima e Castro, para facilitar o trabalho das praças. O espírito de colaboração é admiravel: Todos por um, um por todos.



SUBINDO pela encosta da montanha, as mãos firmes na corda, êles vencem qualquer altura. Um passo em falso, e qualquer dêsses homens pode rolar mortalmente no precipício.



QUANDO sôa o sinal de alarme, êles escorregam pelo poste interno e ocupam seus lugares nas viaturas. Se estão dormingo, têm de ageitar o uniforme e o cinturão em segundos.

vibra em cada caso que tenha de atender e, quer seja no Serviço do Fogo, quer no de Proteção e Salvamento, encontra sempre o melhor dos motivos para viver perigosamente.

Fundada há 94 anos, a brilhante corporação teve como seu primeiro comandante João Batista de Morais Dantas e, desde que o Imperador Pedro II assinou o ato de fundação, até a data presente, nunca os bombeiros do Distrito Federal deixaram um só dia de merecer a admiração e simpatia do povo. São 1.282 praças e 98 oficiais que se esmeram nos mais variados setôres para conseguir o maior coeficiente de triunfos suprindo a carência de material com o esfôrço e dedicação de seus integrantes. Como dissemos, nem tôdos os bombeiros se dedicam ao serviço do fogo. A multiplicidade de elementos da vida moderna fêz com que êles se dividissem em dois setôres: Serviço de Fogo e Serviço de Proteção e Salvamento. Entre os homens de fogo há dois contingentes de mar e terra; entre os de Proteção e Salvamento encontram-se técnicos de luz e fôrça, alpinistas, uma série de elementos experientes e ágeis, verdadeiros acrobatas que desafiam uma série imensa de perigos para manter a mística da «minha vida pela tua!»

Tôdos, porém, fazem o aprendizado do fogo, dás manobras dágua, enfim, de um sem número de exercícios que os possibilita para a árdua tarefa a que se dedicam. Depois de um período de noviciado, quando não são mais recrutas, os bombeiros são então distribuídos em companhias e podem iniciar, de acôrdo com a sua capacidade, um novo sistema de aprendizado.

O Serviço de Proteção e Salvamento é chefiado pelo 1º Tte. Hugo de Freitas e tem a integrá-lo uma equipe de oficiais como os ttes. Manoel Luiz da Silva, Ernesto Lima e Castro, e Aspirantes Ítalo Vitória, Emanuel Rijani, e Walter Cardoso da Silva, além de várias praças. Treinando diàriamente na escalação de montanhas, pois os suicidas preferem quase sempre os precipícios inacessíveis, os integrantes dêsse serviço são excelentes al-



ÊLES SAEM a qualquer hora, para qualquer lugar, com qualquer tempo e não regeitam parada. Tem a volúpia do perigo, «sentem» o cheiro do fogo à distância e vibram com o rebate



MANGUEIRAS prontas para qualquer emergência, instaladas nos carros de transporte. Se houve água em abundância, infalìvelmente o fogo será debelado em poucos minutos.

[illegible] parte do Centro Excursionista Brasileiro como sócios e guias.

Êles são além disso: Mergulhadores, mecânicos e eletricistas, capazes de arrancar a vítima debaixo de um «truck» de bonde ou das rodas de um trem até um cadáver que se encontre preso entre as rochas da Gruta da Imprensa, ou nos cipós e árvores que ladeiam a encosta do Pão de Açucar!

Durante as horas em que estivemos com os soldados do fogo, várias foram as «corridas» que deram para atender sempre a casos diferentes. Dois pequenos incêndios no centro [illegible]. Uma criança que desceu para [illegible] flôres na encosta de uma das pedras da Av[illegible] Niemeyer e que, no entanto, [illegible] subir e ficou trân[illegible] junto à arrebentação do mar, gritando que a salvassem. A retirada de [illegible] caído num precipício junto ao Pão [illegible]. Nêsse último serviço os [illegible]dados do Tte. Hugo de Freitas le[illegible] horas para escalar a montanha até ao lugar onde se encontrava o corpo e [illegible] que mobilizar aparelhos, cordas e [illegible] para poderem trazer o cadáver até a base da montanha de onde o rabecão da Polícia o carregou para Instituto Médico Legal.

De tôdas as tarefas, porém, aquela que [illegible] é sem dúvida a retirada de vítimas das ferragens de carros amassados esmagados sob as rodas de bondes e trens ou soterrados pelos edifícios que se desmoronam como aquêles de Copacabana e Laranjeiras.

Quando foi fundada, a corporação pos[illegible] tiradas a tração ani[illegible] 2 de julho de 1856. Hoje, [illegible] cem anos mais tarde, os Bombeiros do Distrito Federal contam com carros modernos e que, em plena época da mecânica, representam esfôrço inaudito dos homens que têm passado pelo comando do Corpo e que não atendem, apesar disso, às verdadeiras necessidades do brilhante contingente de tantos devotados na missão [illegible] pela integridade fi[illegible] da população.

[illegible] precisando de novos carros, de [illegible] ferramentas, enfim, de tudo aquilo que os bombeiros de outras capitais conseguiram e aqui suprem apenas à custa de muito esfôrço e dedicação. São 1.282 [illegible] que se distribuem em 13 postos e [illegible] sedes servindo a uma população de mais de dois milhões de habitantes, a um comércio cujo maior número de firmas se localiza em casas antigas e por isso mesmo mais propensa aos incêndios.

Por ocasião das festas da Independência, o Presidente da República solicitou do Corpo de Bombeiros que fizesse apagar um [illegible] de propaganda subsersiva que amanhecera tomando uma grande extensão da Pedra da Urca e podia ser lido desde o Aeroporto! Nada menos de 6 horas foram gastas pelos homens do Serviço de Salvamento para, suspensos em cordas, cobrir as letras com outra pintura e extinguir assim aquilo que aparecia como publicidade contrária aos princípios do govêrno.

Ativos, disciplinados, fortes e atenciosos, os bombeiros figuram no ról das instituições que o povo da cidade aprendeu a admirar e cujos feitos encontram sempre o aplauso entusiástico de quantos reconhecem a série de sacrifícios e de árduos trabalhos impostos aos que vivem perigosamente!

N.R. —Deixamos aqui os nossos agradecimentos ao Cel. Augusto Imbassahy, [illegible]mandante do Corpo de Bombeiros, ao Capitão Domingos Telles, [illegible] demais oficiais e praças pela valiosa cooperação que souberam nos emprestar.



TRÊS HORAS para trazer um cadáver...
DEZ MINUTOS para salvar uma vida...

A VIDA DE HELEN KELLER

(1880)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Pôrto Alegre)

I

PETER FINLEY DUNNE e Mark Twain estavam conversando sôbre a cegueira de Helen Keller.

— Meu Deus, que coisa insípida deve ser a vida dela! — exclamou o autor de *Mr. Dooley*.

— Aí é que você se engana — redargiu Mark Twain. — Posso lhe garantir que a ceguera é uma coisa bem emocionante. Se duvida, levante-se numa noite escura do lado errado da cama, enquanto a casa está em chamas, e procure encontrar a porta.

Helen Keller, em virtude da deficiência dos seus sentidos, tem gozado a emoção de procurar a porta de saída das trevas, não sòmente para ela mas para o resto da humanidade. E' obra dela que uma cega esteja a guiar os cegos, e também os que vêm para uma nova visão da vida.

II

Ao nascer ela era normal, como as outras crianças. Aos vinte meses de idade, no entanto, foi atacada por uma doença que os doutores chamaram de "congestão cerebral aguda", e que a privou da vista, do ouvido e conseqüentemente da fala. Seus pais foram tomados de piedade. Mais uma dessas criaturas humanas condenadas à existência de um animal. Como poderia ela perceber o *sentido* das coisas, se estava privada de dois dos seus *sentidos?* Os que eram apenas cegos, ou surdos-mudos, podiam afinal aprender a se comunicar com o resto do mundo. Mas aquela criança que era cega, surda e muda, que esperança havia para ela?

Um coitado dum animalzinho incapaz de compreender ou de se fazer compreendido. Instintivamente sentiu que era diferente de tôdas as outras pessoas, e essa sensação a tornou furiosa. Gritava, dava pontapés e arranhões em quem fazia menção de se aproximar dela. Incapaz de brincar como as demais crianças, divertia-se rasgando as roupas e cortando os cabelos com uma tesoura. Um flagelo de dar pena. Não havia jeito de a ensinar a se comportar. Um dia encerrou a mãe na despensa, e riu ao sentir a vibração das batidas contra a porta trancada a chave.

Um flagelo e um perigo. Tinha uma bonequinha e uma irmãzinha. Gostava da boneca porque lhe deixavam brincar com ela. Mas não gostava da irmã, com quem não lhe permitiam brincar. Uma vez encontrou a irmãzinha dormindo no berço que era da boneca. Num acesso de raiva virou o berço, mas por sorte a mãe segurou a filhinha que caía ao chão.

Um perigo não só para os outros como para ela mesma. Derramando acidentalmente um copo dágua no avental, estendeu-o diante da lareira acesa para secar. Como o avental não secasse bem depressa, ela se chegou para mas perto e o atirou sôbre as brasas. Num instante suas roupas pegaram fogo. A velha governanta a muito custo conseguiu salvar-lhe a vida arremessando em cima dela um cobertor.

— Coitadinha! — comentaram os parentes — talvez fôsse um destino misericordioso ela ter morrido queimada.

Mas raiou para ela um da milagroso em que uma professôra veio torná-la participante do mundo dos viventes.

III

Graças a Alexander Graham Bell, inventor do telefone é que os pais de Helen se capacitaram a conseguir a "professôra milagrosa" para sua filha. Mr. Bell, que tinha sentimentos de afeição pelos "espécimes imperfeitos do barro humano", sugerira que Mr. Keller escrevesse ao Perkins Institute para cegos, expondo o problema de Helen. Como resultado da carta de Mr. Keller, o diretor do Instituto recomendou Miss Anne Mansfield Sullivan como a professôra conveniente a Helen, que tinha então seis anos.

Anne Sullivan, graduada pelo Instituto Perkins, era um dêsses raros gênios que brotam e florescem do estrume da pobreza e da doença. Seu pai era um beberrão imprestável, seu irmão morrera de tuberculose, e ela própria estivera ameaçada de cegueira total até a idade de dezoito anos, quando uma operação bem sucedida a curara parcialmente. Aos vinte, quando se tornou professôra de Helen, tinha recobrado suficientemente sua vista de modo a ler para a criança e introduzi-la num novo mundo.

Mas como começar? Como transformar pensamentos em palavras, se a menina não possuía a concepção da linguagém humana? Anne Sullivan encontrou um meio. Na manhã seguinte à sua chegada, deu a Helen uma boneca, objeto com que ela estava muitíssimo familiarizada. Então, usando o alfabeto para cegos, vagarosamente soletrou com os dedos na mão de Helen *b-o-n-e-c-a*. Êsse jôgo com os dedos deixou Helen fascinada. Ruborizada de animação, ela imitou desajeitadamente os movimentos, *b-o-n-e-c-a*. Em seguida correu à sua mãe e fêz aquêles sinais na mão *dela*.

"Nessa ocasião", escreve Miss Keller na *História da Minha Vida*, "eu não sabia que estava soletrando uma palavra, nem mesmo que existiam palavras; eu estava simplesmente fazendo meus dedos macaquearem". Pouco a pouco, entretanto, Miss Sullivan conseguiu que ela percebesse terem aquêles movimentos uma significação. *Indicavam uma coisa*. Alguma coisa com que ela brincava. Alguma coisa pela qual ela tinha certa vez empurrado sua irmãzinha fora do berço. E havia outros movimentos que significavam outras coisas. *C-ã-o* queria dizer uma coisa com um focinho felpudo e que saltitava em redor da gente. *C-o-p-o* era uma coisa em que se botava água para beber. *C-h-a-p-é-u* era uma coisa que se punha na cabeça quando a mãe levava a gente numa visita. Que jôgo maravilhoso! Que mundo maravilhoso! Como estava cheio de coisas e mais coisas! *E tudo tinha um nome!*

Um dia ela aprendeu um novo grupo de palavras: *mãe, pai, irmã*. Havia anos que ela vivia com êles, e só agora sabia como se chamavam. E *professôra*. O nome dessa agradavel nova companheira dela. Venha, vamos continuar a jogar. E' tão divertido! Me dê mais nomes, mais, mais.



HELEN KELLER

A sêde de conhecimento da menina era insaciável, e Miss Sullivan a satisfazia com uma solicitude e uma prodigalidade de recursos que era de espantar. Na primavera, quando as margaridas e os rainúnculos abriram e os pássaros e esquilos acordaram para nova vida, a professôra fêz a sua aluna ceguinha "se aprofundar" nos segrêdos da natureza. E, "enquanto o meu conhecimento das coisas crescia, eu sentia mais e mais a delícia do mundo em que vivia".

Depois, Miss Sullivan abriu para ela um novo mundo de delícias, o mundo dos livros. Ensinou a pequena a ler fornecendo-lhe tiras de cartolina nas quais várias palavras estavam impressas com letras em relêvo. Novas coisas, novos nomes, novas idéias. Histórias. Poemas. Lindos pensamentos, lindas rimas. Ela não podia ouvir essas rimas, mas podia sentir com os dedos a mesma espécie de letras nos fins das linhas. Como os contornos dos lindos enfeites no seu vestido domingueiro. Afinal de contas, você não tem de ouvir e de ver as lindas coisas do mundo. De um modo ou doutro consegue atingi-las. Como que *sente* o caminho para elas.

Ora, Anne Sullivan lhe dissera que mesmo aquêles capazes de ver e ouvir devem *sentir* a relação que há entre êles e as coisas. A *esperança*, por exemplo, ou a *alegria*, ou o *amor*.

— Considere o amor, Helen. Ninguém pode vê-lo, ou ouvi-lo, ou prová-lo, ou cheirá-lo, ou tocá-lo. Mas nem por isso êle deixa de existir, na sua fôrça, na sua beleza, na sua realidade. Como conhecê-lo? *Sentindo-o*, essa justamente a maneira de o conhecer.

— Sim, Anne, eu posso sentir isso. Eu amo você.

E assim a alma de Helen foi se abrindo gradualmente, até que um dia — milagre dos milagres! — ela aprendeu a falar. O processo foi longo e laborioso, e às vêzes aparentemente sem esperança. O método, em resumo, era o seguinte: a professôra pronunciava certos sons enquanto Helen assava-lhe os dedos ela língua, pelos lábios e pela garganta. Depois, passando os dedos pelos seus próprios órgãos da fala, Helen procurava imitar os sons pronunciados por sua professôra mirando as posições em que êsses órgãos ficavam quando Miss Sullivan falava. Após uma série de fracassos que parecia interminável, a menina, que tinha a êsse tempo dez anos, conseguiu afinal articular as letras do alfabeto. Chegou então o grande momento da sua vida, quando tartamudeou sua primeira afirmação concatenada: — Está quente.

A barreira que se interpunha entre ela e o resto do mundo finalmente ruíra. Ela quase que era como as outras pessoas! Sua aprendizagem preliminar a libertara da prisão do seu isolamento e desamparo. E agora estava em condições de entrar com as outras meninas na competição escolar de uma instrução mais adiantada.

IV

Em 1896, acompanhada por sua professôra, Helen matriculou-se na Cambridge (Massachusetts) School, para moças, preparando-se para entrar no Radcliffe College. Miss Sullivan assistia às aulas com ela, tomava as necessárias notas e depois as transmitia a Helen no código de linguagem para cegos. Os exames eram prestados em casa sob a supervisão da diretora, que aprendera o "alfabeto manual" e soletrava as perguntas na mão de Helen. Esta respondia às perguntas numa máquina de escrever, por meio do sistema cego. "Ela nunca se acertará com isso", diziam as professôras no comêço. Mas ela se acertou, e num tempo relativamente curto. Já um ano depois do seu ingresso na Cambridge School, prestou seu exame preliminar de admissão para o Radcliffe, e passou com "distinção" em inglês e alemão. Dois anos após passou nos exames finais e entrou no Radcliffe College, sempre inseparável da sua "amada" Anne Sullivan.

E agora já não tomava conhecimento das suas deficiências. Juntamente com o resto dos estudantes, estava pronta para mergulhar àvidamente no mundo desconhecido do saber. "No mundo maravilhoso do Espírito eu me senti tão livre como se estivesse no outro mundo". Estudou Shakespeare com o professor Kittredge, e composição inglêsa com o professor Copeland, "homens capazes de dar nova visão aos cegos". Foi Charles Townsend Copeland, tratado afetuosamente pelos alunos de "Copey", quem lhe descobriu o talento de escritora.

— A senhora tem coisas tôdas suas a dizer, Miss Keller, e tem um modo todo particular para as dizer.

Sugeriu que ela desenvolvesse algumas das suas composições escolares, completando a história da sua vida. Ela seguiu a sugestão e deu ao mundo um dos documentos humanos mais raros: a luta de uma alma, coarctada por enormes limitações, para penetrar num universo ilimitado. E o universo, como ela verificou no seu tempo de estudante e através da vida inteira, era um lugar mágico de "grandes amôres e caridades celestes". A cegueira, afirma ela, não é nada; nada é a surdez. Todos nós somos cegos e surdos às coisas eternas. Mas a natureza é bondosa para nós na sua própria dureza. Favoreceu-nos, a nós possuidores de cinco débeis sentidos, com um infinito sexto sentido, "um sentido que vê, ouve, sente, tudo num só ato".

A História da Minha Vida foi publicada no *Ladies Home Journal*, e mais tarde em forma de livro. Nesse meio tempo, Helen Keller fôra diplomada pelo Radcliffe *cum laude*. Com o dinheiro que recebeu pela venda do seu manuscrito, estabeleceu-se com Anne Sullivan numa granja em Wrentham, Massachusetts, dedicando-se à meditação e a escrever. Um ambiente silencioso, calmo, porém emocionante. Passeios pelos bosques. Anne Sullivan esticara um fio de arame de árvore em árvore, de modo que Helen pudesse caminhar sòzinha sem se perder. Excursões pelo lago, num bote a remo com os amigos. "E' divertido governar o barco pelo aroma dos páspalos e dos lírios, dos arbustos que crescem nas margens". Vogando de canoa ao luar, "não posso, é verdade, ver a lua por trás dos piheiros, mas posso imaginar que sinto o reflexo da sua luz quando arrasto minha mão pela água". Imaginando o mundo como êle é verdadeiramente: "Já terá alguém conhecido o *verdadeiro* mundo?" Traduzindo as sensações da vista em sensações de tato, "muitas vêzes senti as pétalas lançadas sôbre mim pela brisa, e assim pude imaginar o pôr do sol como rosas cujas pétalas tivessem sido sacudidas e se espalhassem pelo céu. Mas de tôdas as experiências, a mais linda era ler livros; "a literatura é a minha Utopia". Anne arranjou-lhe todos os clássicos impressos no sistema Braille, e os sensíveis dedos de Helen estavam constantemente ocupados em "olhar" o íntimo dos mestres. Não havia que se condoer de Helen Keller na sua quinta de Wrentham, com Anne Sullivan a assisti-la e o mundo inteiro a acompanhá-la.

Uma terceira pessoa juntou-se a êsse mundo cheio de beleza e emoção: John Macy, um dos professôres inglês de Helen no Radcliffe. Casou com Anne Sullivan e foi morar com elas em Wrentham. "Não me é possível enumerar os atos de bondade com que êle me auxiliou e me aplainou o caminho... Uma vez, achando-me cansada com o trabalho manual das minhas cópias, êle passou acordado uma noite inteira datilografando quarenta páginas do meu manuscrito, de maneira que puderam chegar ao prelo a tempo". Uma nova variante no velho triângulo de duas mulheres e um homem. Não um triângulo de

(*Continua na pág. 51*)





BILHETE A SHEILA

Minha amiga, não é a solicitada mensagem de Natal que lhe mando, mas duas palavras para matar saudades. Saudades do que não existe, saudades de coisa nenhuma, do que não aconteceu nem poderia acontecer. Do nada — do zero à esquerda.

E para que alinhavar as frases clássicas e rotineiras desta época do ano? Para que? Para dizer mentirosamente que desde que a vi pela primeira vêz perdi-me de paixão? Se nunca a vi... Para mentir de outro modo, afirmando que sua vóz penetrou em meu coração cansado de amar, como um bálsamo, despertando-o para novas emoções? Você não acreditaria e teria razões para isso.

Sendo assim, por que não escrever, apenas para dizer justamente que nada direi, e para reafirmar a minha incredulidade, o meu ceticismo, todo o meu desengano? E' o que faço neste instante. E faço mais — quero advertí-la, Sheila, que sua gargalhada de mulher feliz, viajada e conhecedora dos homens e das terras onde você viu êsses homens, não tem o poder que você pensa. O ano vai terminar, outro ano virá e três vêzes zéro, nada, coisa nenhuma. Sempre o zero à esquerda, com valor negativo.

Quero mostrar a você, que nem sempre a mulher leva a melhor. E se um homem prevenido vale por dois, — por quatro ou oito deve valer o que usa uma couraça de desilusões. Nem aparentemente você conseguirá nada. Quebre o seu tefelone, amordace a sua bôca que eu não conheço nem sei se foi feita para beijar — que sabe rir tenho certeza — e desiluda-se, amiga. Desta vêz você, mulher mimada, acostumada a querer e obter, sofre a sua primeira e irreparavel derrota.

Não acredita? Pior, muito pior para você, Sheila, que se diz irresistivel como se ainda vivessemos no tempo das mulheres feiticeiras. Não, senhora dona. O Natal não lhe deixará no sapatinho trinta e quatro (será?), o presente de amor que você pediu. E Papai Noel, de saco vasio, há de recolher-se a penates rebolando de tanto rir, desatando nas gargalhadas que você não chegou a dar, fique sabendo.

Ou então... quem sabe? Talvêz as coisas venham a suceder justamente ao contrário — o que é mais provavel.

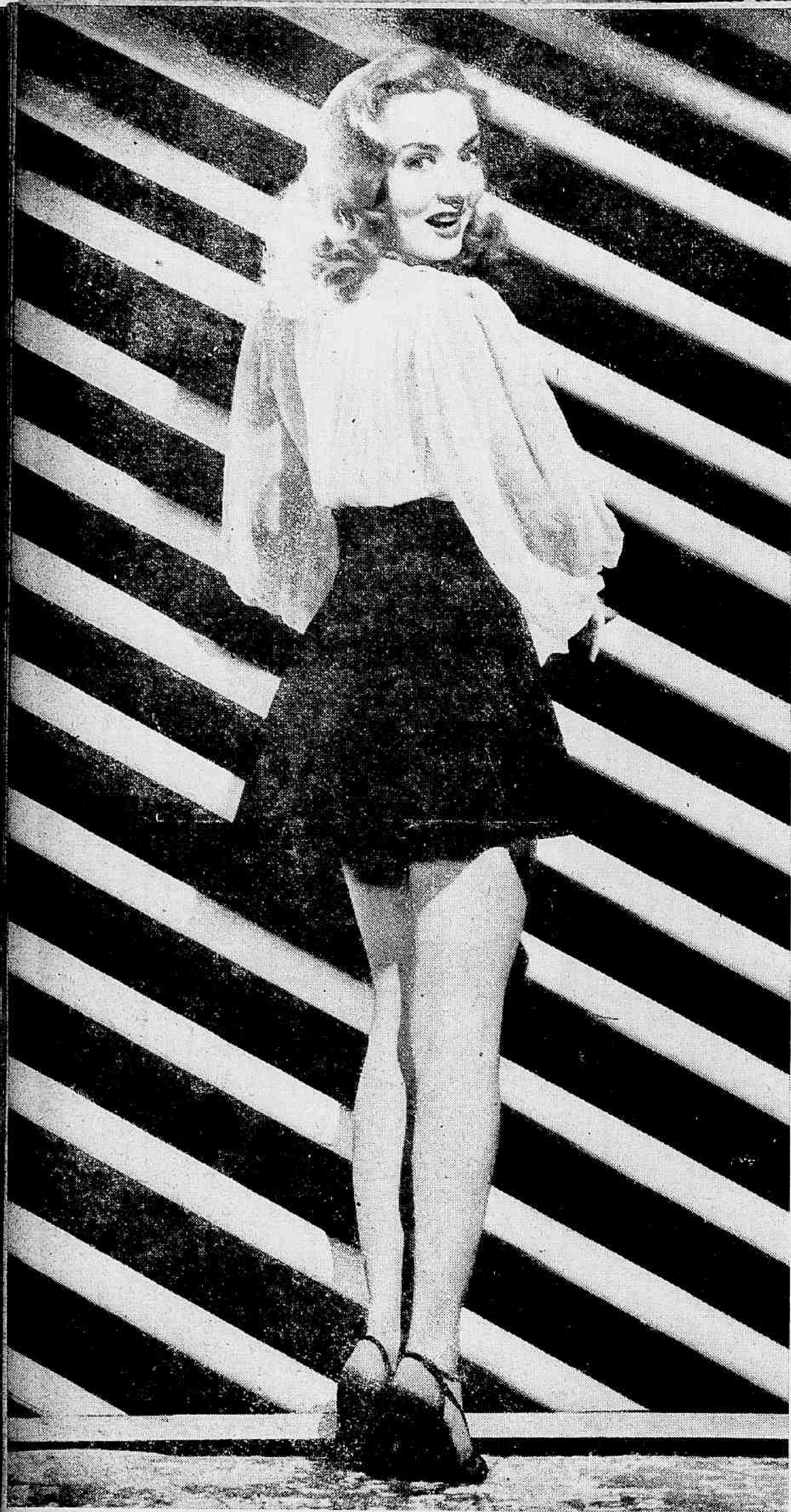
M.





CHAPÉUS DE VERÃO

ÊSTES chapéus leves são de fácil confecção e próprios para os dias quentes. Ava Gardner, da Metro, apresenta esta grande copa de faile, enfeitada com organza e flôres. Eleanor Parker, da Warner, usa êsta pequena grinalda de flôres, completada por um pano solto em faile. Êste modêlo de James Blair, da Columbia é de palha, adornado com flôres e véu de «pois». Encantador modêlo apresentado por Lucille Bremer, da Metro, pode ser confeccionado em tafetá e cetim listrado.





SHORTS MODERNOS

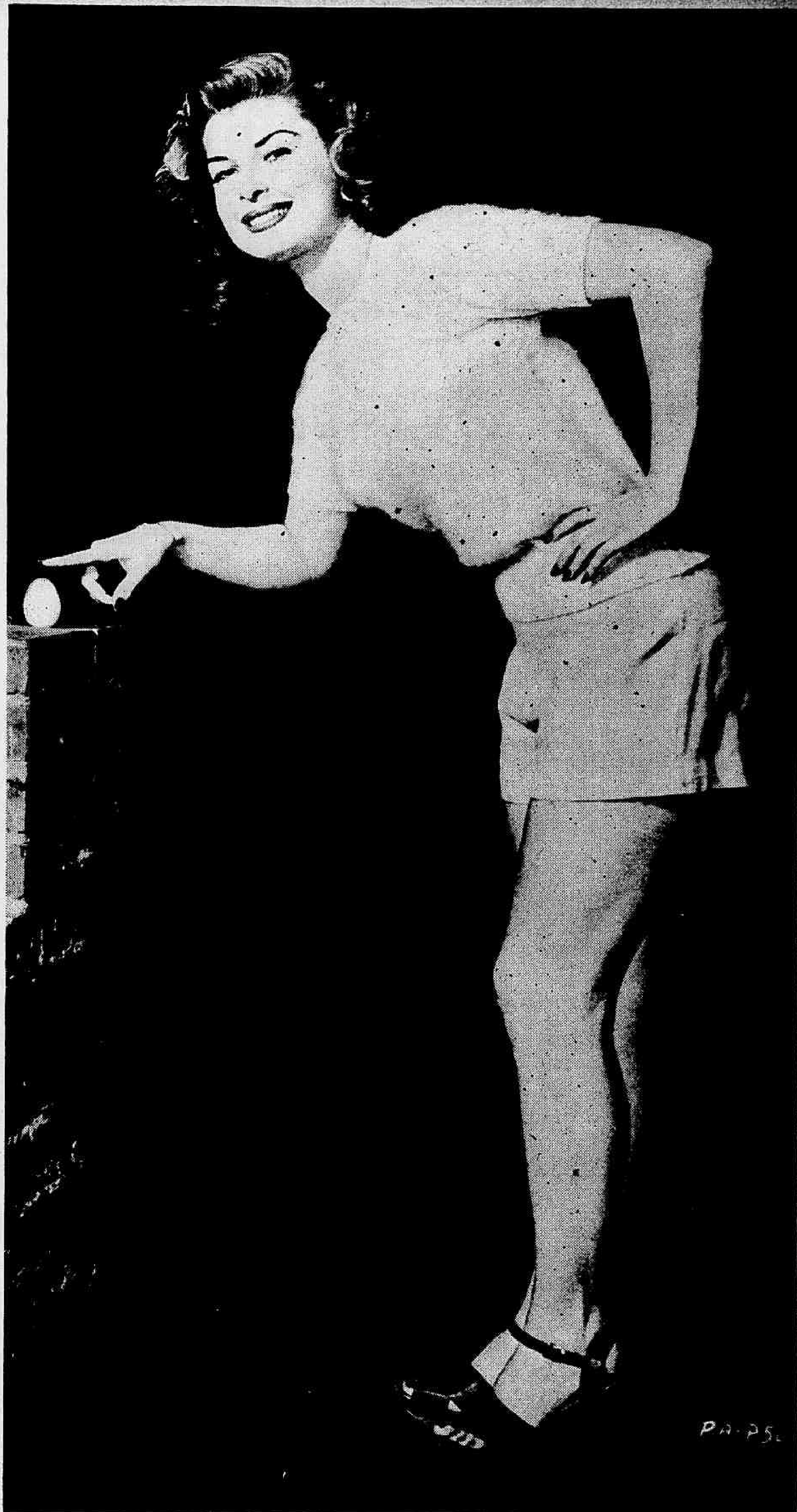


PARA os esportes, campo, praia, ou mesmo para você usar em casa, aqui estão alguns graciosos modelos; em cima Audrey Totter, da Metro, neste [illegible] modêlo de duas peças, [illegible] em seda escura e blusa de [illegible] com mangas compridas. [illegible] LARENE DAY da Columbia exibe êste modêlo com blusa em [illegible] listrado e calça em fazenda escura enfeitada com o mesmo tecido da blusa. Marsha Hunt, da Metro, [illegible] exibe êste sugestivo modêlo em linho branco, em uma só peça, com a cintura justa e mangas japonesas [illegible] em seda côr de laranja. Louise Halbriton, da Columbia, apresenta um modêlo de duas peças, em fazenda escura, podendo ser usado [illegible] saia godê do mesmo tecido.





MODELOS ESPORTIVOS





PARA o «week-end» ou as férias no campo são necessários trajes simples e elegantes que permitam libehdade de movimentos. Em cima: Larraine Day da Metro exibe um «short» de linho usado com blusa de tafetá listado. Em baixo: vestido de algodão com saia franzida e corpo de mangas japonêsas, usado por Janis Paige, da Warner. O outro modêlo é um conjunto de calças compridas com as bocas justas e blusa com amplas mangas, em seda. À direita, Pat Alphin da Universal, exibe êste gracioso modêlo composto de «sweater» em lã angorá branca e «short» de linha amarelo canário; em baixo, Esther Williams, da Metro, com sugestivo modêlo composto de blusa de linho estampado e calças em fustão azul marinho.





MODELOS VARIADOS



ALGUMAS das estrêlas de Hollywood apresentam modelos sugestivos, destinados a tôdas as horas. À esquerda: Martha Vickers, da W.B., usa um elegante costume de mangas três quartos, em tafetá. Janis Paige, da W.B., sugere para noite êste modêlo com saia de tule de "pois" e corpo, sem alças, em tafetá. Martha Hyer, da W.B., apresenta êste robe curto em fustão, enfeitado com rendas. Deborah Kerr, da M.G.M. apresenta esta original blusa de cetim, pintado com paisagens e sonêtos antigos.







OS vestidos de algodão apresentados destinam-se às manhãs quentes. Saia franzida em fazenda barrada e bolero estampado, com decote em V usada por Dusty Anderson. Francis Gifford, da M.G.M., veste um modêlo de duas peças. O casaco sem gola tem um recorte forrado com fazenda escura. Lucille Bremer, da M.G.M., sugere êste conjunto de saia franzida em fazenda lisa, usada com avental estampado e blusa branca, enfeitada com rendas, e finalmente, um modêlo em saia e blusa usado por Martha Vickers, da W.B.







O VERÃO VEM AÍ!

★ ★ ★ ★ ★

Sugestões para presentes práticos e de

fina qualidade...

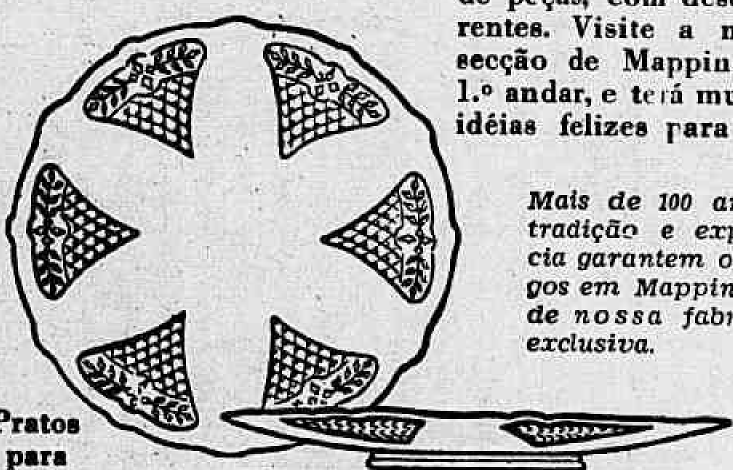




...em "Mappin Plate" (metal prateado)

Temos uma grande variedade de peças, com desenhos diferentes. Visite a nossa nova secção de Mappin Plate, no 1.º andar, e terá muitas outras idéias felizes para presentes.

Mais de 100 anos de tradição e experiência garantem os artigos em Mappin Plate, de nossa fabricação exclusiva.



Mappin & Webb

RUA DO OUVIDOR, 101 — RIO

LONDRES — BIARRITZ — JOHANNESBURG
PARIS — BUENOS AIRES — NICE BOMBAY.

INTER-AMERICANA MW-80

ESTÁ À VENDA

O Album de "A CENA"

CINEMA-RÁDIO-TEATRO E MÚSICA

À Venda em tôdas as Bancas de Jornais

O ÁLBUM CONTÉM:

— Muitas fotografias coloridas e muitas outras numa só côr, porém tôdas em tamanho grande.
— Fichário completo dos artistas, biografias e curiosidades a respeito dos mesmos.
— Artigos especiais escritos por Alex Viany, Salvyano Cavalcanti de Paiva, Alberto Conrado e Leon Eliachar.

PREÇO: Cr$ 25,00

Pedidos pelo Reembôlso Postal, mediante vale do Correio à Cia. Editora Americana R. VISCONDE DE MARANGUAPE, 15
RIO DE JANEIRO



TOMATES À SOUBISE

Tome 12 tomates grandes, do mesmo tamanho, e corte fora uma fatia junto ao cabo. Retire os caroços e polvilhe com um nada de sal e açúcar. Faça 250 gr de arroz, depois de pronto junte 1 colher de manteiga, 1 de queijo ralado, 2 ovos batidos, 250 gr de salsichas cozidas e esfareladas. Misture tudo, recheie os tomates, polvilhe de queijo, coloque em cima uma avelã de manteiga, deite numa fôrma chata de porcelana, sôbre uma camada de môlho Soubise e leve ao forno só para tostar. Sirva no próprio prato. Coloque em cima de cada um 3 quadradinhos de 1 cm de tomate cru (cortados em fatias que foram retiradas) para dar mais colorido.

MÔLHO SOUBISE

Tome 4 cebolas regulares, cubra com água fervendo, e deixe ferver ainda por uns 10 minutos. Escorra,



pique miudinho, junte 1 colher de manteiga, 1 colher-de-chá de açúcar, e leve a tostar um pouco. Incorpore 1 colher de farinha, deixe tostar mais um pouco, molhe com 3 xícaras de caldo ou de água quente, tempere com sal e deixe engrossar. Peneire e sirva. Se quiser pode juntar 2 pimentas malaguetas ou 1 pitada de paprika.

TORTA DE BRESLAU

150 gr de açúcar, 6 ovos, 140 gr de farinha de trigo, 50 gr de manteiga, casca ralada de limão, 1 colher-de-chá de fermento em pó e compota de morangos.

Com o açúcar, e os ovos faz-se um creme e então junta-se a casca de limão, a farinha, o fermento e, por último, 50 gr de manteiga quente. Desta massa fazem-se dois fundos de torta que se assam e se recheiam com geléia de morangos, unem-se as duas partes, cobre-se com glacê de limão e enfeita-se com frutas ou geléia.

ARROZ-DOCE EM FORMINHAS

125 gr de arroz, 1 litro de leite, uma pitada de sal, 100 gr de açúcar, 1 fava pequena de baunilha, 6 fôlhas de gelatina e 1/4 de litro de creme Chantilly.

Cozinha-se o arroz com o leite, o açúcar, o sal e a baunilha até ficar um mingau grosso. Retira-se a fava de baunilha, junta-se a gelatina diluída, deixa-se o arroz.

Põe-se em forminhas de porcelanas, ou em tijelas molhadas. Depois de bem frio, vira-se em um prato raso e grande e enfeita-se à vontade.

PUDIM DE ABRICOTS

125 gr de abricots secos, 125 g de tâmaras, 3 a 4 colheres de sopa de semolina, 2 colheres de sopa de amêndoas amassadas, sem casca, 3 a 4 colheres de sopa de açúcar.

Passam-se os abricots, e as tâmaras por uma máquina de ralar, misturam-se com uma xícara pequena de água e deixa-se amolecer durante 8 horas. Junta-se depois a semolina cozida em leite com açúcar, põe-se em uma fôrma molhada e aperta-se bem. Mistura-se a massa das amêndoas com o açúcar e 1/2 xícara de água e espalha-se sôbre o pudim depois de tirado da fôrma.

BANANAS À ESPANHOLA

Descascam-se algumas bananas que se cortam pelo meio, no sentido do comprimento. Pulverizam-se com açúcar, borrifam-se com Kirsch e arrumam-se em um prato de vidro, enfeitando-se com creme de Chantilly em forma de listras transversais, de modo a formar com as bananas uma espécie de grade.

MAÇÃ À MEDICI
Uma maçã para cada pessoa

Sôbre um pratinho coloca-se uma fatia de ananaz sôbre a qual se põe meia maçã em cujo centro se faz uma escavação que se enche com cerejas borrifadas com Kirsch. Por cima de tudo uma ameixa ou damasco.

SALA DE FRUTAS

Laranjas, abacaxis, mamão, maçã, pêras, uvas, morangos, etc. Limpam-se as frutas e picam-se, misturando-se-lhes açúcar à vontade. Junta-se meio copo de vinho branco ou um pouco de caldo de limão, e põe-se em lugar fresco durante 1 hora.

CASTANHAS COM CREME DE CHOCOLATE

Com meio litro de leite, prepara-se um creme de chocolate meio grosso. Deita-se êste creme em uma fôrma furada no centro, na qual se passou água fria. Quando frio, vira-se êste creme sôbre um prato redondo. Em volta do creme colocam-se 6 a 8 merengues. Na cavidade do centro, esguicha-se com o saquinho apropriado, o creme com castanhas. Em seguida derretem-se 2 a 3 barras de chocolate em banho-maria, juntando-se água necessária para formar um môlho mais ou menos grosso. Quando êste môlho estiver frio, deve ser derramado sôbre os merengues. Guarnece-se com creme Chantilly. Este prato terá um efeito mais atraente se se enfeitar o creme Chantilly branco com o mesmo creme tinto de rosa.

SORVETE REGINA

Bate-se bem 1 litro de nata, juntando-se açúcar à vontade. Acrescentando-se 200 gr de morangos frescos limpos. Querendo-se obter

NA COZINHA

um rosa bonito, tinge-se com tinta apropriada. Deixa-se em seguida em uma fôrma apropriada com que feche hermèticamente, levando-se para gelar em gêlo com bastante sal (cêrca de 3 a 4 horas). Na hora de servir, tira-se da fôrma, mergulhando-se para isso a fôrma por um instante em água quente, virando-se sôbre um prato redondo logo em seguida. Guarnece-se com creme Chantilly e serve-se imediatamente.

OVOS MEXIDOS COM ASPARGOS

Prontos os ovos mexidos, acrescentam-se-lhes aspargos picados que, de antemão, devem ter sido passados em manteiga. Enfeita-se o prato com as cabeças dos aspargos.

Podem ser servidos como "hors-d'oeuvre" ou com batatas e presunto ao almôço ou jantar.

OVOS COM MÔLHO DE VINAGRE

Cobrem-se os ovos fritos com o seguinte môlho. Torra-se um pouquinho de farinha em azeite ou manteiga quente, junta-se-lhe 1/4 de xícara de água e outro tanto de vinho branco. Deixa-se levantar fervura e juntam-se sal, um pouco de mustarda e sumo de limão ou vinagre.

OMELETTTE COM BATATAS

Descascam-se algumas batatas que se cortam em quadradinhos e que se refogam em manteiga, juntando-se-lhes um pouco de azedinha e sal. Mistura-se isso com a massa de omelette. Levam-se ao fogo em uma frigideira algumas fatias de toucinho defumado e, quando elas estiverem fritas, despeja-se sôbre elas a massa de omelette que se acaba como de costume.

MACARRÃO COM COMPOTA

Cozinha-se o macarrão em água e sal e despeja-se em um passador, cobrindo-se com um pouquinho de água fria. Depois de ter escorrido bem a água, juntam-se manteiga quente e açúcar. Dois têrços dêste macarrão se arrumam em um prato que possa ir ao forno. Faz-se uma escavação no meio do macarrão, enchendo-se com açúcar, canela, casca de limão e compota. Cobre-se tudo com o têrço restante do macarrão. Batem-se duas claras



em neve, juntando-se-lhes as gemas e 2 colheres de açúcar. Com esta massa pincela-se o macarrão que se leva ao forno para corar.

KNEDEL À BAVARIANA

125 gr de farinha, 2 ovos, leite, sal, noz-moscada, 2 colheres de manteiga, 3 colheres de pão cortado em quadradinhos, queijo ralado. Prepara-se uma massa com a farinha, ovos, leite, sal, noz-moscada e manteiga derretida à qual se juntam quadradinhos de pão fritos na manteiga. Desta massa tiram-se colheradas grandes que se deitam em água fervendo com sal, onde devem permanecer de 15 a 20 minutos. Deixa-se escorrer bem a água e servem-se com queijo ralado e manteiga derretida.

PUDIM DE MAÇÃS

500 gr de maçãs, 3 colheres de sopa de caldo de limão, 125 gr de açúcar, mais ou menos, 1 pedacinho de pau de canela, 100 gr de sagu, 3/4 de litro de água.

Descascam-se as maçãs, cortam-se em pedaços e cozinha-se com um pouco de água, açúcar, canela e caldo de limão.

Quando mole, amassam-se bem e passam-se por um passador ou peneira.



Cozinha-se o sagu com pouca água durante 20 minutos até se obter um mingau, que se mistura com a massa das maçãs. Põe-se em fôrma molhada e vira-se no prato, quando frio. Serve-se com creme de baunilha.

PUDIM DE CHOCOLATE

125 gr de chocolate em pó, 1 litro de leite, 2 colheres-de-chá de açúcar, um pouco de sal, 125 gr de passas, 65 gr de amêndoas picadas, 80 gr de maizena.

Ferve-se o chocolate em 3/4 de litro de leite, mexendo-se até misturar bem. Junta-se depois o açúcar, o sal, as passas, as amêndoas e, finalmente, a maizena dissolvida no restante do leite frio. Leva-se numa fôrma para esfriar. Depois de bem frio vira-se no prato que deve ir à mesa, devendo ser servido com nata, creme Chantilly ou creme de baunilha.

GLACÊ DE FRUTAS

250 gr de açúcar, 4 colheres-de-sopa de caldo de morangos cozidos, ou de uma outra fruta qualquer.

Mistura-se o açúcar peneirado com o caldo das frutas e mexe-se até se obter uma massa lisa.

Mistura-se 2 colheres de sopa de açúcar com um pouquinho de clara e algumas gôtas de limão e bate-se isto em uma vasilha de porcelana até ficar uma massa branca, que ao escorrer não se separe em gôtas.

Põe-se êste glacê no saquinho de lanças ou em um cartucho de papel grosso, no qual se faz um furinho do tamanho de cabeça de um alfinête; dobra-se em cima e aperta-se com o polegar para fazer as diversas decorações sôbre os bolos e as tortas.

GENOISE DE AMÊNDOAS

Tome 250 gr de farinha, 250 gr de açúcar, 200 gr de manteiga, 120 gramas de amêndoas torradas e picadas. Derreta a manteiga e reserve. Deite 8 ovos numa tijela e bata por uns 10 minutos e vá juntando de vagar o açúcar, a farinha, assim como a manteiga e as amêndoas. Leve a assar no forno em forminhas caneladas, untadas de manteiga e em camada fina. Arrume numa salva de prata forrada com papel rendado e sirva com sorvete de creme.

Compre a melhor gordura...



GORDURA de CÔCO CARIOCA

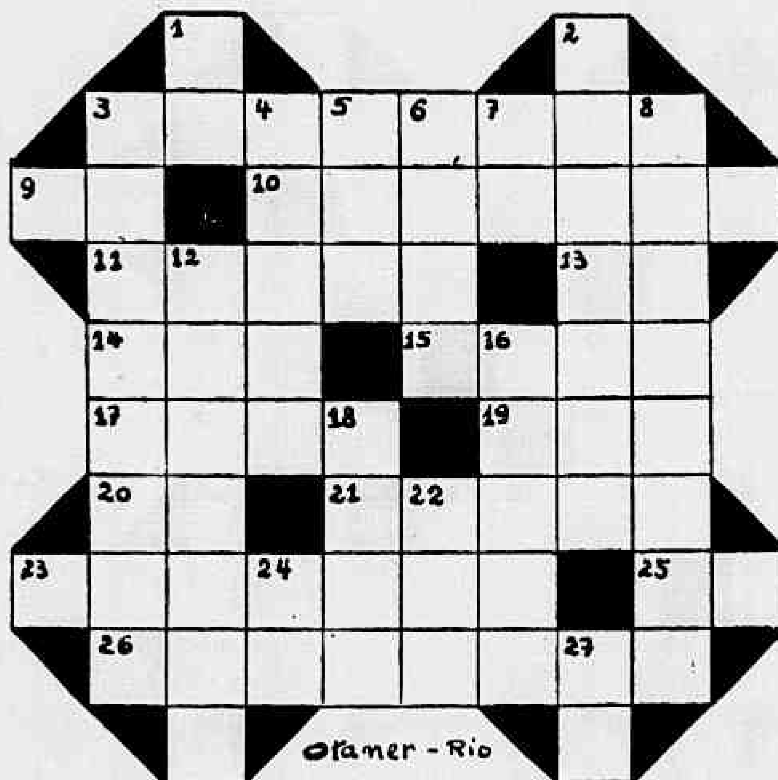


...e terá uma linda lata para mantimentos

PALAVRAS CRUSADAS

Problema n. 30 — PARA NOVATOS

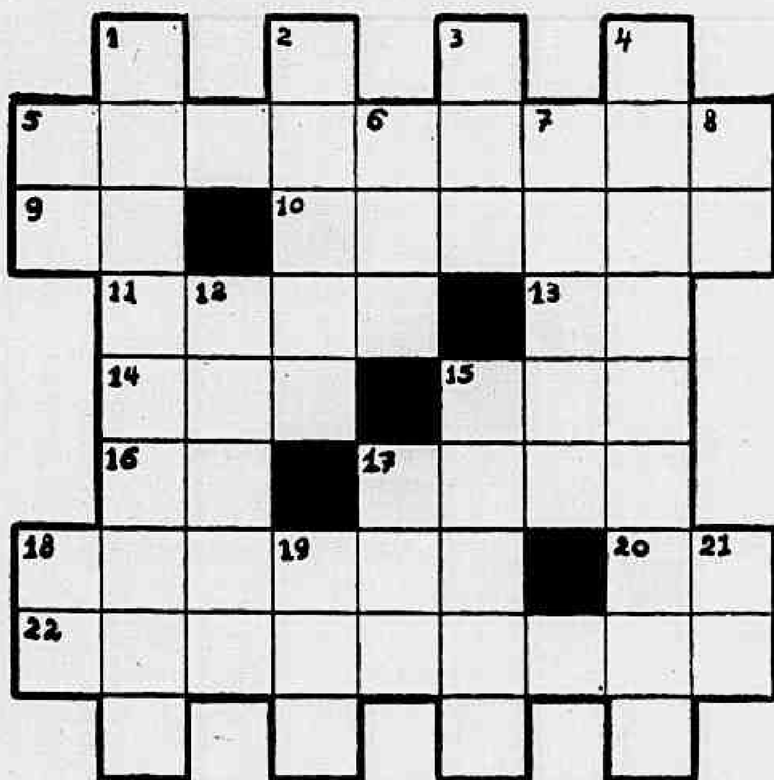
HORIZONTAIS: — 3. Aquêle que tem fanatismo — 9. Mulo — 10. Da côr da amora — 11. Animal doméstico, da família dos Felídeos (pl.) — 13. Alí — 14 Cólera — 15. Recifes de corais — 17. Chicote feito de uma só tira de couro — 19. Nome de homem — 20. Seguir — 21. Fitas — 23. Realçada — 25. Aqui — 26. Faltaria à confiança.



VERTICAIS: — 1. Perversa — 2. Anima — 3. Que fugiu — 4. Dia do nascimento — 5. Senhor — 6. Tunda — 7. Caminhar — 8. Mulher de harém — 12. Árvore da família das Leguminosas — 16. Pesar, para abater a tara — 18. Ligas — 22. Partida — 24. Instrumento musical dos negros — 27. Vogava.

Problema n. 30 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 1. Fac-símile — 9. Medida de pêso — 10. Arrependido — 11. Brado de que se servem os vaqueiros para tanger o gado (pl.) — 13. Nome de um dos deuses confucianos da fecilidade — 14. Contração — 15. Antiga dança escocêsa — 16. Pronome pessoal — 17. Albino — 18. Mover a cauda (o cavalo) quando o picam — 20. Primeira gutural do sânscristo — 22. Predileção ou simpatia por alguma coisa.



VERTICAIS: — 1. Firme — 2. Entre fantástico em que se fala para intimidar as crianças (pl.) — 3. Vila da França, no departamento de Orne — 4. Ódio ao raciocínio — 5. 31ª letra do alfabeto russo — 6. Raso — 7. Próspero — 8. Contração — 12. Mato verde — 15. Extraordinárias — 17. Cidade da França, capital do departamento de Hautes-Alpes — 18. A mãe de tôdas as coisas na mitologia amazônica — 19. Gênero de aves da família dos Lorídeos — 21. Partes iguais de cada coisa.

Soluções dos Problemas do número anterior:

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Amo — Ita — Ar — Ciar — Só — Tombar — Ato — Oa — Ama — Aca — Ubá — Lar — Ter — Mar — Pa — Cal — Aparta — Ur — Uruá — Má — Ala — Lio.

VERTICAIS: — Ar — Oco — Ira — As — Ata — Imo — Aba — Ora — Toçara — Rabeca — Tala — Mará — Ar — Ut — Meu — Par — Arú — Loa — Pua — Tal — Rã — Mó.

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Tar — Tutia — Ni — Li — Pandilhas — Afeiçoara — El — Da — Olada — Ido.

VERTICAIS: — Patriciado — Tu — Ri — Tinelo — Alhada — Nafé — Iara — Pa — Di — Ló — Sá — Li — Dó.

★

NOTA — No número anterior as respostas publicadas foram as dos problemas número 29, também publicados no mesmo dia.

A VIDA DE Mme. CHIANG-KAI-SHEK

(Cont. do número anterior)

IV

Foi em 1º de dezembro de 1927 que o «homem forte» da China desposou Mei-ling. O braço direito do Reino Florido encontrara o coração dêste. O Dr. Sun morrera, e Chiang foi nomeado comandante em chefe dos exércitos nacionalistas chineses. Os «pais da República Chinesa» haviam percebido que num mundo de bandidos e agressores, de ambições ditatoriais e guerras imperialistas, os sonhos do grande filósofo chinês tinham como garantia apenas o tamanho, o armamento e a moral dos exércitos do generalíssimo Chiang.

Chiang era um soldado às direitas que devia a confiança em que era tido a uns poucos ideais morais e sociais que adquirira no seu contato com o Dr. Sun. Até então, a santidade da sua missão mal e mal o impressionara. Mas com a espôsa ao seu lado, começou uma fase inteiramente nova de vida espiritual. O amor fizera uma sagaz e momentosa escolha. O convívio e a amizade de Meiling transformaram-no de grande soldado em grande homem.

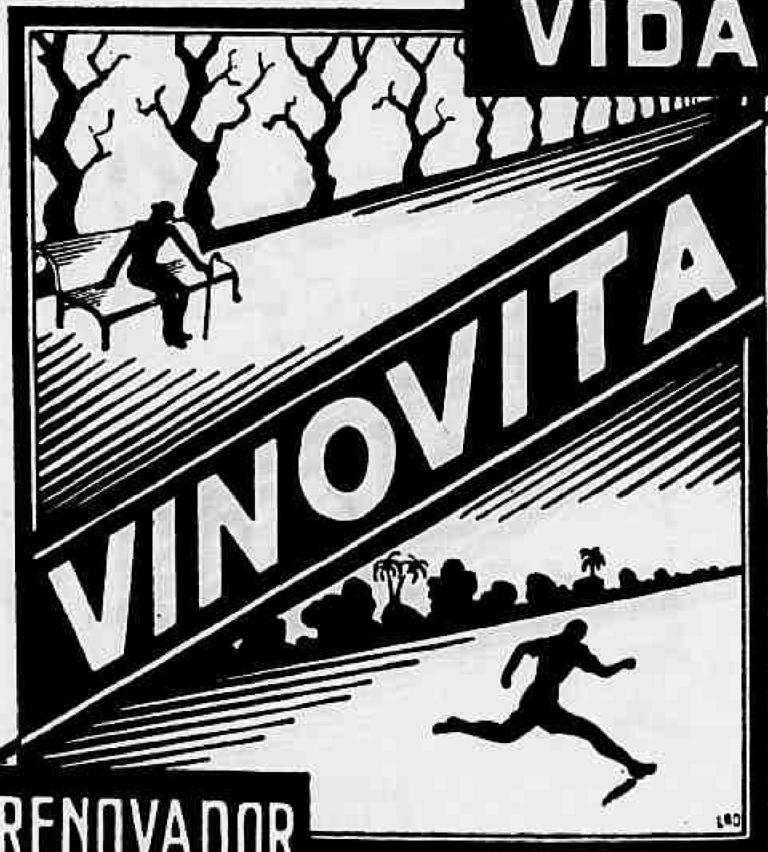
E seu país tinha grande precisão da sua grandeza. O sonho do Dr. Sun de uma China unida estava mais longe da realização do que nunca. Um grupo de comunistas, opondo-se a Chiang, se apossara das províncias do norte e estabelecera seu govêrno em Hankow. Desafiando êsse govêrno porém, e a despeito do perigo, Madame Chiang foi com o seu marido da moderna cidade de Xangai, na costa do mar, para a «aldeola» de Nanquim, no interior, a fim de tratar da construção de uma capital para a nova China que devia ser um dia a China de todos.

Mesmo entre um povo de milhares de anos de existência há sempre o desejo de inovar, a sêde de novas aventuras, uma solicitação periódica a tomar outros rumos, e nisso deve estar o segrêdo da sua imortalidade. Nanquim era uma aldeia suja. Suas casas eram galpões gelados. Suas ruas eram tão estreitas que dois veículos não podiam passar por elas lado a lado. Todavia, era daí que os «construtores» esperavam expandir a obra e irradiar o ideal do renascimento da China. E Madame Chiang pôs-se com entusiasmo a trabalhar junto com o marido. Com o destino nacional em suas mãos, apelou para tôda a coragem e filosofia dos seus vinte e nove anos. Fundou escolas para os filhos dos revolucionários mortos em combate. A **nova** China devia ser a **jovem** China. «Pareciame», escreveu ela anos mais tarde, «que essas crianças seriam o mais precioso dos materias se fôssem formadas em bons moldes, já que tôdas tinham sangue revolucionário nas veias». Assim é que pôs em prática seus ideais de educação por tanto tempo afagados. «Minhas crianças aprenderam a empregar as mãos e os corpos, e a raciocinar porque tal e tal coisa havia de ser feita dêste ou daquêle modo». Criou na cabeça dêsses cidadãos do futuro o instinto de **aprenderem, fazendo.**

E criou na cabeça do generalíssimo Chinag Kai-shek, seu marido, o instinto de **fazer, aprendendo.** Em longos passeios, na intima comunhão dos seus corações, ela transmitia seus sonhos a Chiang e o inspirava. Sob a influência dela, e devido a uma promessa que lhe fizera à mãe, êle estudou o Novo Testamento e se tornou cristão. Por meio dela travou conhecimento com os ideais éticos do Ocidente, e especialmente da América. Guiado por ela, entrou em contato com a filosofia política de Thomas Jefferson e com o misticismo social de Abraham Lincoln.

Mas havia reciprocidade na vida do casal. Madame Chiang era professora do seu marido, e sua discípula; dava-lhe as suas idéias, e participava da coragem dêle. Quando os comunistas do norte se tornaram agressivos e o generalíssimo lançou suas tropas ao combate, ela o acompanhou, «vivendo onde quer que pudessem encontrar alojamento, em barracas de palha, em estações de estrada de ferro, na habitações camponesas». Pela primeira vez ela viu no interior da China as lastimáveis condições de vida de milhões de cules, e quanto mais sujeira, ignorância e degradação via, tanto mais decidida ficava a fazer uma limpeza geral, tanto figuradamente como ao pé da letra. Instigou o marido com planos referentes a uma campanha de moralidade e asseio entre as massas chinesas, uma campanha contra «a ignorância, a imundície, o relaxamento, as moradias imprestáveis, a corrução que por tanto tempo tem custado tanto sofrimento humano». Os chineses perpetuavam nos tempos modernos as suas antigas superstições. Ela resolvera que êles tinham de perpetuar sòmente suas antigas virtudes: responsabilidade, gentileza, honestidade, boa vontade. Valeu-se do auxílio de todos os missionários da China, conhecedores do Evangelho, para a secundarem na emancipação das massas chinesas. A campanha foi chamada o **Movimento da Nova Vida.**

E como que para resgatar uma centena de séculos, viajou de aeroplano com seu espôso passando em regiões da China raramente visitadas pelos funcionários do govêrno. Penetraram em retiros nas montanhas e em fortalezas de bandidos, e chegaram a aldeias cujos habitantes tinham estado sem contato com o centro da China durante um milhar de anos. Os membros do govêrno em Nanquim ficaram pasmados Essa espécie de confraternização com a plebe era um tanto anti-chinesa. «Os presidentes e generais nunca apareceram em



tais lugares». E sem ao menos uma guarda pessoal! Eram arrojados! Na certa que seriam assasinados.

Mas Madame e o generalíssimo eram decididos. Não se atribuiam tarefas pequenas. Durante a noite procuravam atrair a nação para os hábitos do século XX. Haveria exemplo melhor, para o povo supersticioso, do que ver os seus chefes a caminharem no meio dêle desarmados e sem receio? Onde quer que fôssem, estudavam as indústrias locais populares, as oportunidades para reformas políticas e econômicas. Faziam perguntas a «funcionários inferiores, até aos simples transeuntes». Madame Chiang Kai-shek conversava com as mulheres de mais iniciativa das várias comunidades e as encorajava a sairem de casa, a tomarem interêsse pelos assuntos públicos, a assumirem cargos de direção, a arcarem com uma responsabilidade social. E em várias localidades êles habilitaram as mulheres a abrir clínicas para o tratamento dos opiômanos.

Certa ocasião o generalíssimo quase pagou com a vida a sua confiança no povo. Ao entrar desarmado nas provincias do norte, foi capturado e seqüestrado por um grupo de generais rebeldes simpatizantes dos comunistas. Seus poucos acompanhantes foram chacinados. Tôda a China acordou uma manhã ciente de que o govêrno, na pessoa de Chiang, fôra feito prisioneiro num cubículo em Sian. Era uma situação extremamente perigosa. O generalíssimo, porém, a enfrentou com intemerata resolução. Negou-se a receber alimentos dos seus carcereiros. Disse-lhes que o fuzilassem imediatamente se êles estavam amotinados, ou que o soltassem imediatamente se ainda o reconheciam como seu chefe legítimo: neste último caso êle os levaria a um julgamento civil.

Entrementes, a notícia do seu rapto eletrizara o mundo. O pânico se apossara de Nanquim, capital da China. A única pessoa que permanecia calma era Madame Chiang Kai-shek. Falou pelo rádio ao povo dizendo-lhe que se mantivesse em paz. Quando o govêrno propôs enviar um exército a Sian, ela obtemperou que isso causaria um derramamento de sangue. Mandou ao cabeça dos rebeldes que aprisionavam seu marido uma mensagem na qual apontava «os desastrosos efeitos que o seu ato terá sôbre a unidade da nação», e expressou sua fé em que «o senhor não tencione causar danos ao país ou ao generalíssimo por sua ação imprudente e precipitada... e portanto deve reparar o que fêz, antes que seja tarde demais». Feito isso, tomou um avião junto com T.V. Soong, seu irmão, e com um amigo americano, e voou diretamente a Sian com o fim de negociar a libertação do seu marido junto aos aprisionadores dêle. Antes de chegar ao valhacouto dos rebeldes, entregou uma pistola ao amigo americano ordenando-lhe que a matasse se ela estivesse a ponto de ser capturada pelas tropas inimigas.

Encantados com a ousadia dela, os captores permitiram-lhe falar com o espôso. Êle levantou o olhar da cama em que se achava atirado.

— Por que vieste aqui — perguntou alarmado.

— Vim te ver — respondeu ela com a despreocupação de uma colegial.

Os olhos do generalíssimo se encheram de lágrimas. Naquela manhã êle abrira a Bíblia na seguinte passagem: «Jeová realizará agora uma nova coisa: Êle fará com que uma mulher proteja um homem».

Os raptores desistiram da aventura. E no dia de Natal, graças à diplomacia de Meiling, o generalíssimo estava livre, ileso.

V

Chegaram, então, os homenzinhos malvados que na sua louca raiva supunham poder arrasar o trabalho que Madame Chiang e seu marido estavam fazendo pela China. Os japonêses enviaram suas legiões ao norte da China, e expulsaram os governadores de Chiang da Manchúria. Espalharam-se arrogantemente pelo interior do país, fanfarronearam com suas pistólas apontadas contra os funcionários do fisco, fizeram exigências e chantages, extorquiram bilhões da China. E finalmente, em 28 de julho de 1937, soltaram suas hordas odientas contra o povo chinês. Não perceberam, êsses salteadores munidos de navios, tanques e aviões, que suas armas brutas estavam esgrimindo contra fantasmas: espectros que os atraiam a emboscadas nas estradas solitárias, que os levavam à morte pela fome, pela doença, pelo desgaste: sombras cuja verdadeira essência era uma idéia sempre intacta e imperecível contida nas chuvas de metralha, e que convidava sarcàsticamente aos invasores a continuarem mais e mais nas sua destruição...

Madame Chinag ligou-se à fôrça aérea chinesa. Embora enjoasse fàcilmente a bordo do avião e fôsse obrigada nas longas viagens a descansar em terra firme com sais de cheiro no nariz, voou mais milhas do que qualquer outra pessoa da China que não fôsse piloto. Reanimava os aviadores. Cuidava dêles como uma mãe. Conhecia cada avião e cada pilôto.. «Sempre que êles levantavam vôo, ela estava no campo para os acompanhar com a vista.» Subia uma colina em meia a uma saraivada de bombas para observar e fiscalizar o combate, e quando os pilotos estavam de volta ela fazia comentários precisos sôbre o que êles tinham realizado.

Quando os exércitos chineses recuaram lentamente para o interior, abandonando ao inimigo tôdas as grandes cidades industriais da costa, ela ajudou a organizar fábricas móveis onde trabalhavam refugiados. A maquinária para cada unidade industrial era leve e podia ser transportada sempre mais e mais para o interior, para junto das matérias primas inexploradas, de modo que a produção de guerra chinesa acompanhasse a sorte dos exércitos e do povo.

Madame Chiang Kai-shek está hoje lutando na grande batalha da sua vida. «Não sou mística. Não sou visionária. Acredito no mundo visto, não no mundo não visto». Mas as possibilidades e as conseqüências implícitas nos ideais por que ela está lutando são talvez maiores do que

(Cont. na pág. 50)



DANÇA CLÁSSICA Êstes flagrantes foram colhidos em novembro p. passado, durante o festival de dança clássica realizado no Teatro Copacabana nesta capital, pelas alunas da professora Dorothy Norgan Campos. Os números foram todos muito interessantes e assim deixaram boa impressão entre a seleta assistência. Tomaram parte nessa representação, entre outras, as meninas Lucília Chagas Machado Costa, Fernanda Tude de Sousa, Lúcia Tude de Sousa, Vera Maria William, Lilia Paula Chaves, Daisy L. de Oliveira, Cicely Borgeth, Marian Obley, Miriam César Diogo, Maria Cristina, Maria Celina de Carvalho, Diana Paranhos e Marsha Martini.



LUSTRES DE CRISTAL DA BOHEMIA

ARTIGOS DE PRATA, APARELHOS DE JANTAR, CHÁ E CAFÉ DE FINA PORCELANA E NOTÁVEL VARIEDADE DE ARTIGOS FINOS PARA

Presentes de Festas

Agradecendo a preferência dispensada durante êste ano, a PRINCEZA dos CRISTAIS aproveita para desejar aos seus distintos fregueses e amigos, um NATAL cheio de felicidades e um NOVO ANO repleto de venturas.

PRINCEZA DOS CRISTAIS

ASSEMBLÉIA, 90 e SETE DE SETEMBRO, 97



PARE!

A QUÉDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS

E DEMAIS AFECÇÕES

DO COURO CABELUDO

UMA MULHER PODE CONSERVAR-SE SEMPRE JOVEM

Para uma mulher se conservar sempre jovem e bela deve ter os seus órgãos femininos em peifeita saúde. E a mulher sabe que os seus órgãos femininos estão em perfeita saúde pelo bom funcionamento de suas regras. Se as regras são anormais, isto é, diminutas ou abundantes, dolorosas, repetidas ou atrasadas indicam enfermidade grave que deve ser conbatida com um dos dois Reguladores Xavier. É-lhes fácil saber o número que lhes convém. O Nº 1 só serve para os casos de regras abundantes, repetidas, prolongadas, hemorragias e suas conseqüências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, fastio, etc. Já o Nº 2 tem aplicação inteiramente diversa e só serve para os casos de falta de regras, regras atrasadas, suspensas, diminuidas e suas conseqüências: anemia, cólicas uterinas, flores brancas, insuficiência ovariana, etc.

Tal como exigem a ciência e o bom-senso o Regulador Xavier é fabricado em duas fórmulas diferentes atendendo às duas naturezas diferentes dos males femininos.

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Sociedade Anônima

Depositos -- Descontos -- Cauções

ALFANDEGA n.º 50 - Rio

COMO APRENDER A DANÇAR

4.ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 330 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120. — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembolso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

À venda, também, nas Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

ESCOLA SENTIMENTAL

(Cont. do número anterior)

Até aquela data, durante todos os anos que permanecemos juntas, haviam tido, como era de se esperar, sortes semelhantes, e eu estava certa de que as possuiriam sempre, porquanto, nunca acreditei que houvesse destino, senão aquêle que a própria criatura cria para si.

Separamo-nos com o mútuo compromisso de nos reunirmos vinte anos depois. O ponto de reunião seria indicado uma semana antes num determinado jornal de Boston. As que não pudessem comparecer, deveriam mandar para o lugar desde aquele momento indicado, um envelope com um relatório escrito a máquina, apenas assinado com uma inicial, descrevendo detalhadamento suas vidas e o proveito que lhes tinham dado os diplomas. Só em caso de morte, sem parentes que pudessem se incumbir de explicar tal circunstância, seria perdoado o não comparecimento.

Calou-se, até que eu não mais podendo suportar o seu mutismo, indagasse: — E então?

— Então?! Faz justamente hoje, vinte anos que nos separamos...

— Nenhuma compareceu a reunião? — indaguei.

Ela olhou fixamente para a frente e prosseguiu em tom dramático: — Não, nenhuma faltou! E justamente por não terem faltado é que tive a certeza de ter praticado uma «chantage», pois, comprovei que pretendi ensinar-lhes a traçar o caminho de seus futuros, com a mesma segurança com que um mestre da escola politécnica, ensina aos seus alunos a traçar uma estrada ou a construir uma ponte, e — suspirou — só hoje vinte anos depois compreendi que agi com elas do mesmo modo que uma pessoa que vende um objeto que não lhe pertence. Não podia ensinar-lhes a traçar aquilo que já estava traçado...

— E por que chegou a esta conclusão?

— Porque todas agiram da mesma maneira e cada uma teve um destino diferente. Uma, foi justamente aquilo que eu esperava que fossem todas as minhas diplomadas, uma dominadora. Conseguiu arrastar atrás de si um sem número de homens, causou inúmeras desgraças e agora vive nababescamente, amando doidamente, sem nunca se deixar vencer pelo amor; a outra, está também muito rica e é feliz. Um milionário apaixonou-se há anos por ela e dá-lhe todo o luxo, vivendo à mercê dos seus caprichos. Mas agora, já não me iludo, e aliás ela também não tem ilusões. Não foi o diploma que eu lhe conferi que a fez alcançar esta situação, mas apenas a circunstância, que se poderia ter dado com qualquer outra, de casualmente encontrar numa ilhota quase deserta do Pacífico, para onde fôra levada por um esgotamento nervoso, um homem rico e de temperamento ardente, porém acanhado. Antes disso, declarou-me ela própria, passou pela vida de diversos homens sem lhes deixar impressões mais fortes do que qualquer outra mulher. A terceira, talvez a mais linda de todas, teve uma sorte estranha. Inspirou duas ou três grandes paixões a homens jovens e ricos. Todavia, um tinha a fonte de toda a sua prosperidade numa espôsa milionária e os outros dois dependiam de pais ricos que os destinavam a outras moças. Aceitá-los, seria submeter-se a uma vida de privações e lutas e ela, baseada, nos meus ensinamentos, resolveu esperar outras oportunidades e suportar heròicamente o vácuo, que cada um daquêles homens deixava em seu coração Agora, é uma moça simpática e vulgar, secretária de um grande escritório comercial. A quarta nunca conseguiu inspirar paixões, a custa, porém, de esforços e habilidades, conseguiu casar-se com um homem de quarenta e três anos, vulgar e rico. Cinco anos após, quando já não tinha pais vivos, êle perdeu tudo e teve que sujeitar-se a um emprêgo que apenas dava para viver decentemente. Como tivesse dois filhos e um prestes a nascer, sem ter a quem contar, resolveu continuar ao lado do marido à espera de uma oportunidade de fugir àquela vida mesquinha. Mas os anos se passaram e nenhuma oportunidade lhe surgiu, nenhum outro homem voltou a interessar-se por ela. Em compensação, o marido, de vez em quando, mete-se em pequenas aventuras com muheres de segunda ordem e ela tem de se submeter e suportar tais coisas, pois, seu estado de saúde se tem enfraquecido muito. Detestando o marido e disposta a não se sacrificar pelos filhos, vê-se, mesmo assim, acorrentada a essa vida estúpida. Hoje tem 43 anos, é uma mulherzinha pálida e cheia de bilis. Finalmente a quinta, se viu forçada a residir numa cidade pequena onde não ignora que é considerada a solteirona ridícula da cidade. Culpou a mim e a minha escola do que hoje está transformada. Disse que seu orgulho e as idéias originais e complicadas que meu diploma lhe deram, foram a causa de não se ter casado, modestamente, mas, enfim, casada. Confessou-me irritada que nem mesmo a oportunidade de ter um amante lhe apareceu, e quando eu lhe lembrei que nunca as aconselhara a se embaraçarem por preconceitos, retrucou-me nervosa que eu «aconselhara sempre maneiras distintas e atitudes reservadas».

Miss Ane suspirou, torcendo nervosamente os dedos: — Em que detestavel solteirona se transformou a minha adoravel Mary. E foi para terminar assim que estudou com tanto afinco!...

Eu já não a ouvia, um só nome enchia-me o coração: Henry!

Sem querer ouvir mais nada, despedi-me bruscamente de Mis Ane e disparei pelo corredor em direção à sala de estar. Percorri todo o hotel, fugindo o mais possivel de todos, para que não me obrigassem a formar num dos grupos reunidos. Não o encontrei.

Uma angústia injustificavel começou a se apoderar de mim.

— Já estaria perdida a minha oportunidade de ser feliz? Não, ainda pela manhã, durante um passeio que fizemos, êle me dissera: — «Esperarei até o dia de embarcar e só então me convencerei de que não queres ser minha espôsa e deverei considerar tudo o que sinto por você, como um entusiasmo que deve ser passageiro...»

Henry é um médico moço, com um futuro promissor, pois conquistou distinção em tôdas as matérias no seu último ano de curso. Mas, no momento, apenas me poderá oferecer aquilo que eu já possuo em casa de meus pais: conforto. Eu ambicionava muito mais e, apesar, de adorar seus olhos azuis e os seus cabelos de um castanho dourado que contrastam tão bem com sua pele queimada, já por três vêzes recusei-lhe a mão.

Enquanto caminhava pelo parque, iluminado aqiu e ali, por pequenas lampadas, um pensamento horrivel torturou-me o cérebro: vi Henry ainda um homem atraente ao lado de uma mulher bela de cerca de quarenta anos, acompanhado de dois jovens, um moço e uma mocinha de 15 a 17 anos. Passeavam de braços dados. Num dos bancos, uma solteirona magra e detestável seguia-os com o olhar invejoso, e... essa solteirona era eu!

Comecei a correr. Era preciso encontrá-lo já e já. De súbito, um esbarrão e vi-me nos braços dêle.

— Querida, onde vais correndo tanto?!

— Oh! — balbuciei — procurei-te por todas as partes e não te vendo pensei que tivesses partido...

Tomou-me o rosto entre as mãos e olhou-me nos olhos. Creio que êles estavam úmidos porque Henry sorriu e disse docemente:

— Não, eu não parti, nem partirei, jàmais daqui ou de outro lugar qualquer, sem ser contigo...

MOMENTOS TRÁGICOS...

(Cont. do número anterior)

A enfêrma continuava imóvel e cada vêz mais imaterial.

Caiu sem fôrças na sua poltrona. Procurou concentrar o espírito em coisas diferentes. Apezar de tôdos os esforços seu pensamento permanecia alerta, circundado de dúvidas sob a presão do Invisivel. A fronte lívida de sua tia hipnotizava-a... Sentiu que desfalecia... tentou reagir... Perdeu completamente a noção do que a circundava... Caiu sôbre um dos braços da poltrona...

Recuperando os sentidos ouviu um rumor surdo seguido de movimentos indistintos... bem junto dela... Seu pensamento recuperando vida entregou-a novamente ao mêdo. Olhou aterrorizada para sua tia que continuava imóvel.. Seus traços estavam acentuados por um tom esverdeado... e, na parede, desaparecendo, pérfida, silenciosa, uma sombra humana... Quis gritar... Um estremecimento percorreu-lhe o corpo. Seus dentes começavam a bater violentamente.

— Que se passa nêste quarto? Tenho a certeza de não ter sonhado... Vi!... Há

alguém que se esconde... Por que? — Ofegante apertou as fontes com angústia. Uma luz surgiu no seu espírito quase demente: A criada... sim, a criada... foi ela... veio e não me quis incomodar pensando que estivesse dormindo. A sombra na parede era a dela quando se retirava... Sim, é isso mesmo... A porta fica atrás da minha poltrona.

Preciso saber a verdade...

Fazendo um apêlo para tôda a sua coragem foi até o quarto da empregada. Escutou... nenhum rumor se ouvia. E' estranho!... Bateu... ninguém respondeu. Abriu a porta. Maria estava lá, de pé, junto ao leito e com o olhar vazio... Dona Maria gritou:

— Maria, foi você que entrou no quarto de minha tia?

— Sim... sim... fui eu... — e com um grande suspiro caiu exausta sôbre o leito, vencida por pesado sôno.

Tranquilizada dona Maria voltou para junto da doente. Deu-lhe a poção que dificilmente passou por entre os dentes cerrados. Mais calma, sentou-se numa atitude vigilante.

De madrugada entrou a empregada sem fazer rumor. Depois de olhar para a sua patrôa, exclamou:

— Mas... Dona Rosalina está morta!...

Alarmada a pobre senhora debruçou-se sôbre sua tia e constatou a rigidêz cadavérica do corpo... Estremeceu ao contato dêsses membros gélidos... Santo Deus! Morrera sem um movimento! Permanecera sempre imóvel!...

A empregada saiu apressada em busca do médico murmurando com reprovação:

— Por que não me chamou?

Depois de examinar o corpo, o doutor não pôde reprimir a sua estupefação. Uma grande ansiedade ensombrecia a sua fisionomia:

— Quantas vêzes deram a poção que ordenei?

— Duas; uma às nove e a outra a meia-noite, — respondeu dona Marta.

— Foi a senhora que passou a noite ao lado da enferma?

— Sim, fui eu...

— Pode mostrar-me a taça onde estava o remédio?

— Está aqui...

O doutor observou-a cuidadosamente. Olhou para o vidro que estava quase vazio. A expresão do seu rosto tornou-se dura. Olhou ainda uma vêz para a morta e pronunciou severamente:

— Dona Rosalina Cintra foi envenenada.

As duas mulheres deixaram escapar um grito de horror. Seus olhares cruzaram-se inquiridores, terrificantes. Com um movimento instintivo afastaram-se uma da outra. O médico escrutava a fisionomia de ambas.

A criada foi a primeira a sentir necessidade de se defender, e trágica exclamou:

— Não fui eu!... Deixei a poção tal qual como o doutor preparou... Juro!

— Eu dei estritamente a dose prescrita... — falou com voz surda dona Marta.

— Por que não me chamaram quando viram que ela morria?

— Já estava morta quando entrei no quarto essa manhã... — interrompeu a criada.

— Não vi quando ela morreu. Esteve sempre imóvel, — respondeu dona Marta.

— E' estranho... — murmurou o médico. Enfim a polícia esclarecerá o caso.

— Polícia?!...

As duas desgraçadas pronunciaram essa palavra que evoca o longo cortejo de humilhações e lutas.

O doutor saiu levando a xícara e o vidro quase vazio, deixando face a face as presumíveis culpadas.

A empregada chorava lamentando-se. Dona Marta procurava recordar o que se tinha passado durante a noite. Uma certeza se afirmou no seu espírito, mas estremeceu com o que ia dizer. No entanto era necessário sair dessa dúvida horrível, e com voz incerta interrogou a criada.

— Foi você, não é verdade, Maria, quem aumentou a dose?

— Não senhora... afirmo sinceramente — e torcia as mãos com desespêro.

— No entanto, alguém mexeu nêsse vidro, — continuou a senhora. O resultado é evidente... indiscutível...

— Não fui eu, — exclamou Maria com violência. Dei o remédio das nove horas na sua frente, uma colherinha, como êle mandou... Depois a senhora exigiu que eu fôsse deitar... e dormi sem me acordar até de manhã...

— Maria! Você está mentindo!... sabe bem que está mentindo!...

— Mentindo? O que quer dizer com isso?

— Você esteve no quarto essa noite...

— Eu?

— Sim... você!...

— Não... não!...

— Eu vi... você levantou-se e veio... eu vi!

— Não... A senhora enganou-se!

— Escute, Maria... Não receie coisa alguma... confesse...

— Nada tenho a confessar...

— Maria, esta noite, eu ouvi rumores abafados, passos cautelosos e uma sombra na parede... Tive um mêdo horrível... Mas depois pensei que talvez fôsse você que em silêncio tivesse vindo saber notícias da doente... E era você... Lembra-se quando confirmou no seu quarto?

— Confirmei... no meu quarto?

— Sim... para me tranquilizar... Lembra-se, fui ao seu quarto, você estava levantada... e respondeu-me sem hesitação... Por que quer negar agora? E' muito tarde para isso...

— A senhora sabe perfeitamente que tudo isso não é verdade. Dormi como um chumbo até de madrugada, sem acordar uma só vez... Meus Deus! Tenha piedade de mim!

— E no entanto alguém é culpado! Por que não confessa? Tem mêdo da expiação?

— Nada tenho a confessar e nada a expiar!... A senhora sòzinha viu morrer minha patroa... De que me serviria cometer êsse crime... Não sou a herdeira!...

— Cale-se, desgraçada!

Lívidas desafiavam-se com os olhos. Cada uma convencida da culpabilidade da outra. Dona Marta compreendeu que nada conseguiria dessa mulher. Achou melhor passar um telegrama ao marido. Foi até a porta. Fechada. O doutor fechara-as ao sair. Acusadas!... Uma grande revolta dominou-a. Santo Deus! O que irá acontecer?

A porta abre-se e entram o doutor, o inspetor de polícia e dois agentes. Fizeram perguntas breves e incisivas. Dona Marta defendeu-se com energia. Relatou o mêdo que sofrera durante a noite, suas suspeitas, e enfim sua quase certeza. Maria chorava e desesperava-se com acentos de tão grande sinceridade que deixou os homens perplexos. Estavam certos que uma das duas era a culpada. Qual!?... A investigação revelaria.

Saíram o inspetor e o médico deixando na câmara mortuária os dois agentes vigiando as duas suspeitas.

Dona Marta acalmou-se. Estava certa de que não poderiam duvidar da sua palavra. Sentou-se, altiva, com um ar de desafio nos olhos. A empregada chorava continuamente. Os agentes insensíveis pareciam coxilar. A morta no seu leito acusava... sinistra. O médico voltou e colocou a taça e o vidro na mesa de cabeceira, no mesmo lugar, para reconstruir a cena. O «abat-jour» continuava com sua luz tranquila. O silêncio pesava cheio de angústia.

Um estalo resoou; um arrastar cauteloso também se fêz ouvir. Dona Maria voltou-se e ia falar quando um dos agentes segurou-lhe o pulso impondo silêncio. Uma sombra apareceu inquieta por detrás da cortina, olhou atentamente para os personagens reunidos, e vendo que não se moviam... atreveu-se. Foi até a mesa de cabeceira, verteu o conteudo do vidro na taça derramou depois na boca da morta...

Um grito de alívio desafogou aquelas almas oprimidas. A verdade impunha-se luminosa. Era um macaco, o último favorito de dona Rosalina, que vinha cuidar da sua protetora. Escondido no fundo do quarto, atrás da cortina, na sua semi-inteligência, observara todos os gestos da empregada e do médico...

Tudo aparecia perfeitamente claro. Até o acesso de sonambulismo da infeliz criada, provocado, explica o doutor, pelo excesso de fadiga.

Dona Marta pode enfim render as últimas homenagens à sua tia, que mesmo depois de morta, com as suas excentricidades, quase lhe arruinava o resto da vida



MUITÍSSIMO MELHOR

é a proteção da pele do bebê com um produto medicinal, cientificamente preparado, a um simples talco boratado!

Proteja o seu bebê contra os incômodos do calor (brotoejas, assaduras) com o inimitável...

Polvilho Antisséptico



GRANADO

UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SÍMBOLO DE CONFIANÇA



Paris criou as Essências dos produtos Paineiras

PERFUMARIA PAINEIRAS

RUA S. FRANCISCO XAVIER, 862 — EDIFÍCIO PRÓPRIO — Tel. 43-1823

PEDIDO PARA O INTERIOR

CASA FACHADA — M. CABRAL — PERFUMARIA LOPES

JÚLIO LOUZADA MÍSTICO E...

(Cont. da pg. 26)

novas guerras, sem a tristeza confrangente da fome que assola os lares humildes?

Ainda não cessou, na face da terra, o matraquear das metralhadoras, o troar dos canhões. Na tendária China de Confúcio, na venerável Grécia de Sócrates, na heroica Espanha de Lorca e na Coréia indomável, milhares de criaturas são sacrificadas porque falam em independência.

Ainda não cicatrizaram as chagas dos que conseguiram regressar dos campos de batalha da última guerra mundial!

Ainda está manchada de sangue a arena onde se desenrolou a peleja. As mães, as irmãs, as espôsas e as noivas ainda conservam o luto pelos seus entes queridos que tombaram no cumprimento do dever.

E já se fala em nova guerra mundial. A humanidade está cansada de guerras. Por isso, hoje, genuflexa, com o coração anelante, ao transpor o limiar do Novo Ano, ora, pedindo ao Todo-Poderoso — Paz: sòmente Paz.

Mandai, Senhor, a paz tão almejada. Não vireis trazê-la, no entanto, como prometestes; pois os poetas como Vespasiano Ramos temem pelo vosso regresso:

«Prometeste voltar, não voltes, Cristo
Serás prêso de novo às horas mudas,
Depois de novos e divinos atos.

Porque na terra deu-se apenas isto:
Multiplicou-se o número de judas
E vai crescendo a prole de Pilatos.»

ORAÇÃO PARA OBTER UMA GRAÇA

O! Santa Padroeira dos necessitados, Santa Rita, cuja intercessão junto de Deus é quase onipotente, e que pela Vossa generosidade em obter graças, fostes chamada a advogada dos desesperados e dos fracos; Santa Rita, tão humilde e pura, tão paciente e mortificada, cheia de tanta compaixão e de amor, pelo Vosso Jesus Crucificado, que dÊle pudestes obter tudo o que desejastes, para todos os que, cheios de confiança, a Vós recorrem, esperando, senão a completa libertação, ao menos algum alívio; sêde propícia à nossa suplica, mostrando que pelo Vosso auxílio aos Vossos devotos, o poder que tendes diante de Deus; sêde generosa para conosco, como o fostes em tão maravilhosas circunstâncias, para a maior glória de Deus, a difusão do Vosso culto e o consôlo de quantos em Vós confiam. Se o nosso pedido fôr atendido, nós Vos prometemos glorificar fazendo conhecer o Vosso favor, bendizer-vos e cantar Vossos louvores para sempre.

Confiados nos Vossos merecimentos e no poder que tendes junto ao Coração de Jesus, nós Vos suplicamos, atende-nos... (indicar a graça desejada). Ouvi os nossos pedidos:

Pelos singulares merecimentos da Vossa infância.

Pela Vossa perfeita união com a Divina Vontade.

Pelos Vossos heroicos sofrimentos durante a vida conjugal.

Pela alegria que sentistes com a conversão de Vosso espôso.

Pelo Vosso ato de preferir a morte dos filhos, a vê-los ofender a Deus.

Pelo Vosso miraculoso ingresso no convento.

Pela Vossa rigorosa penitência e sangrenta flagelação — três vêzes ao dia.

Pelas dores ocasionadas pela ferida do espinho da coroa que recebestes de Vosso Salvador Crucificado.

Pelo amor divino que Vos abrasava o coração.

Pela Vossa grande devoção ao SS. Sacramento, com o qual Vos sustentastes durante quatro anos, sem precisar doutro alimento.

Pela felicidade com que deixastes os sofrimentos da terra para Vos unir ao Divino Espôso.

Pelo exemplo de perfeição dado ao mundo em todos os estados da vida.

Rogai por nós, ó Santa Rita, para que sejamos dignos das promessas de Cristo.

ORAÇÃO

Ó Deus que na Vossa infinita bondade Vos dignastes olhar para a prece de Vossa serva Santa Rita, concedendo pela sua intercessão o que é impossível à humana previdência, à indústria e ao esfôrço, como prêmio da Sua firme confiança nas Vossas promessas: tende piedade de nós em nossa adversidade e ajudai-nos em nossa atribulação, a fim de que os incrédulos possam conhecer que Vós sois a recompensa dos humildes, a defesa dos devotos, a fôrça dos que em Vós confiam.

Por Jesus Cristo Nosso Senhor — Amen.

Mães carinhosas... e previdentes

confirmam com orgulho:

para as crianças do Brasil só o TÔNICO INFANTIL



Tudo quê o delicado organismo infantil exige no período de crescimento... cálcio, fósforo, sais minerais e vitaminas — está incluído na fórmula especial do TÔNICO INFANTIL! Para que seus filhos cresçam sempre fortes, alegres e sadios, dê-lhes o fortificante certo e eficaz: TÔNICO INFANTIL!

O único de fórmula especial para crianças

Detective em férias

(Cont. da pág. 32)

— Não é tanto assim. Apenas aprendi a defender-me.

O rapaz levantou-se e ràpidamente atirou-se à Peggy.

— Defenda-se.

Ainda não a tinha atingido e a moça já estava de pé e com um golpe o atirou ao chão.

— Ligeira, hein? — disse êle sem conter a surprêsa. Apare êste...

E novamente o nosso herói foi ao chão sem que a nossa heroina sofresse qualquer dano. Outras quedas se sucederam, pois o rapaz, embora principiante nas lutas, era, todavia, teimoso. Finalmente, cansou da brincadeira.

— Perdi, minha filha. Você é bem mais rápida do que eu e conhece melhor os golpes.

— Já sabe que em mim nem tudo é apenas aparência. Sei defender-me.

— E como! — disse êle respirando com dificuldade. — Convido-a a almoçar comigo, aceita?

— Devo almoçar no meu hotel. Mas se você faz questão de minha companhia, convido-o para o almôço.

— Você está habituada a "bancar" o homem? Repare bem para mim. Acha-me com aspecto feminino? Seria esta a primeira vez que tal aconteceria.

Para não melindrar o rapaz, Peggy aceitou o seu convite para o jantar. Envergando um elegante, conquanto simples, vestido de noite, a moça o encontrou no hall do hotel e que naquela época do ano não regorgitava de hóspedes, ao contrário.

— Eu gostaria de saber alguma coisa a seu respeito — disse êle gentilmente. — Até agora, não tinha eu sentido tanto interêsse por nenhuma das garôtas que aqui têm vindo. Desde o primeiro momento em que a vi deitada sôbre a areia, flexivel e resistente como uma lâmina de aço e tão bela quanto uma criança, disse de mim para mim: Ai está a mulher dos meus sonhos. Aquela que desejo para o resto de minha vida. Possuo um palacete aqui perto. Minha familia...

— Interessante — interrompeu Peggy. — Não sabemos nem os nossos nomes...

— Não diga! E não é que nem nos apresentamos? — ergueu-se diante de Peggy, e: — William Anderson... seu eterno admirador...

— Muito obrigada — respondeu a moça imitando o gesto de Anderson. — Peggy Stone, às suas ordens.

— Obrigado. Como eu estava dizendo, possuo um palacete localizado no lugar mais aprazivel desta ilha. Por enquanto, resido com meus pais em nossa mansão. Tenho um laboratório onde faço minhas experiências quimicas e embora tenha terminado um curso completo de medicina, não professo por falta de clientes. Por êstes lados ninguém gosta de adoecer, salvo de velhice. Agora, fale-me de você.

— Bem. Minha vida não tem sido muito interessante. Fiz um curso de advocacia mas, como você, não professo. Estudo tudo quanto me vem às mãos e se você não se opuser, gostaria de ver o seu laboratório, porque também sou apreciadora da quimica.

— Está às suas ordens. Amanhã virei buscá-la. Meu laboratório está instalado no sub-solo do meu palacete.

Peggy recolheu-se àquela noite, inteiramente satisfeita consigo mesmo. O rapaz a impressionara até certo ponto. Lavara-a até ao hotel mas não tentara beijá-la, mantendo para com ela um grande respeito. A detective estava ansiosa por conhecer o laboratório.

Entrando em seu apartamento, a moça acendeu a luz. Na pequena sala tudo parecia em ordem. Passando para o quarto, sentiu um cheiro estranho e quando acendeu a luz não conteve um gesto de desagradável surprêsa diante do quadro inesperado que se lhe apresentou: sôbre a sua própria cama estava deitada uma moça e não foi preciso olhar duas vêzes para saber que se tratava de um cadáver. Um buraco bem no meio da testa não deixava qualquer ilusão quanto a "causa mortis" e o cheiro que Peggy sentira antes era de pólvora queimada.

Quem a teria colocado ali? Por que teriam escolhido logo o apartamento da moça para se desfazer do cadáver? Peggy não compreendia porque lhe faziam aquilo. Aproximando-se da vitima, a detective tomou-lhe o pulso, constatando que sua pele não estava fria, o que indicava ser o crime bem recente. Não teria meia hora e pelo cheiro de pólvora registrado pelas narinas sensíveis da moça,

possivelmente não faria mais de um quarto de hora que o tiro fôra disparado. Cuidadosamente, a moça examinou o quarto, revistando a seguir o corpo da vitima. Por dentro da saia, num bôlso dissimulado, Peggy encontrou uma pedra que lhe pareceu um diamante. Apanhando sua máquina fotográfica, Peggy desceu as cortinas e bateu algumas chapas do cadáver. Estava certa de que ninguém que estivesse observando do lado de fora teria visto o clarão do magnésio queimado. Agora, o problema era se desfazer do cadáver. Apagando a luz, Peggy abriu uma janela e olhou para fora. A escada de incêndio estava colocada na outra janela. A moça passou a examinar as possibilidades de passar por ali. Seu apartamento estava situado no terceiro andar. Sob êle, no segundo andar não morava ninguém. Seria fácil transportar sua carga macabra para ali.

Examinando mais uma vez as feições do cadáver que indubitàvelmente era o de uma nativa, a detective reconheceu que era uma bonita moça e sentiu grande pena de sua sorte.

Tomando com cuidado o cadáver, Peggy o transportou até a janela onde o apoiou, passando em seguida para a escada por onde desceu até o segundo andar. Depositando sua sinistra carga sôbre a escada tentou abrir a janela, verificando com satisfação que esta não estava trancada. Foi-lhe fácil transportar o cadáver até à cama, onde colocou-o do mesmo modo, que o encontrara na sua própria cama. Quando tudo lhe pareceu em ordem, ela voltou pelo mesmo caminho, fechando a janela do mesmo modo que a encontrara.

Felizmente, o seu travesseiro não ficara manchado de sangue, mas mesmo assim Peggy tirou-lhe a fronha. Restava esperar o dia seguinte para ver o que aconteceria. Apanhando a câmara portátil para revelação de filmes, Peggy foi para o banheiro, acendeu a lâmpada vermelha que sempre a acompanhava e tratou de revelar as chapas que batera. Uma hora depois, o liquido revelador apresentava os contornos das fotografias: nitidas e perfeitas. Guardando seus apetrechos, Peggy decidiu deitar-se, adormecendo logo em seguida.

A manhã estava bem diferente da anterior. Um sol timido brilhava no céu levemente acinzentado. A detective acordou à hora do costume e depois da breve toilette desceu para a refeição matinal, encontrando Anderson à sua espera.

— Que madrugador!

— Foi em sua honra. Bastava pensar em você para que a cama me parecesse insuportável. Vamos ao laboratório?

— Você vai me perdoar, Anderson, mas só poderei fazê-lo depois do almôço. Tenho algumas cartas para responder e gosto de escrever pela manhã.

Em verdade, não era bem êste o motivo por que a jovem deixara para mais tarde essa visita ao laboratório. Seu desejo era estar presente no momento em que o cadáver fôsse descoberto.

Sua curiosidade não durou por muito tempo. Uma das arrumadeiras desceu a escada aos gritos, dirigindo-se ao gerente:

— Encontrei... encontrei... — repetia ela convulsa. — Encontrei a menina Ula, na cama do apartamento do segundo andar, 25. Fui sacudi-la para acordá-la e... ela estava... estava... gelada... morta... — terminou, cobrindo o rosto com as mãos

O gerente olhava estùpidamente para a empregada, sem saber o que fazer ou dizer. Finalmente, falou:

— Ula morta no meu hotel? Que diabo fazia ela aqui? Mil raios me partam. Nunca aconteceu tal coisa. A ilha é tão grande e vão logo escolher o meu hotel.

William Anderson, que antes segurava a mão de Peggy, largou-a automàticamente e foi se aproximando da arrumadeira que mais aliviada soluçava baixinho.

— Ula está morta? Apartamento 25?

Antes que alguém fizesse qualquer coisa êle atirou-se pela escada acima. Em menos de um minuto entrava pelo quarto, agora seguido de perto pelo gerente e Peggy.

— Ula! — gemeu Anderson, prêsa de imensa dor. — Minha Ula.

— Ei! moço. Por que faz isso? Não foi você que a matou? Todos na ilha sabem do seu amor com essa nativa. Por que a matou?

— Você é um idiota. Como eu poderia matar a uma jovem a quem tanto amava?

— Responda ao delegado, quando êle lhe fizer esta pergunta.

— Perdão — disse Peggy ao gerente. — Não faça acusações apressadas. Deixe isso para o delegado. Onde anda o detective do hotel?

(Cont. no próximo número)

NA MECA DO ESPIRITISMO

(Cont. da pág. 18)

des, não estava entendendo o que se dizia. Perguntamos depois por que não usar termos mais compreensiveis, já que quase tôdas as mensagens psicografadas também são do mesmo estilo. Responderam-nos que aquela era a linguagem usual dos espiritos em comunicação com os kardecistas por apresentarem uma evolução altamente aperfeiçoada. Isso não impede que, ao se tornar necessário, êles empreguem frases mais diretas. Quanto aos assistentes de instrução ainda não à altura do praticado, eram pessoas mal orientadas, que procuravam o centro apenas atrás de receituários para seus males fisicos, ou curiosos, ou mesmo interessados na doutrina e que só poderiam progredir à força de assistirem às reuniões onde deveriam assimilar o espirito da obra nos minimos detalhes.

Exemplificando, disseram-nos que seria inútil a um na instrução entre os homens existem geralmente três estágios sucessivos de educação: o primário, o secundário e analfabeto cursar aulas de teoria atômica. Assim como o superior, também na doutrina espirita há diferentes e apropriados aprendizados, condizentes com o aperfeiçoamento de cada um. O espiritismo kardecista, também conhecido como cientifico, tem como finalidade, além da assistência moral e material aos necessitados, independente do credo, raça, côr ou classe social, a pesquisa e a explicação cientifica de tudo o que acontece, no campo material e psiquico, para melhor compreensão dos objetivos da humanidade e divulgação da necessidade de viver segundo os mandamentos do Senhor, bastando para isso seguir apenas aquêle que diz: «Amai-vos uns aos outros».

Existe em Belo Horizonte o hospital espirita «André Luiz», recente instituição de caridade, onde tôda assistência é proporcionada de graça, vivendo à custa de dois mil sócios contribuintes, às voltas com o problema da séde própria para construção de uma clínica suficiente ao grande número de indigentes, e onde todos colaboram espontaneamente em pról do auxilio ao próximo. Essas obras de caridade constitue a pedra angular da finalidade terrena do espiritismo. Tôda a família espirita «dá de graça o que recebe de graça», aludindo-se ai às receitas recebidas para os doentes em trânses mediúnicos. Quanto ao resto, procuram êles convencer os outros que apesar de contarmos com apoio superior, Deus nos deu vontade própria e livro arbitrio para sermbos os construtores e responsáveis do nosso aperfeiçoamento, intervindo os espiritos luminosos apenas quando assim está determinado. Através das dificuldades e da dor, os homens devem evoluir até o plano de dignidade que lhes dará a paz espiritual. E na terra que os homens adquirem méritos: sem exemplos nobres, inútil será a passagem pelo planeta. Devido ao grande surto industrial e cientifico do nosso século, à extraordinária evolução de certas elites, dizem os espiritas, baseados em mensagens mediúnicas que estamos às portas do milênio da Luz, o terceiro milênio da éra Cristã.

Um dos responsáveis por grande parte das revelações é o espirito que se assina Emmanuel, guia espiritual de Chico Xavier. Disseram-nos que sob o pseudônimo de Emmanuel, se esconde uma personalidade que entre outras encarnações teve a de Públio Lentulus, senador romano, legado de Cesar na Palestina ao tempo de Jesús de quem assistiu o julgamento. E tantas outras coisas nos foi dado ouvir, mas que não vale a pena tornar públicas por levantarem com tôda certeza, protestos e incredulidades, os mesmos que teriam os trogloditas se lhes falassem de aviões a jato, rádio-televisão, fôrça atômica, eletricidade e as outras maravilhas do século XX. Repetimos: assuntos transcedentais para a nossa inteligência e que sugerem o aviso: «Acredite se quizer».

MACUMBA

(Cont. do número anterior)

E' conversa falada por bôca do povo, que Dalva é noiva de um doutor bem parecido, da capital. Que no fim do ano, o homem vinha para se casar, tornar-se dono da fazenda, ser seu patrão. Mas, êle fêz tratos com pai de santo, vai receber proteção dos orixás. Quando o doutor der tento, êle já palmilhou a estrada, estará longe dali.

A claridade aponta no horizonte, o céu muda de feitio. Fica só a estrêla Dalva como recordação da noite que se vai. Tonho queria aquela estrêla para oferecer à noiva no dia do casório. Mas o astro está muito distante, a mão dos homens não a alcança. Nem pai Cipião dá um jeito. As estrêlas pertencem a Deus. Coisas de Deus são sagradas.

Tonho toma o caminho que o separa da casa grande, no centro da fazenda. Pisa largo gastando a distância, o bento firme na mão, o pensamento na filha do coronel. Só êle vai machucar seus lábios carnudos, sentir a quentura do seu corpo. Nenhum doutor vai casar-se com ela, não. Êle fêz tudo como mandou pai de santo. De mandinga ninguém escapa.

Dalva já o deve estar esperando para os dois furarem juntos a estrada que descamba morro acima até encontrar com o céu no alto da encosta. Nessa hora, ela já tomou assento na beira da cama, aguarda sua chegada para a união. Com o calor, as janelas devem estar abertas, vai ser fácil entrar na casa do coronel.

Tonho se acocora numa moita e olha ao redor antes de abeirar-se da moradia da amada. De manhãzinha é a hora melhor do sono, devem estar todos dormindo, não se vê alma vivente.

O vaqueiro põe o corpo a descoberto e dá uma espiada no interior da casa. Lá dentro o dia ainda não chegou. Vai pular a janela, quando os diabos dos cachorros, forçam a corrente, ladrando ruidosamente. Solta uma praga. Quer cuidar de sumir mas se lembra do bento que leva na mão seguro por cinco dedos. Salta resoluto — desgraça com êle, não tem vez.

O coronel desperta com o barulho dos cães. Será o doutor Ferreira? Qual! Não é, não. Não são horas de ninguém fazer visitas. Além disso, os cachorros conhecem o cheiro do corpo do compadre; não faziam alarme.

O fazendeiro palmeia o 44, arma no prumo. Sai pisando manso até a sala. Aperta os olhos na escuridão. Vê um vulto para os lados do quarto de sua filha. Aponta. Solta fogo.

Tonho sente a proteção furando as costas, querendo morada no seu corpo: a felicidade que o bento encerra por graças dos orixás...

LUSTRES DE CRISTAL
de 26 das melhores fábricas européias para todo o Brasil
Nilo Ribeiro seleciona cuidadosamente, para sua importação diréta o que de mais moderno, elegante e artístico a Europa produz em lustres de cristal fino para ornamentar a sua residência.
VENDAS A VAREJO POR PREÇO DE ATACADO
— FACILITA-SE O PAGAMENTO —
Não comprem sem visitar nossa exposição, onde encontrarão técnicos para qualquer orientação
EXPOSIÇÃO DAS 8 ÀS 22 HORAS
DEPÓSITO E EXPOSIÇÃO:
GALERIA SÃO PEDRO
AV. PRINCÊSA ISABEL, 126-D ★ FONES 37-1200 E 37-3428
JUNTO AO TÚNEL NÔVO

Para qualquer ponto do Brasil e a Buenos Aires
SERVIÇOS AÉREOS CRUZEIRO DO SUL LTDA.
Av. Rio Branco, 128
Informações - Tel. 42-6060

A SAÚDE DO BEBÊ

BENEFICIOS DA LUZ, SOL E AR

DR. SABOIA RIBEIRO

A preocupação de conservar a saúde da criança — temos ensinado repetidamente nesta secção — não deve consistir apenas numa estrita observância do horário das mamadas ou na maneira do preparo das mamadeiras, embora ambas de fundamental importância para aquêle fim. A boa tolerância do alimento, nos primeiros tempos, pode ser, de fato, prejudicial por motivo de taras orgânicas do bebê, que assim já vêm à luz com uma particular tendência às moléstias e notadamente as do aparêlho digestivo e suas repercussões sôbre a nutrição. Daí a importância tão grande de uma assistência pré-natal, que poderá, em tempo, conjurar tais consequências, a influirem sem dúvida, poderosamente, no quadro da mortalidade infantil. Mas, a êsse fator, que precede ao nascimento, acrescem outros que comprometem a saúde do bebê, e que pairam acima da alimentação em si mesma. A preocupação, hoje, do pediatra, não se resume, apenas, na pura observação da curva do pêso ou do caráter das fézes, pois êsses dados só revelam a normalidade da criança se acompanhados, por outro lado, da normalidade das funções estáticas e motoras, do tonus e do turgor, côres e desenvolvimento satisfatório do seu sistema osseo.

Ora, em tais condições, existe uma higiene do latente que favorece a essa normalidade, e entre os primeiros cuidados estão os que representam a ambiência da criança, onde o sol, ar e luz entram sempre na primeira plana. A reclusão da criança, privando-a da influência benéfica dêsses fatores da natureza, só por si explica muitos estados da moléstia sem que se possa incriminar, porém, a simples alimentação.

Muitas manifestações da anemia não encontram outra origem, pois se melhoram, em muitos casos, com a simples administração de ferro e frutas e legumes, acrescidos na alimentação, sòmente com a prática dos banhos de luz ou de sol, em outros casos, logram uma cura perfeita. A vida ao grande ar da criança é uma recomendação que se deve entender, pois, como um convite a êsse constante cuidado, para que lhe não falte, sob certas reservas, nenhum daqueles elementos necessários a su melhor desenvolvimento, e que a alimentação não supre por si sòmente.

O sistema ósseo é particularmente prejudicado com a vida reclusa da criança. Sob o seu influxo benéfico forma-se a vitamina D sob a pele, necessária nas condições habituais de vida à incorporação, no osso, do fósforo e do cálcio, dando-lhe a característica dureza. Dêsse modo, pode a criança ser atingida pelo raquitismo (que essencialmente consiste na ausência daquela vitamina no organismo da criança, tornando impossível a incorporação, no osso, do fósforo e do cálcio), e vamos dizer mesmo que a essa perturbação se ligue, em certos casos, o atraso da dentição e da marcha.

O raquitismo na criança pode ser, assim, não o resultado da falta, na alimentação da criança, ou do fosforo ou do cálcio, mas da ausência de sol. De maneira que a criança que vive em aposentos fechados, onde sua luz não entra, fica frequentemente exposta a essa afecção, nos seus graus mais diversos, bem assim aquelas envoltas em muito agasalho não permitindo, dêsse modo, o contacto com sua luz benéfica.

A criança, portanto, deve ser exposta aos raios solares, evidentemente melhor o das primeiras horas e até nove horas, estando ou despida, ou pelo menos tronco e membros nús, protegida a cabeça com um chapéu leve. Não poucas crianças anêmicas e ventrudas, cabeça grande e fronte saliente, estão apenas a reclamar tais cuidados de vida ao grande ar. Muitas vêzes um sinal já se mostra na moleza do tíbia, o que se verifica, tomando-se êsse osso, com uma mão, na parte inferior, e a outra, na parte superior, e notando-se uma certa flexibilidade ao invés da natural rididêz. Muito verdadeiras estas palavras de um eminente puericultor: «A criança é como a planta: colocada na natureza, vinga por si mesma. Mas, como ser natural, o infante não dispensa um meio favorável, onde haja luz, ar puro e sêco. O sol é o grande amigo da saúde. O exigênio, o gás da vida».

CORRESPONDÊNCIA DAS MÃES

F.C. — Nesta. — Sim, deve vacinar seu filhinho, pois eximir-se a essa obrigação é concorrer para um grande mal social. Os acidentes são raros e sòmente por defeito de técnica, com incisões profundas em lugar de simples e superficiais escarificações que não sangrem. Outro cuidado: a criança deve estar gozando boa saude e não ser portadora de eczemas.

O melhor tempo é por volta do 4º mês e no inverno.

I.N. — Taubaté. — Deve dar 1 vêz no dia a seguinte mistura: Caldo de laranja 20 gramas: polpa de tomate e suco de cenoura 10 gramas de cada, caldo de limão e água 5 gramas de cada. Adoçar e passar em peneira fina e esterilizada, dar às colherinhas.

D.S. — Nesta — Depois do 6º mês vá substituindo o sêio à razão de 1 mamada por mês. 5 refeições. Horário de 3 1/2 em 3 1/2 horas. Ao 7º mês de mingau de leite e farinha, e 1 sopinha de legumes. Ao 8º, dê 2 mingaus e mantenha a sopinha, que então já deverá ser preparada em caldo de carne magra, e engrossada com farinhas.

NOTA: — Qualquer correspondência sôbre a saúde de seu bebê, dirigir à REVISTA DA SEMANA, com menção desta secção, ou seja, SAÚDE DO BEBÊ, Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio.

A VIDA DE MADAME CHIANG-KAI-SHEK

(Cont. da pág. 45)

as contidas em qualquer filosofia mística do passado.

Triste ironia. Madame Sun, que durante a guerra civil se juntara aos comunistas, retornou finalmente a ela. O que ela previa como uma reunião na hora da maior alegria tinha se tornado una reconciliação na hora da mais profunda tragédia. A China estava afinal unida: não, entretanto, pelo poder do humanismo, mas pelas fôrças do barbarismo. Os chineses haviam sido compelidos a fazer mudanças da sua capital de maneira brusca: de Nanquim para Hankow, de Hankow para Chunquim. Ali em Chunquim, o último grande refúgio, tinham aberto cavernas nas rochas por meio de explosivos, fazendo a população abrigar-se em subterrâneos. O sonho do Dr. Sun Yat-sen já não era o de um visionário. Transformara-se numa fortaleza de pedra, dura e prática, resistente à prova de sangue e de fogo.

Mas, uma vez conseguida a paz, que será do povo chinês? Madame Chiang profèticamente delineia a posição de uma China livre num mundo livre: «Estamos resolvidos a não mais permitir a exploração da China... a implacável e descarada exploração do nosso país pelo Ocidente no passado, e a ilusão difícil de extirpar de que o melhor meio de conquistar os nossos corações é dar-nos pontapés». A nenhuma nação e a nenhum invididuo, insiste ela, deve ser permitido «enriquecer» à custa de outras nações ou indivíduos. Tôdas as rendas imoredaras devem sofrer uma limitação, por meio de impostos progressivos, de modo a se tornarem saudáveis não só para os ricos como também para os seus semelhantes pobres. Porque «o excesso de riqueza devia pertencer à humanidade... Deve haver igualdade entre os povos e as classes... paz e harmonia entre as nações: roupa, alimento e habitação para os indivíduos». Aderindo aos princípios do Dr. Sun Yat-sen, a China deve se tornar parte integral no reajustamento democrático social das nações. «Fizemos jus ao nosso lugar nas primeiras fileiras pela nossa prolongada e indômita resistência à violência. Temos de conservá-lo desempenhando um papel mais importante na construção de um mundo melhor».

DATAS IMPORTANTES NA VIDA DE MADAME CHIANG KAI-SHEK

1899 — Nasceu em Xangai.

1908 — Vai à América com suas irmãs.

1913 — 17 — Cursou o Wellesley College.

1927 — Casou com generalíssimo Chiang Kai-Shek.

1934 — Iniciou, com seu marido, o Movimento de Nova Vida pela regeneração da China.

1936 — Efetuou a libertação do seu marido, que fôra seqüestrado por bandidos chineses.

1937 — 42 — Auxiliou seu marido na direção da luta do povo pela sua independência.

O CORAÇÃO FOI FEITO...

(Cont. da pág. 14)

a caixa toráxica esmagada e as costelas partidas. O mérico tratou de elevar os ossos que estavam afundados e defender o coração que parecia ter sido afetado gravemente. Mas, ao contrário do que pareceu, o coração do ferido suportou todo o pêso daquele desastre e ficou incólume. Cntràriamente ao que se julga, não são as mulheres que têm o coração mais sujeito a lesões em virtude de sensibilidades. Os homens são mais frequentemente cardíacos. São, grandemente, as vítimas da angina do peito.

O que mais surpreende nas chamadas «doencas do coração», é que elas não são, verdadeiramente, «doenças do coração». O que traz êsses nomes se refere aos vasos, artérias, veias que irrigam êsse órgão e que são atingidos. O coração pròpriamente dito, é infinitamente mais robusto.

Há cinco maneiras de ser cardíaco. Eis o que nos dizem as estatísticas, pelo menos no que concerne à França, de onde colhemos êstes comentários:

Angina do peito	40%
Estreitamento mitral	20%
Hipertensão arterial	20%
Flebites	10%
Arterites	7%

Os 3% restantes podemos deixar para as doenças congênitas. E' exato que, além dos males citados, há outras moléstias do coração que, sem serem mortais, não são menos dolorosas e graves. A mais dolorosa e a mais perigosa é a angina do peito. A mais comum às mulheres jovens: o estreitamento mitral. A mais comum e menos conhecida: a ripertensão. A mais rápida: a flebite. A mais «distinguível»: a arterite. Está a França à frente da cardiologia em 1950. Foi Paris a capital escolhida para sede de seu primeiro congresso mundial. Foi ainda um francês, o professor Laubry que presidiu aos trabalhos cujo resultado principal foi a fundação de uma Sociedade Internacional de Cardiologia.

AQUELE ALI É PITIGRILLI

(Cont. da pág. 4)

Os postos típicos dos livreiros instalam-se à vontade, em armações de ferro que ao anoitecer são fechados a cadeado, guardando os livros para voltarem a ser expostos na manhã seguinte. Mas agora é dia claro, manhã ensolarada — e dezenas de cavalheiros se estendem pelas armações, escolhendo o seu livro ou simulando escolher, enquanto as páginas vão sendo viradas e reviradas.

Quando batemos a primeira chapa, um dos livreiros aproxima-se para saber, como sempre acontece, onde vai ser publicado o retrato. E quando lhe dizemos que isso será feito no Brasil, o homem até então pouco amavel, transfigura-se, abre-se num sorriso igual à claridade matutina e quer ser amavel:

— Para o Brasil... Magnífico! Temos muitos fregueses brasileiros... São bons clientes... Não regateiam... «Macanudos», os brasileiros...

Outro se aproxima. Ainda outro. E' um dêles que nos aponta, a pequena distância, um vulto esguio, de cabeleira branca, de sobrancelhas espessas e carranca fechada:

— Por que não «saca» uma foto daquêle «caballero»?

— E quem é êle?

— Pois não o conhece? Aquêle lá é Pitigrilli...

★

Sim, senhores. Pitigrilli, o da «Virgem de 18 Quilates» e «Cocaina», o dos livros excomungados, o da literatura erótica de tempos que vão distantes, lá está também, debruçado numa das montras, selecionando velharias e discutindo com o «comerciante». Vamos para mais perto. Deixamos que termine a escolha dos livros. Pitigrilli comprou um total de cem pesos de literatura velha, empilhou os volumes de alfarrábios, vai mandá-los buscar mais tarde — e encomendou outros para a próxima visita. Só então lhe dirigimos a palavra.

— Ás suas ordens... Tenho muitos amigos no seu país... Ao seu dispôr...

★

Em poucos minutos a palestra assume ares de bate-papo entre dois velhos cama-

TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES

NOVA TABELA

TIPOS DE PERFUMES	Essências 10 gr. Cr$	Extratos 50 gr. Cr$	Loções ¼ Cr$
Crepe A — Super	12.00	22.00	30.00
Madeiras A — Super ...	12.00	22.00	30.00
Rosa Natural — Super	13.00	22.00	30.00
Iasmin — Super	10,00	22,00	30,00
Violeta B — Super	13.00	22.00	30,00
Q. Fleurs — Super	15.00	25.00	35.00
F Amor — Super	15.00	25.00	35.00
Mitziko — Seter	18.00	25.00	35.00
Arp. S — Super	20.00	35.00	40.00
Tabac B — Super	25.00	35.00	40.00
Tabul — Super	25.00	35.00	40,00
Chan 5 — Super	25.00	35.00	40.00
Nuit N — Super	25.00	35.00	40.00
Cuir R — Super	25.00	35.00	40.00
Narciso N — Super ..	25.00	35.00	40.00
Pretx. Super	35.00	45.00	55.00
Rumores — Super	35.00	45.00	55.00
Escândalo — Super ...	35.00	45.00	55.00
Tabul GR — Super. ...	35.00		
Flor Maçã LF	50,00	70.00	90.00
Soupplesse LF	50.00	70.00	90.00
Biarritz LF	50.00	70.00	90.00
Monte Carlo LF	50.00	70.00	90.00
Arabesque LF	60.00	80.00	100.00
Heno del Campo LF ...	60.00	80.00	100.00
Casino LF	60.00	80.00	100.00
Violette Feuilles LF ...	85.00	105.00	125.00
La Rose Rougeatre LF	85.00	105.00	125.00
Champagne LF	60.00	80.00	100.00
Despesas Reembolso ..	9.00	9.00	9.00

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legitimos franceses

VENDAS PELO REEMBOLSO POSTAL

A Feira das Essências

Av. Marechal Floriano, 67 — Sob.

RIO DE JANEIRO

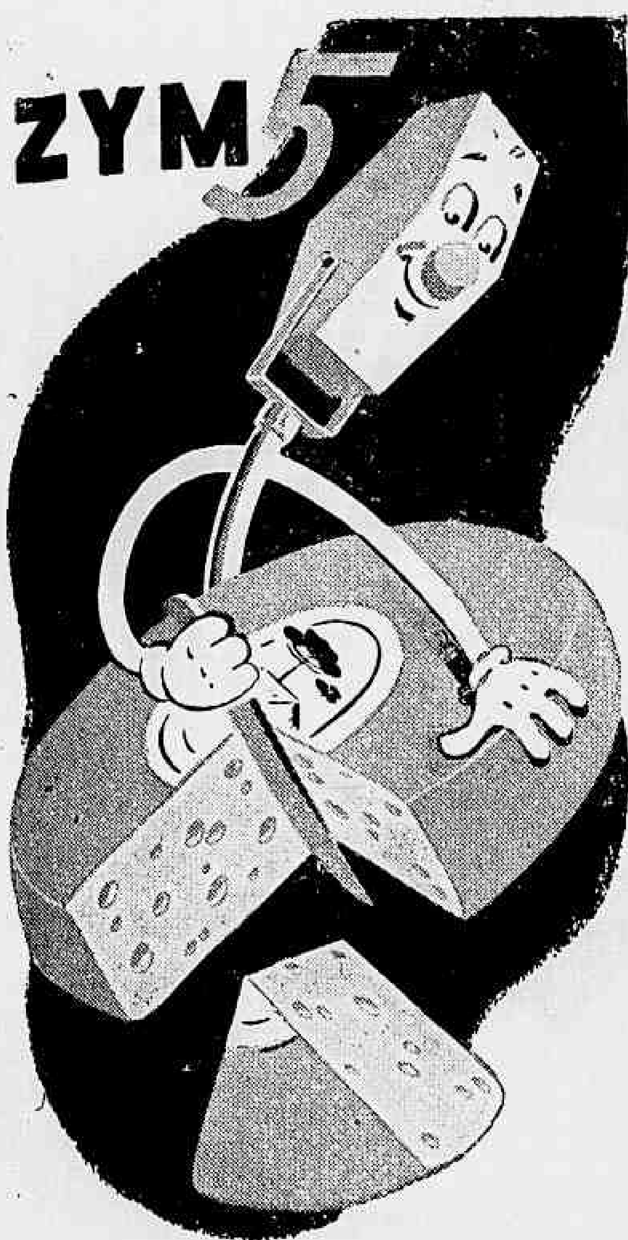
PRÊMIO NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO "SAPS"

Já contando três anos de existência, vai ser mais uma vez conferido o Prêmio Nacional de Alimentação SAPS, no valor de vinte e cinco mil cruzeiros, e destinado ao melhor trabalho apresentado relativo à alimentação, sob qualquer dos seus aspectos. Os livros enviados a concurso deverão conter mais de cem páginas datilografadas.

As inscrições para o Prêmio Nacional de Alimentação SAPS, de 1950, estarão abertas de 1 a 31 de Janeiro de 1951, podendo os interessados obter todos os esclarecimentos na Divisão de Propaganda do Serviço de Alimentação da Previdência Social, na Praça da Bandeira, 96, terceiro andar.

O preço de A CENA MUDA, para a venda avulsa, é Cr$ 3,00. Os agentes e revendedores recebem os pedidos com o desconto necessário para que o público não pague mais do que o preço de capa. Não se submeta a exploração. Tome uma assinatura que, por seis meses custa Cr$ 70,00; por um ano Cr$ 140,00. Registrada custa, respectivamente, Cr$ 85,00 e Cr$ ... 170,00.

Pedidos para a Rua Visconde de Maranguape, 15. Lapa — Distrito Federal.



No Rádio de CURITIBA, 75,7% dos ouvintes de Rádio são da

RÁDIO GUAIRACÁ

Sim senhor, iste é o que se chama estar com a faca e o queijo na mão!

Recente pesquiza de audiência levada a efeito em Curitiba, demonstrou que a ZYM 5, Rádio Sociedade Guairacá, possue 75,7% dos ouvintes da importante capital do Paraná.

Não para aí a influência e a preferência da ZYM 5, pois seus 10 Kw. de potência levam seus excelentes programas a todo êsse Estado sulino. E tal é a soma de serviços radiofônicos e o conceito de suas opiniões, que em S. Paulo e outros Estados, embora em menor intensidade, conta também a ZYM 5 numerosos e assíduos ouvintes.

Curitiba é hoje uma das mais importantes capitais brasileiras, cujo desenvolvimento em ritmo acelerado, tem suas bases na sólida prosperidade da produção e exuberância das terras de todo Estado.

Por essas razões, a Rádio Guairacá põe ao seu alcance milhões d consumidores numa das mais ricas regiões do país

Representantes no Rio de Janeiro
«SEURADICO» — Rua do México, 41
Fones: 32-1086 e 32-0356

A BELEZA DOS SEIOS

BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

radas. E não o seriamos, acaso? Quem acompanhou a obra de um autor, e inesperadamente encontra o autor, dando-se a conhecer, cai sem demora na sua simpatia. O encontro ao ar livre, junto ao Cabildo, onde as pombas fazem ninhos e são alimentadas por velhos de sobretudo usado e olhar triste — vai terminar no apartamento do escritor, em Paraná 317 — 6º B. Ali êle recebe o jornalista brasileiro, sem protocolos, simples como a sua literatura sem rebuscados, depois de uma ligação telefônica.

São instantes de boa palestra. Fala-se de tudo — da transição operada na literatura do escritor italiano que hoje vive em caráter efetivo na Argentina. Aqui encontrou ambiente para produzir, sem vexâmes nem constrangimentos. Suas crônicas — um palmo de coluna em que são ventilados temas de todas as especialidades — são publicadas em «La Razon» e reproduzidas em muitos jornais do país e do exterior. Também no Brasil. O «Diário da Noite», aí no Rio, serve aos seus leitores hàbitualmente as «tertúlias» de Petigrili, feitas com o seu senso de humor e uma erudição que não tem propósitos de catequizar ninguém. Outros jornais em S. Paulo, no Norte, no Sul, adquiriram direitos de exclusividade estadual. Pitigrilli fala com sinceridade e muito aprêço dos argentinos, da terra que o hospeda com fidalguia — mas não fala corretamente o castelhano. Sempre que é possivel, gosta de expressar-se em italiano ou em francês.

Infelizmente não há tempo para outros encontros. Essa primeira entrevista viverá outros capítulos. Quando? No próximo encontro. Onde?

E' Pitigrilli quem responde:

— Lá mesmo, no Brasil.

— Sim — e muito breve. Acabado de fechar contrato para uma série de conferências no Rio, em São Paulo e em Pôrto Alegre, três cidades que almejo conhecer e sôbre as quais muito tenho lido.

— E quando?

— Agora em março.

Acreditamos que o segundo capítulo da nossa entrevista com Pitigrilli venha a ser feito aí mesmo, no Rio, depois do Carnaval.

ASTÚCIAS DO ANTÔNIO

(Cont. da pág. 16)

mentável desgraça e feri-lo ainda mais com o meu sentimentalismo piegas?

Não. Fiquei mudo todo o tempo e não disse uma palavra, mas senti vivamente que uma só corrente de pensamento, naquêle instante dominava o cérebro de Antônio; era o mudo e reconfortante sentimento da amizade e do reconhecimento.

Quando voltei para o meu pequenino e solitário apartamento, abatido e acabrunhado como se eu próprio fôra o mísero personagem daquela feia história, senteime à minha velha poltrona e deixei-me ficar cismando sôbre a complexidade da vida humana e seus defeitos, querendo ver se descobria algum motivo plausível em Antônio, que por ventura houvesse originado a inexplicável atitude de Eliana.

Um estranho pensamento, porém, de súbito cortou-me aquelas reflexões. Corri ao telefone e disquei um número.

— «Alô! Alô! Antônio? Sim, aqui é o Carlos. Escuta, esqueci algo em teu apartamento e já me encaminho para aí».

Rápido desliguei, num suspiro de alívio. Havia de chôfre suspeitado que meu amigo Antônio, sòzinho no seu desespêro, poderia deixar-se dominar por algum pensamento extremo e praticar qualquer ato de mais trágicas consequências ainda. Assim, inventara aquele pretexto para lá voltar e talvez passar o resto do dia.

Antônio bebia um drinque quando entrei. Era o mesmo de pouco antes e apenas os olhos ensombreados denunciavam o seu estado de miséria social.

Tentamos conversar sôbre os mais variados assuntos, para não tornarmos ao fatal, sem contudo nos interessarmos por nenhum. E enquanto sustentavamos a tremenda batalha para não deixar cair o temido silêncio, fomos bebendo mais alguns copos, muito embora eu não tomasse mais que uns dois ou três. A situação, porém, exigia-o e assim conseguimos matar aquelas tristes horas que lentas se arrastavam e mais pareciam uma eternidade, ao fim das quais Antônio não podendo mais suportar o álcool e visivelmente embriagado, entregava-se aos seus terríveis efeitos.

Levei-o para a cama e vendo que dormia a sono solto e não me causaria mais preocupações até ao dia seguinte de manhã, quando lá eu voltaria, saí para a rua.

Foi então que recebi a moiar das surprêsas que decididamente estavam reservadas para mim naquêle aziago dia.

Eliana saltára de um carro à frente e ao ver-me, como se nada de grave tivesse acontecido, veio sorrindo para mim com aquêle seu modo tão encantador quão simpático.

Não sei se porque percebesse minha estupefação ou a palidez do meu rosto, parou de sorrir e encarou-me apreensiva, intrigada com a minha expressão de pasmo. Quando falou, eu não sabia mais dizer quem estaria louco, se eu ou ela. Ou todo o mundo.

— «Mas... Que houve, Carlos!... Antônio?!»

Sua voz aguda e nervosa retiniu-me aos ouvidos alguns intermináveis segundos, antes que eu me refizesse e pudesse raciocinar, perguntando-lhe duvidoso, já receando das minhas maltratadas faculdades mentais:

— «Você, Eliana!... Você! Não... deixou Antônio? Não... fugiu com Alípio?...»

Uma gargalhada sonora ecoou pelo comprido corredor do edifício, para onde, no meu aturdimento deixara-me levar.

— «Você está louco, Carlos! Ou bebeu? Aprendeu também a brincar com Antônio? Alípio... Há três dias veio despedir-se de nós. Deixou abraço para você. Antônio não lhe contou? Nada entendo do jôgo de vocês dois...»

E sùbitamente franzindo os sobrolhos, um ar de dúvida pairando-lhe nos lindos olhos expressivos e inquietos, inquiriu ansiosa:

— «Houve alguma coisa com Antônio?!»

Não me contive mais. Era demais o que estavam fazendo com os meus nervos. Atirei-me pelas escadas abaixo, sem nada mais compreender daquela história, enquanto ouvia a porta do seu apartamento bater.

No dia seguinte, quando ainda estava na cama, recebi um bilhete de Antônio, no qual, após pedir-me algumas desculpas, terminava:

«Foi tudo uma boa brincadeira que não pude deixar de pôr em ação, meu bom e velho amigo de sempre. Eliana havia ido a uma reunião da Legião de Assistência, da qual faz parte, como sabes, e eu aproveitei êsse grato ensejo para pregar-te uma boa peça nêsse 1º de Abril que há tantos anos não celebro condignamente, muito embora, para fazê-lo tivesse que tomar a tremenda carraspana de ontem e ficar sob teus prestimosos cuidados, o que agradeço de coração.

Aceita, pois, as intermináveis desculpas de Eliana, bem como as do teu amigo velho do peito

Antônio».

Seria preciso que convivessem com êsse meu amigo para compreendê-lo. Tive que rir. Antônio sempre foi um inveterado galhofeiro e aquela a sua maior pêta, na qual empregara de modo assombroso tôda a sua incrível habilidade e talentosa capacidade de fingir. E' um verdadeiro artista o meu amigo Antônio.

A VIDA DE HELLEN...

(Cont. da pág. 36)

paixão, ciúme e vingança, mas de fé, caridade e amor.

V

Durante um certo período de êxtase primaveril, Helen Keller experimentou o que é o amor de uma mulher por um homem. Anne Sullivan e John Macy tiraram umas pequenas férias, e um jovem veio servir-lhe de secretário. O amor zomba de tôdas as barreiras. O rapaz propôs-lhe casamento; e Helen, entregando-se à sentimentalidade, aceitou. "Por um breve espaço de tempo eu dancei dentro e fora dos portões do Céu, envolvida por uma teia de esplêndidas imaginações". Mas depressa acordou para a realidade. O amor físico, o casamento, as alegrias e as responsabilidades da maternidade, essas coisas não eram para ela. Devia contentar-se com aquêle seu mundo particular, cercada de seus sonhos e seus livros.

(Cont. no próximo número)

Produtos
MYSTIK
de
Mme Campos

Para Maquilage Científica - Rouge Facial em pó - Crême de Morangos - Crême Base - Loção e Crême contra espinhas

À venda nas boas casas
ACADEMIA SCIENTÍFICA DE BELEZA Mme. CAMPOS
Assembléia, 115 - 1.º Rio

CIRURGIA PLÁSTICA
Dr. Fausto Campos
Prática nas clínicas de Paris, Berlim, Londres, Milão e Viena.
CORREÇÃO CIRÚRGICA SEM DÔR DAS RUGAS DO ROSTO
Tratamento da pele e do cabelo
Assembléia, 115 - 1.º - Fone: 22-1701

"As crianças são as vítimas"...

...porque apanham piolhos de seus próprios companheiros.



Nêste caso, friccione logo NEOCID em pó e os piolhos morrerão em pouco tempo... Aplique o pó, que não irrita a pele e é absolutamente inofensivo.

Contra qualquer espécie de piolhos – use a latinha de NEOCID em pó

NEOCID

BANCO DO COMERCIO S. A.
FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça do Rio de Janeiro
Sede:
RUA DO OUVIDOR, 93-95
TEL. 43-8966
Agência no: DISTRITO FEDERAL e ESTADO DE SÃO PAULO
Seção Especializada para Guarda de Títulos e Valores
★
Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio.

CINEMA

GRÁFICAS DE CINEMA





JOSETTE DAY, a grande interprete do Amor no cinema, sob a égide de Cocteau e Pagnol, casou-se com Maurice Solvay, rico industrial francês, cujo nome está na Química e na Larousse. Ei-lo a presentear a espôsa com um valioso bracelete

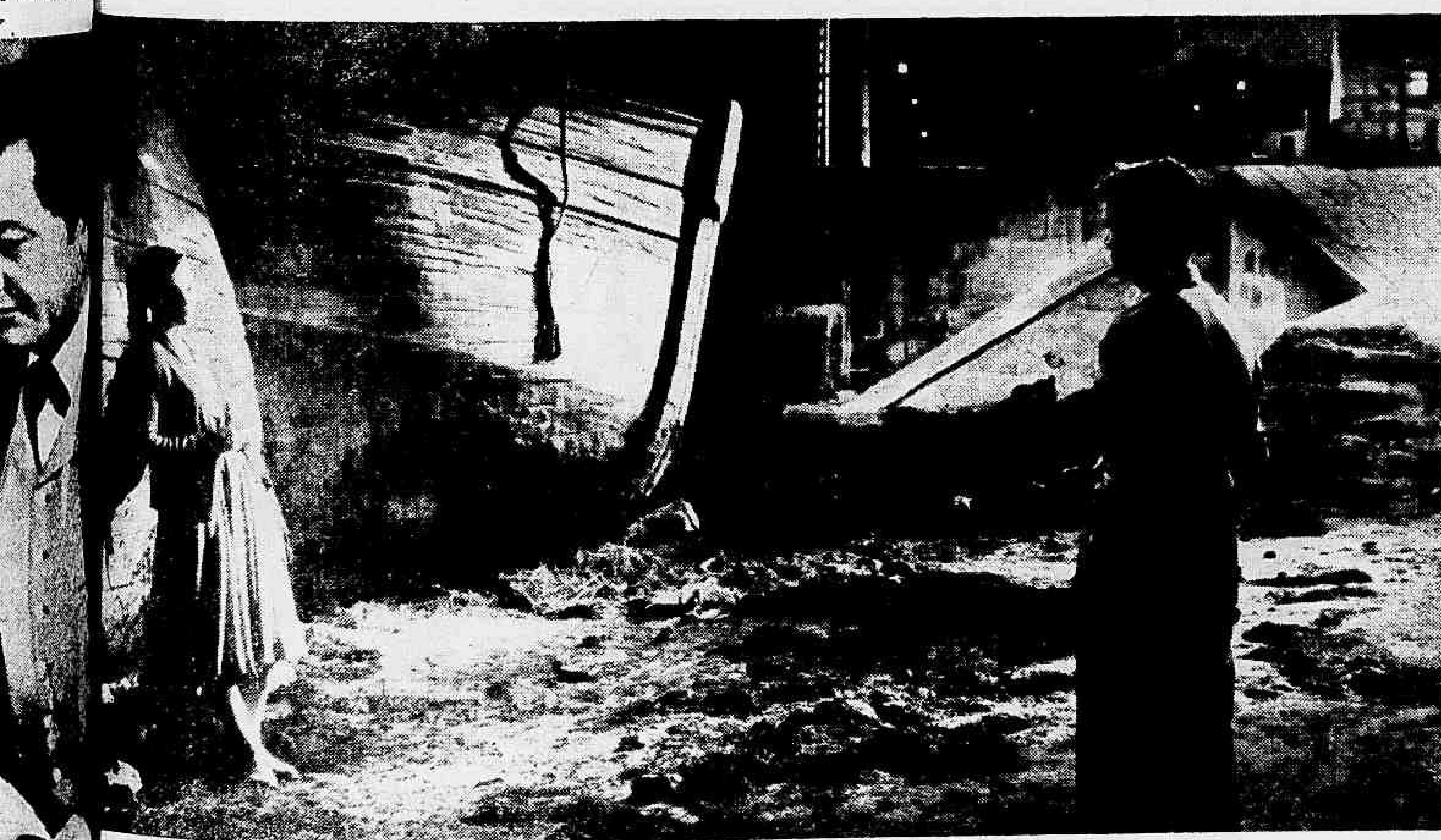


PARECE QUE a estrêla Jane Russell está sendo torturada; mas é engano. O aparêlho aos ombros apenas a alivia do peso do vestido de metal, pesando 10 quilos, na filmagem de «Macoa».

ROBERT YOUNG, no papel de Filippo Bosinney, ao lado de sua noiva e de uma amiga da mesma, que, atraida pelo astro, se vê tentada a trair June, desenvolvendo-se então uma luta de Amor.



ESTA ENCANTADORA morena que vemos ao lado de Jean Gabin, é a nova estrêla do cinema francês, Nicole Courcel, numa cena de «Paixão Abrasadora» da França Filmes do Brasil. Nicole tem à frente amplo futuro, é talentosa e bela.



OUTRA SIGNIFICATIVA cena de «Paixão Brasadora» (La Marie du Port, seu nome original), com a nova sensação das telas de Paris, Nicole Courcel, na interpretação de amorosa e ingenua.



VALENTINA CORTESE, atriz cinematográfica italiana está em Hollywood fazendo um filme. Êste garôto é o seu filho «artístico»; mas já há tanta amizade que parecem mãe e filho.



ERROL FLYNN, no papel de Soames Forsyte, numa Londres do ano 800, numa cena com Greer Garson, sua espôsa Irene, num filme de grande emoção, passado numa época cheia de preconceitos.

A NOIVA QUE NÃO QUERIA CASAR













CONSEGUIRÁ DEAN ROUBAR KAREN DO AFETO DE CRAIG?



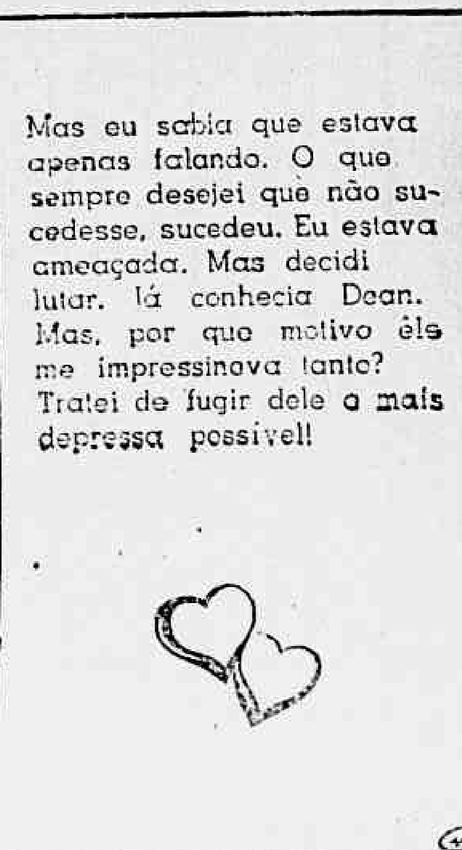












Tudo isto aconteceu

DE MARTE A NOVA YORK



TÔDAS as grandes cidades têm seus aspectos excêntricos. O que acaba de acontecer em Nova York é um dêsses episódios que só ocorrem mesmo em grandes e movimentadas metrópoles. Um cidadão daquela cidade achou que devia "naturalizar-se" marciano, isto é, natural do planeta Marte e vestir-se como os habitantes de lá, segundo sua imaginação concebera. Seu aspecto era o seguinte: rosto verde, paletó e calças justíssimas no corpo, à cabeça um capacete prateado e com asas como as de Mercúrio, e, por fim, insígnias de discos voadores ao peito, tudo muito bem visível. Nestres trajes percorreu as ruas mais centrais e movimentadas de Nova York, onde foi visto por milhares de pessoas. Entretanto, segundo o seu próprio testemunho, apenas umas oito se detiveram para indagar-lhe "quem era". Ao atravessar a Quinta Avenida e, em seguida, a rua Quarenta e Dois, notou que muitos indivíduos o fitavam, mas não prestavam muita atenção. O mais engraçado foi o que lhe sucedeu quando uma senhora se aproximou e, olhando-o de alto a baixo, disse-lhe em tom de comiseração: "Olha aqui, moço, eu tenho um bom remédio para a enfermidade que o senhor tem no pé". Em certa ocasião notou que estava sendo seguido disfarçadamente por dois policiais. Os mantenedores da ordem urbana ficaram intrigados com aquêle sujeito esquisito. Não era nenhum propagandista, pois não trazia nenhum letreiro. Depois de o acompanharem durante longo trajeto, perguntaram a um jornalista conhecido "que diabo era aquilo". Então o repórter respondeu: "E' um homem de Marte". Os policiais balançaram com a cabeça e concluíram: "Deve ser algum louco". Em seguida, porém, tudo se esclareceu. Era publicidade de uma revista popular!

PAPAGAIO

NÃO há no Brasil uma ave tão popular e querida como o famoso papagaio. Serve de enriquecimento das tradições jocosas de nosso povo e dá matéria para desopilantes anedotas em tempos de efervescência política. Mas isso não é sòmente no Brasil. Também nos países do Velho Mundo o papagaio goza dessas prerrogativas de misturar sua inteligência e suas malandragens com os homens. Ao tempo de Hitler surgiram na Alemanha várias histórias de papagaio. Disney, o inimitável Walt Disney, ficou tão encantado com o nosso papagaio que criou a figura do "Zé Carioca". De quando em quando surgem nos Distritos Policiais questões entre vizinhos acêrca de papagaios. Agora mesmo o delegado Aládio Amaral, um pernambucano que sabe muito bem de quanto é capaz um papagaio inteligente e loquaz, oficiou ao Sr. Diretor do Gabinete de Exames e Perícias do DFSP, que êste providenciasse com a necessária urgência sôbre êstes pontos: **a)** — Que os peritos fôssem à casa da rua tal, e examinassem um papagaio; **b)** — que respondessem aos seguintes quesitos: se o papagaio apresentava sinais de sevícias ou ferimentos; se falava, quais as palavras que era capaz de pronunciar; sua idade provável; se, de fato, a dita ave era mesmo papagaio. O sr. Carlos Vilanova, Diretor do Gabinete de Exames Periciais, não dispondo de serviços de **papagaioscopia,** mandou arquivar o documento do Delegado do 23.º Distrito. Mas, afinal, por que tanto barulho? Apenas por isto, leitor: Um vizinho do dono do papagaio não suportando mais as palavras feias que a ave dizia, pegou-o e deu-lhe uma surra. O dono foi queixar-se. A polícia interveio e, daí, aquêle ofício perfeitamente justo do dr. Aládio Amaral. E é o caso de repetir: Papagaio!



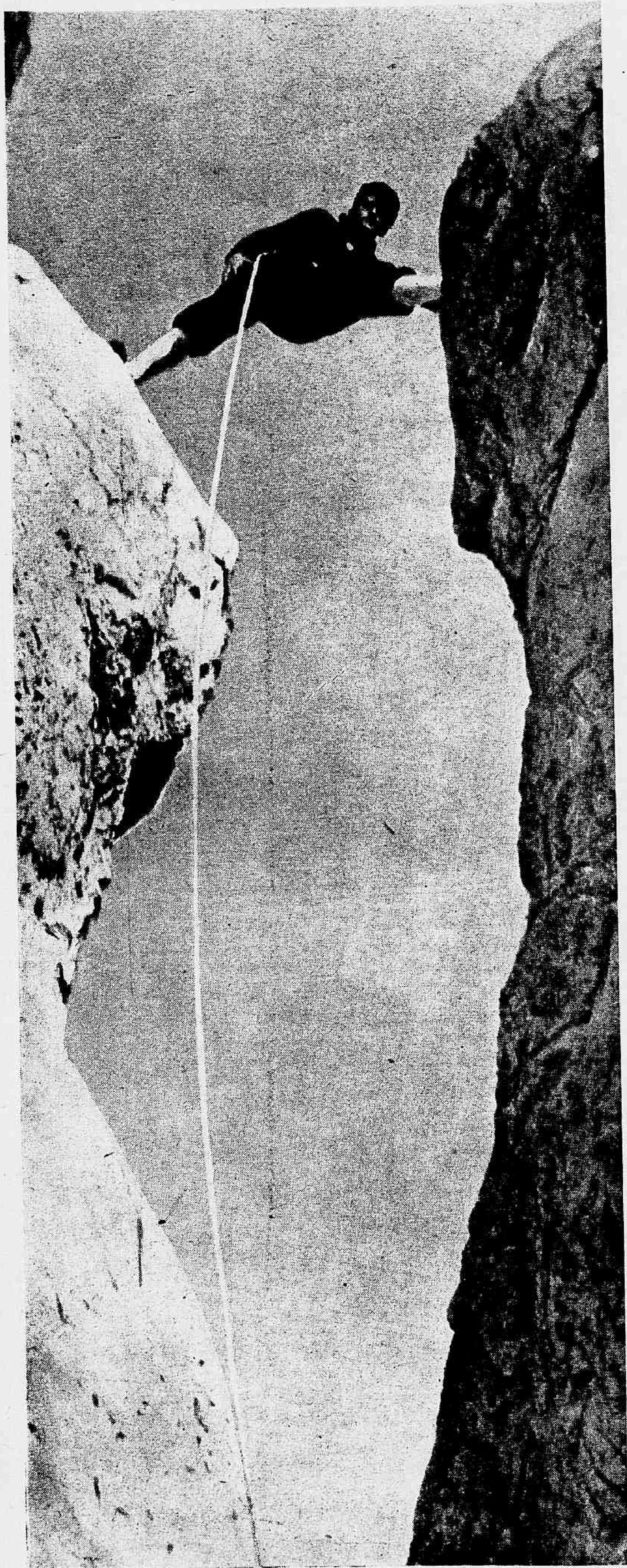
OS NEGROS ESTÃO SENDO muito procurados para certos cartazes de publicidade, especialmente os de pastas dentifrícias e de bebidas fortes. Aqui vemos um dêsses negros norte-americanos em pôse para uma Agência de Publicidade que está aproveitando o «jeitão» dêle a fim de vender projetos de cartazes e painéis. A frente um dêsses modelos, vendo-se um preto com uma bandeja cheia de whisky, a rir de satisfação, como que convidando o leitor para uma «bicada». Quando não é isso, é com pastas para embelezar dentes. Na verdade, não há raça que os possua com tanta beleza, como os indivíduos de raça negra.



QUEM SERÁ ÊSSE COM UM "M" no robe de chambre? Se não o reconhecem, vamos logo dizendo quem é: Maurício Chevalier. Depois de longa ausência dos palcos parisiences, o famoso cançonetista que o mundo inteiro admira, e que hoje está com 62 janeiros bem contados, apareceu ao público de París no dia em que fazia mais uma primavera. Maurício cantou várias cousas, inclusive uma curiosa canção intitulada «Avenue Foch», durante a qual êle forneceu aos espectadores seu endereço e telefone. Quando terminou o sucesso, seu camarim se encheu, como vemos, de pessoas que lhe pediam autógrafos.



AS TRAGÉDIAS DOS MINEIROS na Inglaterra não têm fim. De quando em quando lá se ficam êles nas entranhas da terra, entre o pó de carvão de pedra e os desmoronamentos, resultando dêsses acidentes numerosas mortes. Aqui vemos um dêsses últimos dramas dos trabalhadores. Mães, espôsas, irmãos e filhos, aguardam na área da mina o resultado dos socorros enviados para salvar oitenta operários vítimas de acidentes no interior da mina, em Cresswell. Após o desabamento sobreveio o incêndio e um mar de fumo e fogo impediu que da superfície fossem enviados socorros eficientes. Famílias se cobriram de luto e dezenas de vidas se perderam.



GASTON REBUFFAT é um marselhês dedicado ao perigoso e sensacional esporte do alpinismo. Quando foi convidado a integrar a caravana que se destinava a escalar o cume do Annapurna, na Índia, nos domínios do Himalaia. Gaston teve a idéia de fazer alguns treinos antes de partir. Ei-lo aqui, a desafiar a vertigem das alturas, numa atitude de cabrito que não teme escorregos pelos penhascos abaixo. A natureza que lhe serviu de treino fica nas vizinhanças de Marselha, onde há penhascos abrutos e de difícil acesso.

UM HERÓI BRASILEIRO

JÁ tivemos oportunidade de, em tópico desta mesma página, ocuparmo-nos da última regata de veleiros entre Buenos Aires e o Rio. Um dos barcos disputantes da grande e empolgante prova, chamava-se "Odin". As notícias que surgiram em nossa imprensa diziam que uma tempestade à altura de Punta del Este, no Uruguai, o havia desarvorado e que êle andava ao sabor dos ventos e das águas. Depois se soube que chegara a Buenos Aires, nos últimos lugares. Mas estava escrito que o "Odin" e seus tripulantes estavam apenas no começo das amarguras. O barco, ao atracar no cais da capital argentina, é apreendido para pagar uma hipoteca. O desportista inglês Herbert Cooper, desiludido, arranjou as malas e partiu para Londres. Com êle viera de Vitória, Espírito Santo, o marítimo brasileiro Carlos de Paula, por êle contratado para a travessia Rio-Buenos Aires. Antes de partir para a Inglaterra, Mr Cooper forneceu ao seu auxiliar algum dinheiro, de maneira que o marujo nacional não passasse fome em terra estranha. Mas a soma que lhe dera o "patrão" do "Odin", não dava para nada. Poderia com ela comer alguma coisa e pagar uma "vaga", isso por poucos dias. O tempo foi correndo e a situação se agravava cada vez mais. Isso passava em março dêste ano. Nos fins da-quele mês, já não podendo mais suportar as aflições por que estava passando, Carlos de Paula procurou a Embaixada Brasileira em Buenos Aires e pediu que o auxiliassem a voltar ao seu país. Mas não conseguiu. Desesperado, resolveu vir a pé. A 2 de abril caíu nesse ôco de mundo, chegando ao Rio a 19 de novembro último! Sete meses e dezessete dias a pé! Um herói. Nos tempos de Homero, seria imortalizado.





VIVE MORTO

SERÁ possível, leitor, que uma pessoa, depois de morta, o seu coração continue vivo, a pulsar como se o corpo do seu dono estivesse vivo? Todo mundo dirá que isso é impossível. Pois acaba de verificar-se agora na cidade de Lille, na França, êste caso absolutamente verídico e dos mais estranhos em matéria de cirurgia e medicina. Quando o dr. Soulier, cirurgião do hospital da cidade, procedia à redução de uma fratura em certo paciente cardíaco, foi êste fulminado por uma síncope. Diante do acidente operatório, o médico abriu imediatamente o tórax do operando e, com auxílio de outros colegas, passou a aplicar massagens no coração do "morto". Com surprêsa geral, dez minutos após o desenlace, o coração do "cadáver" começou a pulsar. Imediatamente o operado foi colocado num pulmão de aço, e, após dois dias de observação, continuava o coração do homem a pulsar normalmente. Agora, o caso na sua esquisitice desnorteadora: segundo os médicos que o examinam, está o paciente "cientificamente morto" em nada alterando a situação de vida efetiva o funcionamento do coração. Dizem que o corpo dêsse cidadão que "vive morto" é alimentado com injeções de sôro glicosa, e as autoridades médicas estão seguindo com a máxima atenção e curiosidade êste caso inédito, e declararam que se deve guardar grande prudência quanto ao resultado final dessa curiosíssima "ressurreição". Já conhecia a medicina alguns casos de revivescência do coração por meio de injeções e de massagens; mas que um coração funcione no corpo de um cadáver?...





AS FILHAS DE BASIONI

MÁRIO Basioni é um italiano de Pozzo Magra onde é casado já se vão seis anos. Basioni é ótimo pai e excelente esposo. Vive para a família, dedica-se ao seu lar com o maior carinho, e, por isso, é abençoado por Deus. Sucede, porém, que o nosso amigo sempre desejou que sua espôsa lhe desse um filho varão, um homenzinho para ajudá-lo e substituí-lo na casa quando a morte o levasse. Entretanto, a senhora Basioni só lhe dava meninas. Já estavam com três e, todos os anos, vinha mais uma até que chegou a meia-dúzia. Basioni fazia promessas a todos os santos e aos bons espíritos protetores para que sua mulher desse à luz um garoto, que a casa já estava cheia de saias. Mas a senhora não era culpada. Nem êle, nem as meninas. Isso de nascer homem ou mulher é questão misteriosa entre cromosomas na vida íntima da biologia onde são fabricados os seres humanos. Últimamente ela apareceu novamente em estado interessante. O nosso prezado Basioni teve um pressentimento: desta vez viria um menino! E foi logo procurando um nome para o pimpolho. Os vizinhos e amigos, os parentes e as pessoas da família o felicitavam. As comadres deram palpites: "Agora vem mesmo um menino, Basioni. Será um **bambini** de mão cheia!" E chegou o dia crucial. O ditoso pai esperou pelos resultados, fumando cigarros sôbre cigarros, mais impressionado do que um recruta ao receber seu batismo de fogo nas linhas de frente. Enfim! A enfermeira veio anunciar: "Três meninas, sr. Basioni!" Êle sentiu gelar-se-lhe o sangue nas veias. Uma penumbra o tonteou. Então, em lugar de um **bambino** três **ragazze**? Não teve dúvidas: lançou-se pela janela abaixo, com vontade de suicidar-se e fugir da vida! Mas escapou e se confessou vencido...



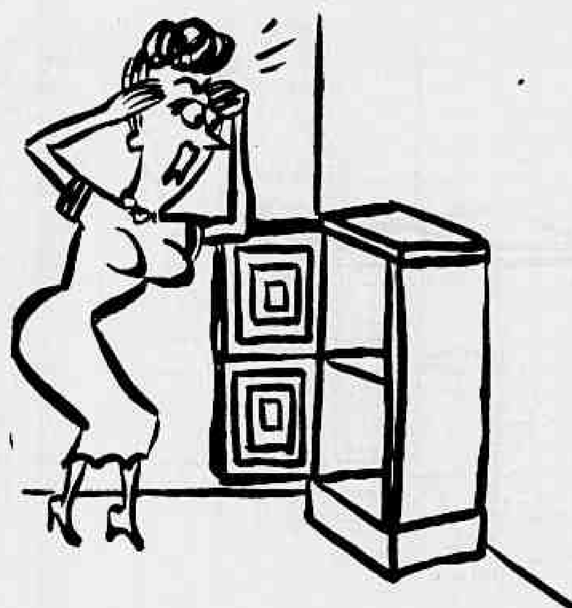
HABILIDADE DE INQUILINO



NESTES tempos de tremendas dificuldades em relação a moradias, quando um cidadão consegue uma casa, um apartamento, um buraco qualquer onde possa existir ao lado dos seus, pode dar mil graças aos céus pelo privilégio que lhe concederam. Casas e apartamentos, há, não resta dúvida; mas a questão não está no "haver" e sim no "ser possível" alugar. Quando o aluguel é favorável, as luvas são de matar; quando não há luvas, o aluguel esmaga o pretendente. E assim prossegue a tragédia interminável dos sem teto. As ações de despejo se amontoam em nosso foro e nos foros de outras nações que passam pelas mesmas apertúras. Um cidadão compra uma casa ou apartamento a um terceiro que já o alugara a inquilinos que ocupam o imóvel. Para serem despejados é preciso recorrer a advogados, êstes a juízes, de maneira que a ordem de "desinfetar" seja feita com tôdas as formalidades legais para evitar nulidades. Nos Estados Unidos, na cidade de Davenport, se passou agora um episódio curioso e inédito. Mr. James Wigner morava, com espôsa e filhos, em determinada casa daquela localidade. Um belo dia foi a casa comprada e o novo dono exigiu que êle desocupasse o beco. Lá como aqui, uma ação de despejo dessa natureza é coisa muito séria, pois que se trata de uma necessidade do próprio dono que também está sem ter onde morar. Mr. Wigner não opôs nenhuma objeção e se retirou para outro local. Mas a família continuou a ocupar a casa. Interpelado pelo autor da ação, declarou êle que havia cumprido o mandado; quanto à família, ficara ali porque o despejo era sòmente para êle... E o dono teve que promover nova ação contra todos os demais, nome por nome...



E AS PIAS SE FORAM



O caso que acaba de verificar-se em Buenos Aires com uma senhora brasileira, precisa ser divulgado, a fim de que não venham outras pessoas cair nas mesmas dificuldades. Marcele Ribeiro Moreira fôra à capital platina e ali desembarcara a 7 de dezembro de 1941, como turista, hospedando-se no Hotel Nogaro. Para maior garantia de seus haveres em dinheiro e jóias enquanto gozava das delícias de sua excursão pelo país amigo, alugou um dos cofres do hotel, ficando com o respectivo jôgo de chaves. Fêz seus passeios pelo interior da Argentina, e, ao regressar ao hotel verificou que todos os valores ali deixados tinham tomado rumo ignorado. Foi à gerência do "Nogaro" e deu parte. Afirmou ter deixado ali duzentos e cinqüenta contos de réis e jóias antigas, com 25 e 30 anos, adquiridas pelo total de um milhão e quinhentos mil francos-ouro. Verdadeira fortuna, já se vê. O hotel se recusou atender sua queixa e o assunto foi bater às portas da Justiça. Examinados os autos e inquiridas as pessoas em tôrno do caso de sabor policial, foi esta a sentença do Tribunal de Recursos: rejeição do pedido de indenização que a vítima formulara contra a Sociedade de Hotéis Nogaro. Os motivos foram perfeitamente jurídicos, para êste desfecho do caso. A hóspede se esquecera de duas particularidades indispensáveis à validade de sua queixa: não deu nenhuma ciência de suas precauções ao gerente do Hotel, nem tampouco exigiu do mesmo o competente recibo de tão grande depósito. Por sua vez, ao desembarcar em Buenos Aires, deixara de fazer à Alfândega as necessárias declarações sôbre as jóias. Aí está um exemplo que deve servir a quantos têm oportunidade de viajar pelo estrangeiro, ou de hospedarse em hotéis, aqui mesmo no Brasil.



UM ESCRITOR ESQUISITO

O caso de William Faulkner, escritor norte-americano, honrado com o Prêmio Nobel de Literatura dêste ano, é dos mais estranhos. Tendo sido beneficiado com êsse prêmio, um dos maiores sonhos de todo literato, logo que soube que tinha sido o escolhido pela Academia Sueca, resolveu renunciar ao mesmo, dirigindo uma carta ao correspondente norte-americano do jornal sueco "Dagens Nyheter", avisando que não comparecerá a Estocolmo para receber o bolada. Segundo afirmam, o montante dêsse Prêmio se eleva a grande soma em dinheiro, coisa vizinha de dois milhões de cruzeiros. Além disso, só o fato de ter sido o escritor o eleito para fazer jus a tão grande honra de caráter internacional, garante-lhe os pináculos da fama e as magnificências da glória. Mas Mr. Faulkner não quer ir à capital da Suécia para embolsar o paêmio. Qual o motivo? Diz a notícia de onde tiramos êste tópico que êle, ao renunciar a tão grande prêmio "revela a esperança de que a soma seja empregada em designio correspondente ao caráter da doação". Não está muito clara essa redação. Talvez seja tradução imperfeita. Que deseja êle que se faça com o dinheiro que lhe foi oferecido? Que seja dividido por outros escritores à vontade dos distribuidores do Prêmio Nobel? Não está claro o seu pensamento, segundo lemos no telegrama de Estocolmo, vindo para nossos jornais pela AFP. Com o velho Bernard Shaw também sucedeu isso. Quando foi distinguido com um dêsses prêmios de literatura, não quis aceitar e renunciou aos seus benefícios. Não sabemos o que fêz da soma, a Academia de Estocolmo. Êsses casos são curiosos, não há dúvida.



FOI ENCONTRADO O HOMEM QUE CHORA





FOI ENCONTRADO O HOMEM QUE CHORA! Quem é êle? E' o sr. Jerome Bazzotti. Por que chora? O fato se liga à retirada das tropas francesas para a África, embarcadas em Marselha, quando a França foi invadida pelos alemães. Aquêle homem estava no cais e, diante do espetáculo da derrota de sua pátria, êle não reteve as lágrimas. O jornal "Sept Jours" publicou a cena, mas ninguém pôde identificar "Le Français qui pleure" (O francês que chora). Agora, porém, fotógrafos do "Paris-Match" o fotografaram por acaso, em Marselha, e foi êle identificado. Trata-se de um industrial e reside no boulevard Hugues, em ótima casa.

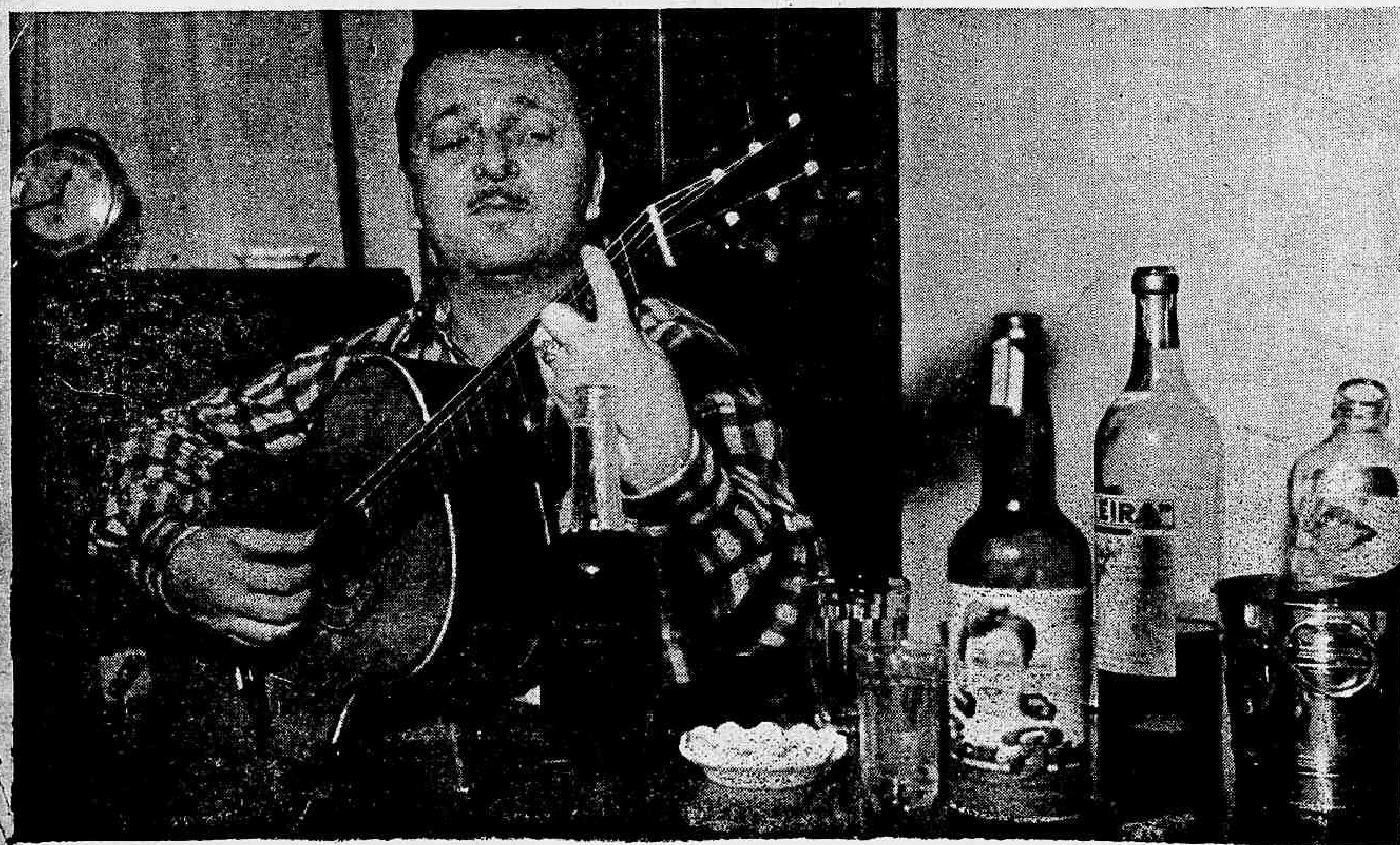


ESTA FOI A FOTO MAIS INDISCRETA daquela semana lá na França. Um banhista que estava sem saber o que fazer, viu, de repente, surgir uma sensação: o pintor Picasso, Maurice Thorez e suas respectivas companheiras: Françoise Gillot e Jeannette Vermeersch, todos a espairecer na praia de Golfe-Juan, diante do "Chez Nenou", célebre restaurante a Picasso, isto é, construído e decorado sob a escola picassiana. E o nosso fotógrafo, que estava sem novidades, bateu êste flagrante que constituiu enorme sensação na imprensa.



"ATIRE A PRIMEIRA PEDRA..."

POUCAS vêzes, no Brasil, um incidente doméstico ocorrido entre um casal de artistas terá repercutido da maneira ampla e ruidosa que se verificou em relação a Dalva de Oliveira e Herivelto Martins. Eram, marido e mulher, considerados um dos mais felizes pares do rádio brasileiro, integrante do famoso Trio de Ouro (com Nilo Chagas), três artistas cuja popularidade, nestes últimos anos, vinha atravessando fronteiras. Soube-se, um dia, que desavenças conjugais haviam imposto a requisição do desquite — e o fato não assumiria maiores proporções se deixasse de refletir-se no trabalho profissional de Dalva e Herivelto. Surgiram, então, as primeiras gravações, estabelecendo renhida "polêmica amorosa" entre ambos. Enquanto a letra de uma canção do novo repertório de Dalva de Oliveira fazia alusões indiretas mas expressivas aos motivos do desquite — outra, de autoria de Herivelto Martins dava a réplica. E daí surgiu uma chuva de gravações, que o público vem adquirindo com desusado interêsse. E' à margem dêsse palpitante caso que se faz sentir uma das grandes reportagens destinadas ao nosso próximo número. Pela primeira vez, Dalva e Herivelto vão falar sôbre o assunto, e suas declarações por certo estarão sendo aguardadas com o mais vivo interêsse pelo público que nestes últimos tempos fêz esgotar dezenas de milhares das gravações aludidas.



CORREIO DA REVISTA

R. Victorie Butterby — S. Paulo — Foi aprovado o seu conto «Fatalidade». Continui.

Luiza-Maria — Rio — «O crime da famosa escritora» foi aprovado. Sairá nesta ou na próxima edição.

Manuel da Silva Carvalho — Presídio do Distrito Federal — Queira esclarecer o que deseja, pois o conteúdo de sua carta nos deixou sem compreender o que V.S. quer.

Theresinha Abreu — S. Paulo — Não consta nada em nosso arquivo acêrca do seu conto. Se puder enviar uma cópia, será bom.

Walter B. Maia — Pôrto Alegre — Recebemos os seus dois contos, «Cara de Anjo» e «Astúcias de Mulher». Aguarde.

A. da S.D. — S. Paulo — Muito curto o seu conto «A Vingança do Cangaceiro».

A.D. — Rio Grande — R.G. do Sul — O seu «Um fósforo», está muito grande.

M.H.A. — Santa Cruz do Sul — R.G. do Sul — Há defeitos muito sérios no seu trabalho «Último Capítulo», especialmente quanto ao português. Mas, continui. Não desista diante desta resposta. Procure aperfeiçoar-se, pois você tem jeito para a ficção.

H.C. da S. — Rio — «Dilema de um coração» estava curtíssimo.

J.M.B. — Pôrto Alegre — Recebido o conto «O chapéu de Anita». Quanto aos outros é conveniente ir mandando, à proporção dos julgamentos, para que não haja acúmulo. No mais, estamos às suas ordens e, com prazer, o ajudaremos.

Vicente C. de Carvalho — Rio — Vamos ver o que há com o seu conto «Delírio»; mas, se já foi aprovado, deverá sair na «vez».

A. de C. — S. Paulo — Consertando-se o português e limpando-se um pouco a história de certos trechos um tanto impróprios para leitoras desta Revista, talvez fôsse aproveitado «Morte por piedade».

C.S. de M.F. — Rio — «Vozes» não foi aproveitado. O amigo tem muita imaginação; mas precisa dar certo rumo ao conto, quando destinado ao leitor desta Revista, isto é, com literatura mais adaptada ao nosso mundo.

W.B.M. — Pôrto Alegre — R.G. do Sul — A «Moeda» não passou. O mesmo com o outro, «Subconsciência».

G. de Castilho Freire — Aprovado o «Macumba».

Henrique Amorim Filho — S. Rita do Sapucaí — Minas — Foi aprovado o seu conto «A Herança de uma Guerra».

João Jorge da Cunha — Nova Iguaçu — Estado do Rio — Muito curto o seu «Os Flagelados».

T.T. — D. Federal — «Julião» não passou.

N. dos S. — Rio — «A primeira missa» está muito cheio de linguagem matuta. E muitos êrros de português.

C.S. de M.F. — Rio — «Vozes» tem imaginação; mas o estilo o estragou.

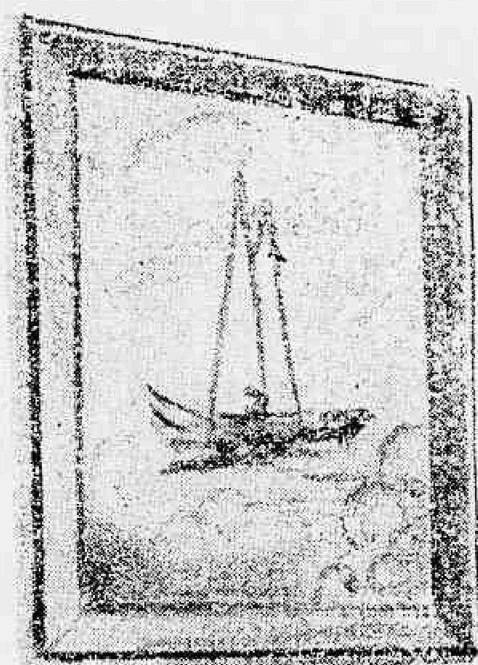
Guido Wilmar Sassi — Lajes — Santa Catarina — «Piá» foi aprovado.

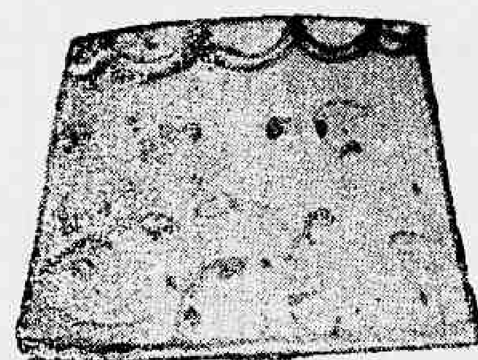
RESPOSTAS AO TESTE

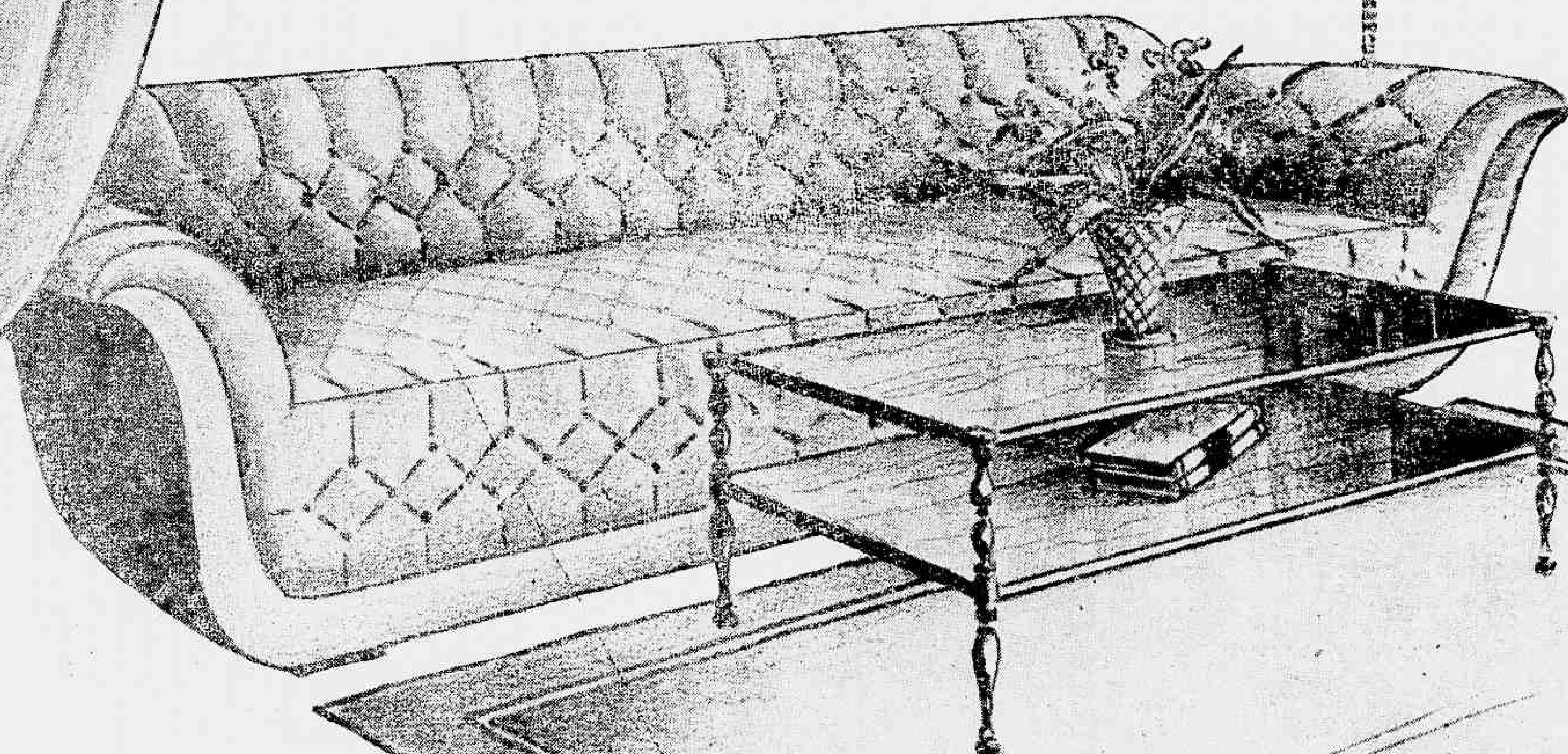
1—Batalha de Riachuelo
2—Em Campos, Estado do Rio
3—Quase ilha
4—Em forma de cunha
5—Um filosofo
6—Cêrca de setenta
7—Triunvirato
8—Aos que não falavam latim ou grego
9—De Marca (Terras de fronteira ao tempo de Carlos Magno)
10—1058 (De 395 a 1453)
11—Vingar a morte de Maria Stuart
12—A rainha Isabel
13—Última letra do alfabeto grego
14—Ato de preparar veneno para fins criminosos
15—Medida de distância da Rússia 1067 metros)
16—Incêndio de Olinda pelos holandeses
17—Poema de três oitavas e uma oferenda
18—Cavalo de parada de soberanos e principes na Idade Média
19—Pechisbeque
20—Medir a velocidade e fôrça dos ventos.

MÓVEIS e DECORAÇÕES

ORÇAMENTOS EXECUTADOS
POR TÉCNICOS-DECORADORES



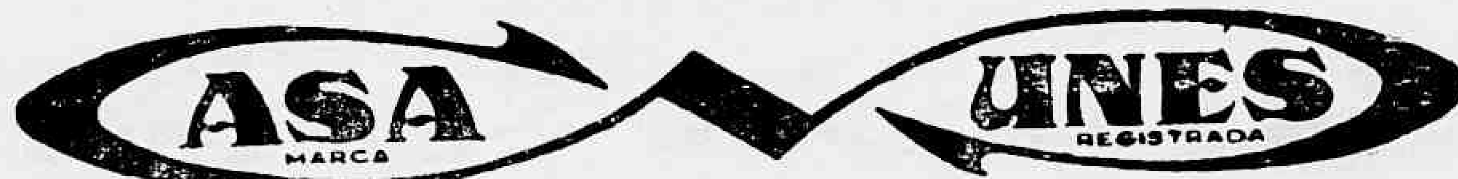




Projeto e execução da
CASA NUNES

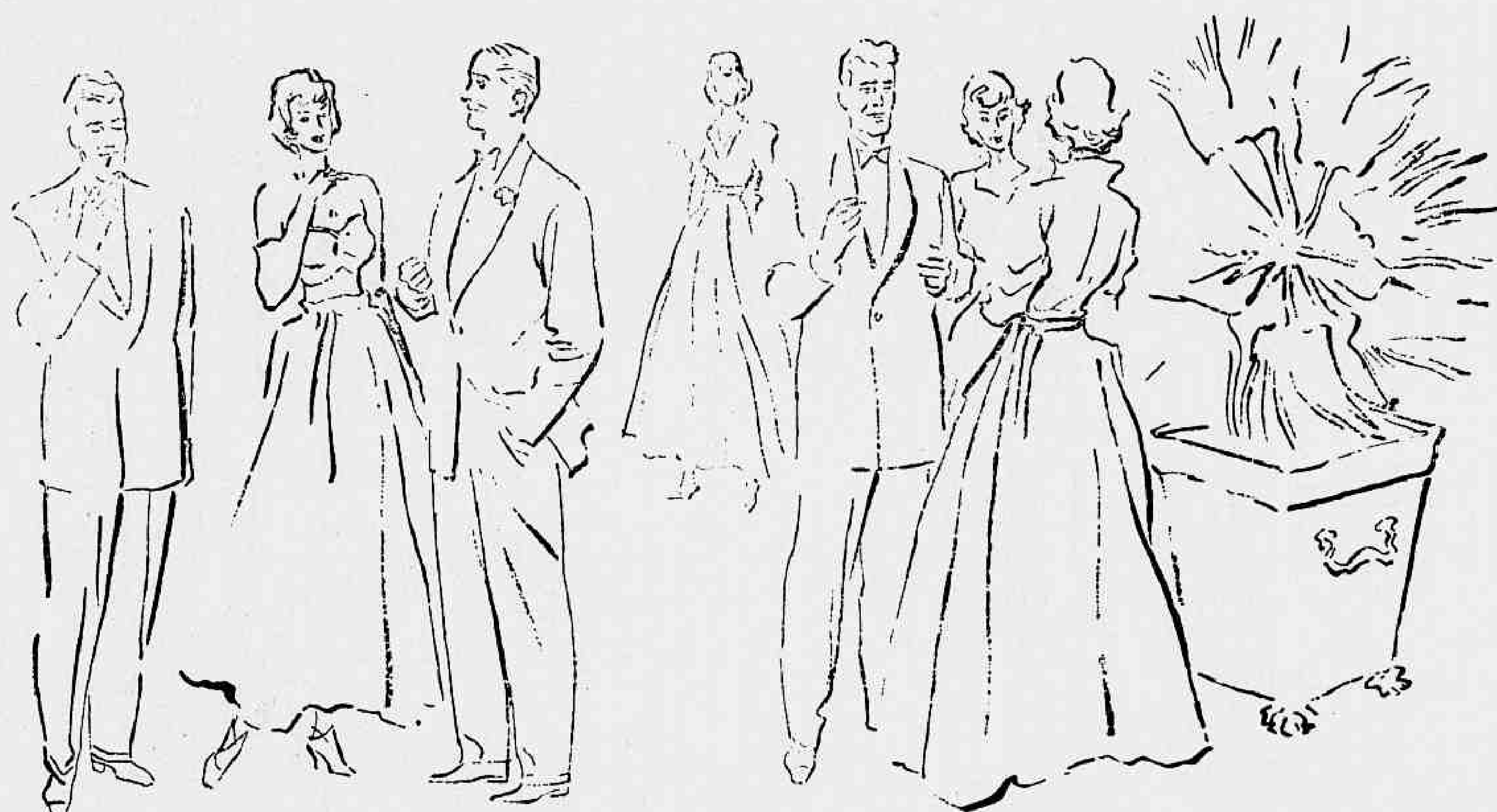
GRUPOS ESTOFADOS
— UMA ESPECIALIDADE DE NOSSAS OFICINAS
PRONTOS PARA ENTREGA IMEDIATA

TAPÊTES E PASSADEIRAS
PARA FORRAÇÃO EM TODOS OS
TAMANHOS E CÔRES



65 RUA DA CARIOCA 67 — RIO

Escolha Unânime de uma Sociedade Exigente



Hollywood tem hoje mais fumantes do que nunca – conta, na verdade, com mais fumantes do que todas as marcas da mesma categoria combinadas... o que vem provar, mais uma vez, que Hollywood é o cigarro eleito das pessoas de bom gosto. Esta inequívoca preferência é o resultado de qualidades intrínsecas, pois Hollywood é o cigarro em que a excelência dos fumos nada fica a dever à perfeição da mistura. Como era de esperar, os fumantes exigentes, que sabem escolher, fizeram de Hollywood mais que um cigarro... uma tradição da sociedade brasileira!



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

um produto SOUZA CRUZ